



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na comemoração do 1º de Maio promovida pelo Sindicato dos Metalúrgicos do ABC

São Bernardo do Campo-SP, 1º de maio de 2010

Meus queridos companheiros e companheiras do nosso querido ABC, de São Bernardo do Campo,

Marinho, primeiro, o ABC está de parabéns por duas coisas: Santo André está na final do Campeonato Paulista e São Bernardo subiu para a divisão especial. São duas coisas importantes que estão acontecendo no ABC, porque no ABC, até então, futebol não era uma coisa muito valorizada. O estádio 1º de Maio, que servia só para a gente fazer greve, agora vai servir como domingo, lotado de gente, para assistir o São Bernardo do Campo ascender à primeira divisão, e, logo, logo o “Coringão” vai vir jogar aqui e vai precisar de muito mais gente. Ó, meu compromisso com vocês – eu não sei se este ano vai ter –, mas o primeiro jogo que o São Bernardo for fazer na divisão especial contra o “Coringão” aqui, nós estaremos lá para a gente comemorar juntos, e eu vou torcer pelo empate, obviamente.

Mas, companheira Dilma, companheira Dilma, eu queria que você viesse aqui e o Marinho, e o Marinho para a gente ter uma conversa aqui. Eu não sei, não sei se os companheiros que cuidaram desta luz aqui, se podiam mexer um pouco nisso para não ficar muito na cara da gente aqui, que me atrapalha. Bom, isso parece um “João-bobo”, a gente empurra, volta. Não, é porque a gente não consegue ver vocês. Então, eu queria pedir ao companheiro daquela luz extraordinária lá, se pudesse apenas tirar um pouco dos meus olhos... Maravilha, querido! Apaga... Aí, querido! Maravilha! Eu não sei se eu estou atrapalhando o teu trabalho, mas, certamente, a luz estava atrapalhando o meu



porque eu não consigo falar sem ver a cara das pessoas. Eu aprendi, desde pequeno, que se a gente quiser saber se uma pessoa está falando a verdade, você tem que estar olhando no olho da pessoa. Não é a palavra, é o olho. Então, eu quero olhar nos olhos de vocês e quero que vocês olhem nos meus olhos para que a gente possa ter uma conversa muito franca.

Companheira Dilma Rousseff, você que é nascida... Ô Marisa, venha aqui. Venha aqui, Marinho, venha aqui, Aloizio Mercadante, aqui, já fica todo mundo aqui. Olhem, a Dilma... Você que é nascida em Minas Gerais e você que trabalhou muito em Porto Alegre, você precisa conhecer um pouco da história do ABC Paulista e, sobretudo, dos trabalhadores do ABC Paulista. Aqui, Dilma, neste paço municipal, neste paço municipal, a gente conseguiu mudar a história deste país. Eu não quero ser presunçoso, eu não quero ser presunçoso, mas a verdade, Dilma, é que enquanto a classe operária não fez as greves no ABC, a gente não conquistou a democracia neste país. Foi a greve da Scania, em [19]78, e depois a quantidade de greves que nós fizemos na Ford, na Mercedes, na Volkswagen, na Brastemp, na (incompreensível) e em tantas outras, que a gente conseguiu criar uma consciência política. Só para você ter ideia, em 1978, o ABC inteiro tinha apenas um vereador de esquerda, dos trabalhadores, um vereador. Hoje nós temos a prefeitura de Diadema, a prefeitura de São Bernardo, a prefeitura de Mauá, e temos a prefeitura de Osasco, a prefeitura de Guarulhos, porque daquele momento para cá, a classe trabalhadora aprendeu, de forma extraordinária, que o papel dela não era apenas o papel de reivindicar. Era o papel de dirigir este país.

Pois bem, muita gente achou que era loucura um metalúrgico querer ser candidato a Presidente da República, parecia impossível, e nós conseguimos, em apenas 20 anos, criar o mais importante partido de esquerda da América Latina, conseguimos chegar à Presidência da República, e conseguimos provar que ninguém está mais preparado para governar o Brasil do que a classe trabalhadora brasileira.



Eu chamei você aqui, Marinho, porque ontem eu fui à posse do Sindicato empresarial da indústria automobilística. E vejam vocês uma coisa: ontem, a indústria automobilística brasileira, que era a nona do mundo, neste primeiro quadrimestre do ano, nós passamos a Alemanha e fizemos a quarta produção de automóvel do nosso país. Nós demos um salto de qualidade extraordinário. A indústria automobilística vai investir, até 2015, Marinho, R\$ 15 bilhões aqui no Brasil, gerando empregos, gerando tecnologia e gerando renda para o povo brasileiro.

É essa a novidade política que nós estamos vendo acontecer no nosso país. Nós já fizemos a Universidade Federal do ABC, que já está quase concluída em Santo André, e está quase o campus sendo concluído aqui no ABC... em São Bernardo, já começamos a construção. Nós fizemos a universidade em Diadema, fizemos em Santos, vamos fazer em Mauá – é só o Osvaldo arrumar o terreno, nós vamos fazer –, fizemos em Guarulhos, fizemos em Osasco e fizemos 14 universidades novas no nosso país. Veja a ironia do destino, Dilma: eu sou o único Presidente da República que não tenho diploma universitário, o único neste país, e já sou o Presidente que mais fez universidades na história do país. Não é ironia do destino? O Brasil já teve professor, o Brasil já teve general, o Brasil já teve advogado, o Brasil já teve sociólogo, o Brasil já teve tudo na Presidência. Este, que só tem o diploma do Senai, já é o Presidente que mais fez universidades na história do nosso país.

Mais ainda, companheira Marta, em cem anos, em cem anos, a elite brasileira que governou este país construiu 140 escolas técnicas, em cem anos. Eu... Em oito anos, vamos entregar 214 escolas técnicas no Brasil, ou seja, uma vez e meia... em oito anos, nós estamos entregando uma vez e meia aquilo que eles fizeram em cem anos neste país.

Mais importante, mais importante, companheira Dilma, o ProUni. O ProUni colocou na escola... este ano nós vamos chegar a 726 mil jovens da periferia deste país, das escolas públicas, fazendo curso universitário, pessoas



que jamais poderiam estudar porque não tinham dinheiro para pagar.

Essas coisas todas vão mudar a vida deste país. Este país, que era humilhado... Eu queria dizer para vocês – e o Marinho viveu isso, o Vicentinho viveu isso, o Nobre já viveu, o companheiro Grana já viveu isso –: aqui nesta cidade a gente já fez greves extraordinárias, e a gente voltava a trabalhar sem ganhar nada de aumento de salário, nada. No meu governo, em sete anos, todos os anos os trabalhadores tiveram aumento real de salário, todos os anos.

Vocês estão lembrados que neste país se afirmava que não podia dar aumento para o salário mínimo porque ele iria causar inflação. Faz sete anos que nós aumentamos o salário mínimo e a inflação está controlada, e todo mundo sabe que nós vamos controlar a inflação e que ela não vai voltar porque a inflação não prejudica o rico. A inflação prejudica quem recebe salário no final do mês, e aqui em São Bernardo nós já tivemos inflação de 80% e já vivemos isso – de 40[%], de 50[%] – e é o trabalhador que paga o preço da inflação.

Por isso, companheira Dilma Rousseff, você hoje veio no 1º de Maio daquela classe trabalhadora mais organizada deste país. Aqui, Dilma, o pessoal tem consciência: na indústria metalúrgica de São Bernardo do Campo, um trabalhador ganha simplesmente o dobro de um trabalhador da mesma indústria no Paraná, no Rio de Janeiro ou em Minas Gerais. Não é que o empresário daqui é melhor do que o de lá. É que o trabalhador daqui brigou mais do que o trabalhador de lá, o trabalhador daqui lutou muito mais.

Por último, companheiros e companheiras, eu queria agradecer a cada um de vocês, a cada um de vocês pelo carinho que vocês têm dado ao nosso companheiro Marinho, prefeito desta cidade. Eleger o Marinho prefeito desta cidade é a possibilidade de a gente fazer aqui o que a gente está fazendo lá em Brasília. O Brasil virou outro: 31 milhões de pessoas deixaram de viver na miséria e passaram para a classe média brasileira. Na crise econômica, que quebrou Estados Unidos, quebrou Japão e quebrou a Europa, quem sustentou o Brasil foi a classe pobre deste país, que foi às compras para manter o país



funcionando. E, sobretudo, as classes D e E, que conseguiram ir para shopping, Marta. As classes D e E do Norte e do Nordeste consumiram mais do que as classes A e B da região Sul e Sudeste deste país.

Este país já não é mais um país que tem subordinação ao Fundo Monetário Internacional. Vocês estão lembrados, dez anos atrás, a gente vivia com uma mulher e um homem do FMI descendo no aeroporto para dizer para o governo “Você pode fazer isso, você pode fazer aquilo”, e o governo de cabeça baixa. No nosso governo, nós dissemos: aqui quem manda não é FMI. Aqui quem manda é o povo brasileiro, aqui quem manda. E se naquele tempo a gente devia 60 bilhões ao FMI ou 30 bilhões, hoje é o FMI que deve ao Brasil US\$ 14 bilhões, que nós emprestamos para ele.

Este país, este país aprendeu a gostar de si mesmo. O povo brasileiro aprendeu a ter orgulho. Nós fomos para Copenhague disputar as Olimpíadas. O Brasil já tinha perdido três vezes. Aí disseram assim para mim: “Ô Lula, não vai a Copenhague disputar as Olimpíadas, porque vai estar lá o primeiro-ministro da Espanha, o Zapatero; vai estar lá o primeiro-ministro de Portugal, ou melhor, do Japão, o Hatoyama; e vai estar o presidente Obama. O Brasil não tem nenhuma chance”. E aí nós fomos para Copenhague. O que aconteceu? O Brasil trouxe as Olimpíadas para o Brasil, derrotando Estados Unidos, derrotando Espanha e derrotando o Japão. Eu tenho certeza que todos vocês, que assistiram o debate lá, ficaram emocionados e orgulhosos do que nós apresentamos lá.

Portanto, meus queridos companheiros e queridas companheiras. Eu, daqui a oito meses, estarei deixando a Presidência da República, estarei voltando para a Prestes Maia, junto com a minha galega, Marisa, voltando a [para] 600 metros do Sindicato que me criou. Do meu apartamento eu vejo a porta... vejo a parede da Volkswagen, onde era a Brastemp, eu vejo o Walmart, onde era a (incompreensível), eu vejo um depósito de material de construção civil. Mas eu volto com a cabeça erguida, de quem sabe que, orgulhosamente,



representou a dignidade do trabalhador brasileiro e mostrou que o trabalhador brasileiro é capaz de governar este país.

Enquanto, enquanto alguns setores aqui no Brasil criticam o governo, nós ganhamos prêmio do melhor governo do ano pelo *El Pais*, da Espanha, pelo *Le Monde*, da França, e agora pela revista *Time*, americana. Nós não fizemos isso por mérito meu, porque eu só consegui fazer o que nós fizemos porque vocês... no coração de cada mulher e de cada homem, tem um “Lulinha” escondido aí, trabalhando muito mais do que eu trabalhei.

Portanto, que quero agradecer a cada um de vocês, dizendo a vocês que o que nós fizemos precisa continuar e, para continuar, todos vocês sabem o que têm que fazer.

Um abraço e até o ano que vem, se Deus quiser.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na comemoração do 1º de Maio Unificado promovido pelas centrais sindicais Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB), União Geral dos Trabalhadores (UGT) e Nova Central Sindical de Trabalhadores (NCST)

São Paulo-SP, 1º de maio de 2010

Meus queridos companheiros da União Geral dos Trabalhadores, da Nova Central Sindical dos Trabalhadores e companheiro da Central dos Trabalhadores do Brasil,

Companheiro Ricardo Patah,

Companheiro Calixto,

Companheiro Wagner Gomes,

Companheiro Suplicy,

Companheiro Aloizio Mercadante,

Deputados federais Aldo Rebelo, Carlos Zarattini e Roberto Santiago,

Nosso companheiro...

Trabalhadores e trabalhadoras,

Minha querida companheira Dilma Rousseff,

Hoje é um dia histórico para a classe trabalhadora mundial e para a classe trabalhadora brasileira. Nós estamos festejando um dia em que, para que nós tivéssemos a situação que nós temos hoje, alguns trabalhadores, no século passado, morreram para garantir que a gente trabalhasse oito horas por dia. Tem muita gente nova que não sabe o sacrifício que foi feito para que a gente atingisse a jornada de trabalho que nós temos hoje. Houve um tempo em que homens e mulheres trabalhavam 16 horas como jornada de trabalho, e na hora em que homens e mulheres se revoltaram contra isso, muitos foram



sacrificados, perderam a vida, e hoje nós estamos aqui comemorando a jornada de oito horas e comemorando o projeto que os dirigentes sindicais conseguiram dar entrada na Câmara dos Deputados, de redução da jornada de trabalho de 40 horas para os trabalhadores brasileiros, para que a gente possa colocar mais gente no mercado de trabalho.

Então, isto aqui não é simplesmente um ato político. Isto aqui é um ato de homenagem a pessoas que nós nem conhecemos, mas que fizeram a luta necessária para que a gente pudesse estar aqui hoje, e estar aqui hoje com dirigentes sindicais da qualidade do Calixto, do Patah e do Wagner, estar aqui hoje com trabalhadores da qualidade dos trabalhadores brasileiros. Eu queria, aproveitando esta oportunidade, dizer para vocês que é o meu último ano como Presidente da República e, portanto, o meu último ano como participante do 1º de Maio exercendo o cargo de Presidente da República.

Eu queria dizer para vocês, companheiros Wagner, Patah e Calixto, que eu estou aqui com muito orgulho. Muito orgulho porque está para terminar o meu mandato e quando eu olhar na cara de cada dirigente sindical, na cara de cada trabalhador ou trabalhadora e a gente analisar o que aconteceu nesses sete anos de governo, a gente vai poder, de cabeça erguida, dizer que valeu a pena a classe trabalhadora acreditar e eleger um metalúrgico, que valeu a pena os trabalhadores elegerem um metalúrgico para presidir este país. O meu orgulho é maior porque este país já elegeu empresários, já elegeu fazendeiros, já elegeu generais, já elegeu advogados, já elegeu professores, mas precisou eleger um trabalhador metalúrgico para a gente fazer o que precisava ser feito neste país para a classe trabalhadora brasileira.

Em primeiro lugar, em primeiro lugar, com exceção da China, não existe nenhum país que criou a quantidade de empregos que nós criamos nesses sete anos de governo. Só para vocês terem ideia, com a crise de 2008, a maior crise econômica que vocês viram e que tiveram notícia, uma crise econômica que quase quebra os Estados Unidos, uma crise econômica que quase quebra



a Europa, com países fortes como Alemanha, França, Inglaterra, Itália e tantos outros, uma crise econômica que trouxe sérios problemas ao Japão... Essa crise – vocês estão lembrados que eu disse em 2008 –, essa crise será uma marola no Brasil. Ela não vai causar, no Brasil, os estragos que causou nos Estados Unidos. Só para vocês terem ideia: no ano passado, nos Estados Unidos, 7 milhões de trabalhadores perderam o emprego; na Europa, mais de 7 milhões perderam o emprego; e aqui no Brasil nós criamos, no ano passado, 905 mil novos postos de trabalho. E vamos terminar, vamos terminar o nosso mandato... (O pessoal está com medo. Eu só queria lembrar ao pessoal que se tem uma coisa que eu estou acostumado é a correr risco num palanque. Fique tranquilo que eu... Fique tranquilo que eu não avançarei a faixa amarela.) Bem, o que é importante é que nós vamos terminar este ano com a economia brasileira gerando, em oito anos, 14 milhões de empregos novos para homens e mulheres deste país, 14 milhões de empregos.

Eu, eu fui dirigente sindical nos anos 70 e, modéstia à parte, fui um bom dirigente sindical. Fizemos as greves mais importantes dos anos 80. Aqui tem companheiros que participaram comigo daquelas greves. Chegamos a fazer 41 dias de greve. A gente voltava a trabalhar sem ganhar quase nada. No meu governo – os dirigentes sindicais aqui são testemunha –, sete anos consecutivos em que todos os acordos feitos pelos sindicatos garantem aumento real para o trabalhador brasileiro, significando aumento do poder aquisitivo do salário brasileiro. O povo está ganhando mais, não ainda o que precisava ganhar, não tudo aquilo que ele necessita, mas ele ganha mais.

Vocês lembram que não tinha crédito para o pobre neste país. Vocês estão lembrados que não tinha crédito para pobre neste país. Pobre e aposentado não conseguiam entrar num banco para pegar R\$ 50 emprestados. Nós criamos o crédito consignado e hoje, Eduardo Suplicy, Aloizio Mercadante e companheira Dilma, são R\$ 115 bilhões que estão na carteira do crédito consignado, emprestando dinheiro a um povo que antes não tinha condições



sequer de entrar em um banco.

Mais importante do que isso, mais importante do que isso é que quando nós criamos o Bolsa Família, disseram que a gente estava dando esmola e quem dizia que a gente estava dando esmola eram aqueles que podiam comer do bom e do melhor e jogar fora mais comida do que tinha na casa dos pobres. Eles não sabem o que uma mãe é capaz de fazer com R\$ 100, entrando no supermercado e levando comida para os seus filhos e para a sua mulher [casa]. Somente aqui em São Paulo, Dilma, somente aqui em São Paulo mais de 1 milhão e 100 mil famílias recebem o Bolsa Família, este que é o estado mais rico da Federação e que a única política social que tem neste estado é a política feita pelo governo federal.

O companheiro Patah falou da Educação, e eu fiquei feliz quando você falou da Educação, porque eu e o José Alencar somos os dois únicos dirigentes deste país – ele, vice-presidente e eu, Presidente –, nós dois não temos um diploma universitário. Na história do Brasil é a primeira vez que um Presidente e um vice não têm diploma universitário. Entretanto, o meu orgulho, Patah, é que quando eu deixar a Presidência, eu passarei para a história como o Presidente da República que mais fez universidades e mais fez escolas técnicas na história do país. São 14 universidades federais novas – são 14 universidades federais novas –, são 105 extensões universitárias pelo interior do país. Em cem anos, em cem anos, toda a elite brasileira, toda a elite brasileira construiu 140 escolas técnicas. Nós, em oito anos, vamos construir 214 escolas técnicas profissionais neste país. E eu tenho certeza que nós precisamos [de] muito mais porque o Brasil praticamente não fez as escolas que precisava fazer no século XX e nós estamos em dúvida [dívida].

Está aqui o companheiro da UNE, que sabe que nós fizemos uma revolução: nós criamos um programa chamado ProUni. O ProUni, este ano, coloca na universidade 726 mil pessoas. Jovens – homens e mulheres da periferia deste país – que não teriam condições de estudar, vão estudar com



bolsa parcial e bolsa integral do governo federal. Mais importante do que isso é que quando nós criamos o ProUni diziam que nós estávamos nivelando a Educação por baixo. Depois de três anos, na primeira pesquisa que fizeram, em 15 áreas os melhores alunos eram os alunos do ProUni, com moleques, ou melhor, meninas e meninos da periferia deste país chegando à universidade e se formando doutores. Estamos levando para o Norte e para o Nordeste, para que o Brasil seja mais igual, para que o Brasil seja mais justo, para que o Brasil possa recuperar o tempo perdido.

Mais importante ainda, companheiros e companheiras, talvez na história do Brasil eu seja o Presidente da República que tenha coragem, no final do seu mandato, de frequentar quatro 1º de Maio, de quatro centrais sindicais diferentes e em todas elas poder olhar na cara de cada companheiro dirigente e chamá-lo de companheiro, olhar na cara de cada mulher e de cada homem e chamá-los de companheira ou companheiro, e a maioria dos Presidentes não teria coragem sequer de vir ao 1º de Maio porque eles sabem que eles não cumpriram o que eles prometeram. E eu tenho consciência do que nós fizemos neste país e do que nós poderemos fazer ainda.

Eu queria terminar contando uma história para vocês, uma coisa muito séria para vocês. Vocês estão lembrados... estes meninos que estão aqui, estão com o braço doendo de carregar faixa contra o FMI dez anos atrás. Quando eu entrei no governo, eu disse que era importante a gente tirar o FMI do Brasil. Eu mesmo carreguei muita faixa. Hoje, com muito orgulho, com muito orgulho, o Brasil é um país respeitado. Eu chamei o Presidente do FMI, em 2007, e disse para ele que nós não queríamos mais o FMI aqui no Brasil. Não só nós mandamos eles embora, como nós, agora, emprestamos US\$ 14 bilhões para o FMI. Nós, que ficávamos dependendo do FMI, que éramos devedores, hoje nós somos credores do FMI, numa demonstração da maturidade deste país.

Nós, companheiros e companheiras, sabemos que precisamos fazer



muito mais, sabemos que temos que fazer muito mais para recuperar um século perdido, para melhorar a vida do povo, para melhorar o salário, para arrumar mais empregos, para arrumar, na verdade, o futuro deste país. E vocês sabem que para a gente continuar fazendo isso é preciso que a gente continue os programas que nós estamos fazendo, afinal de contas este país nunca fez a quantidade de casas que nós estamos fazendo. Este ano, é um milhão de casas e, para o próximo período, 2 milhões de casas, sobretudo a maioria para as pessoas que ganham até três salários mínimos, pessoas que não podiam comprar casa neste país. Esta moça, esta moça, ela teve muito a ver, teve muito a ver com a Coordenação do governo para que a gente pudesse chegar aonde nós chegamos.

Quando eu deixar a Presidência da República, no dia 31 de dezembro, à meia-noite, eu voltarei para casa com a consciência tranquila, que aqueles trabalhadores e trabalhadoras que eu chamava de companheiros quando eu era candidato, eu posso olhar na cara deles e chamá-los de companheiros e estar de volta junto com eles para continuar a luta em defesa da soberania do nosso país.

Um abraço, companheiros, e bom dia para todos vocês.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante o encerramento do seminário empresarial "Brasil-Paraguai: Perspectivas de Comércio e Investimentos na Fronteira"

Ponta Porã-MS, 03 de maio de 2010

Meu caro companheiro Fernando Lugo, presidente da República do Paraguai,

Meu caro Juan Bartolomé Ramírez, governador do Departamento de Amambay,

Meu caro André Puccinelli, governador do estado de Mato Grosso do Sul,

Senhor Héctor Lacognata, ministro das Relações Exteriores do Paraguai, por meio de quem cumprimento todos os ministros paraguaios aqui presentes,

Embaixador Antonio Patriota, ministro interino das Relações Exteriores, por meio de quem cumprimento os demais ministros brasileiros aqui presentes,

Senhores senadores brasileiros, paraguaios,

Deputados federais brasileiros e paraguaios,

Senhoras e senhores embaixadores,

Prefeitos,

Meu caro Paulo Okamoto, presidente do Sebrae,

Senhoras e senhores empresários,

Jornalistas e amigos,

Tenho a alegria de receber aqui em Ponta Porã um lutador social, um homem profundamente identificado com as aspirações de seu povo, a quem posso, orgulhosamente, chamar de companheiro. Sua presença à frente da nação paraguaia é parte de um movimento mais amplo de renovação política



em nosso continente, que busca construir uma América do Sul mais justa, inclusiva e democrática. Você transformou a indignação com a miséria em sua cidade natal – San Pedro – em luta incansável em favor dos mais necessitados.

Caro companheiro Lugo,

A realização desta reunião na divisa entre o Paraguai e o Brasil tem grande simbolismo. No passado, alguns viram nossas fronteiras como pontos de separação. Hoje estamos tornando-as em traço de união, comunicação e intercâmbio entre nossos povos. Ou fazemos a integração da produção, do trabalho, da educação e da saúde para todos, ou a integração será a da ilegalidade, do crime, do tráfico de drogas e de armas. Cabe a nós, dirigentes, tomar a dianteira nesse processo. Foi isso que fizemos quando adotamos a Declaração Conjunta de 25 de julho passado. Nela, marcamos o início de um novo diálogo, mais maduro e equilibrado. Nela, reafirmamos a centralidade de Itaipu como fator de integração de nossos países.

Hoje, demos mais um passo nessa direção ao definir os mecanismos para construção da linha de transmissão entre a margem direita de Itaipu e a cidade de Villa Hayes. Isso permitirá que o Paraguai utilize a energia que lhe cabe na produção global de Itaipu para sua industrialização e o bem-estar de sua população.

Por minha instrução, o BNDES analisa o financiamento da construção de uma linha de transmissão entre Itaipu e Salto del Guairá. É projeto importante para levar mais energia ao leste do Paraguai. Ainda na área de infraestrutura, temos a construção da segunda ponte sobre o rio Paraná, entre Foz do Iguaçu e Presidente Franco. Espero lançar, com o presidente Lugo, a pedra fundamental antes do final deste ano.

Junto com a regulamentação do regime de tributação unificada, essas iniciativas ajudarão Ciudad del Este a renovar sua vocação econômica. Essas medidas aperfeiçoam nossa complementação econômica, ajudam a construir



mais investimentos produtivos brasileiros no Paraguai e favorecem um maior equilíbrio entre nossa balança comercial.

De janeiro a março de 2010, o comércio bilateral já é 60% superior ao mesmo período de 2009. Este é um sinal concreto de que estamos superando a crise e voltando a crescer. O aprofundamento do Mercosul é outro poderoso instrumento de integração de nossos sistemas produtivos. Para isso, é essencial avançar na eliminação da dupla cobrança da tarifa externa comum e atuarmos juntos pela plena incorporação da Venezuela ao Mercosul.

Integração também se faz com tecnologia de ponta. Estou convencido de que caminhamos para um padrão de TV digital comum na região e esperamos que o Paraguai possa juntar-se ao Brasil, Argentina, Bolívia, Peru, Chile, Equador e Venezuela para consolidar a América do Sul na vanguarda do acesso democrático à informação.

Mas nosso empenho em busca de maior desenvolvimento não seria completo sem medidas concretas para enfrentar a desigualdade e a exclusão social. A luta contra a pobreza requer maior aproximação na área social. Nossos programas de inclusão constituem importante elo de aproximação. O Tekoporã e o Bolsa Família conferem a paraguaios e brasileiros lugar e voz em nossa sociedade.

A cooperação em agricultura familiar é vital para a segurança alimentar da nossa região. Nosso Programa de Aquisição de Alimentos pode ser aproveitado pelo Paraguai. Da mesma forma, a experiência inovadora do Minha Casa, Minha Vida pode servir de inspiração para programas paraguaios na área de habitação.

Também têm um grande alcance social os progressos alcançados em matéria de regularização migratória de paraguaios que vivem no Brasil e de brasileiros que vivem no Paraguai. Estão em pleno andamento no Paraguai as campanhas de documentação de brasileiros e seus descendentes, muitos deles nascidos em solo paraguaio. A Lei da Anistia, que sancionei no ano



passado, permitiu a regularização de milhares de paraguaios, até então indocumentados no Brasil.

Caro amigo presidente Lugo,

Democracia gera paz, solidariedade e desenvolvimento. Compartilhamos o compromisso permanente de preservar e aprofundar o regime democrático em nossos países. Não há mais espaço para rupturas institucionais e golpes militares em nossa região. A colaboração da Unasul para a estabilidade institucional da Bolívia em 2008 é prova do compromisso inequívoco de toda a região com a preservação e o aprofundamento da democracia. A posição firme do Paraguai e do Brasil em relação ao golpe em Honduras deixa claro que não contemporizamos mais com quarteladas explícitas ou maldisfarçadas contra os representantes escolhidos legitimamente pelo voto popular. Ao Brasil interessa a prosperidade e a estabilidade de nossos vizinhos. Não nos convém ser uma ilha de prosperidade em um oceano revolto.

A sorte do Paraguai é a nossa própria sorte. Por essa razão, expressei minha solidariedade para com as iniciativas de seu governo no sentido de combater toda ação à margem da lei que ameace as instituições paraguaias e dificulte sua ação reformadora. Nossa cooperação será fundamental para derrotar a criminalidade, tenha ela a cara que tiver.

Que o povo irmão paraguaio tenha sobre sua Presidência a realização de uma vida digna que tanto merece. O Paraguai poderá contar com o Brasil para realizar essa aspiração.

Meu querido companheiro Lugo,

Eu queria apenas dizer a você da minha alegria de estar aqui em Ponta Porã, com a participação de mais de 215 empresários brasileiros e paraguaios, com a presença de tantos ministros paraguaios e de tantos ministros brasileiros, porque, aos poucos, nós estamos vencendo o ceticismo. Pessoas que ao longo de décadas e décadas ousaram duvidar que não era possível



Brasil e Paraguai trabalhem de forma harmônica, trabalhem de forma conjunta pensando no desenvolvimento mútuo dos dois países.

E eu penso que nós temos duas opções para fazer na nossa vida: ou a gente se levanta todos os dias pela manhã procurando um culpado pelas nossas desgraças ou a gente se levanta de manhã fazendo o que vocês estão fazendo: procurando uma saída para melhorar a vida de cada paraguaio e de cada brasileiro. Não existem muitas outras opções. O que existe, na verdade, é a determinação, que vocês estão colocando neste seminário, de que os defeitos não serão corrigidos se a gente ficar parado apenas diagnosticando os defeitos. Os defeitos existem e servem para que, ao detectá-los, a gente possa aprimorar um outro jeito de convivência, um outro jeito de governança, um outro jeito de aliança, para que a gente possa tirar os nossos países da situação de pobreza em que nós fomos colocados durante séculos e séculos.

Se eu dissesse para alguém lá em São Paulo que eu ia a Ponta Porã fazer uma reunião com o presidente Lugo e que ia fazer uma reunião com empresários brasileiros e paraguaios, alguém iria dizer: “Esse Lula é, no mínimo, louco. Se ele quiser ir ao Paraguai, ele tem que ir a Assunção. Se ele quiser ir ao Paraguai, ele tem que ir, no máximo, em Ciudad del Este. Ir a Ponta Porã, lá no Mato Grosso, onde ainda tem violência, onde tem o Exército Revolucionário, onde diz que tem os traficantes, onde tentaram balear... fizeram um atentado contra um senador? Esse Lula é louco”. Posso dizer para vocês que eu não sou louco. É que eu acredito que a única forma de a gente vencer o narcotráfico, de a gente vencer os bandidos que existem por aí, de a gente vencer aqueles que querem afrontar a democracia é a gente estar de corpo presente oferecendo mais oportunidades, mais chances e mais possibilidades de Brasil e Paraguai crescerem juntos.

Por isso, presidente Lugo, muito obrigado por ter aceitado a nossa proposta de agenda. Depois, nas perguntas da imprensa, nós vamos poder dizer que nós já temos outras agendas marcadas, porque embora eu termine o



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

meu mandato no dia 31 de dezembro, se tudo der certo, eu ainda terei que estar no Paraguai duas vezes para que a gente comece a ver, andar os acordos que nós fizemos. Portanto, muito obrigado a todos vocês.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
solenidade em comemoração aos 10 anos do jornal Valor Econômico
São Paulo-SP, 03 de maio de 2010**

Amigo e deputado federal, presidente da Câmara, Michel Temer,
Companheiros ministros que me acompanham nesta festa do jornal
Valor, Antônio Patriota, das Relações Exteriores; Guido Mantega, da Fazenda;
Carlos Gabas, da Previdência Social; Miguel Jorge, do Desenvolvimento,
Indústria e Comércio Exterior; Márcio Zimmermann, de Minas e Energia;
Orlando Silva, do Esporte; Henrique Meirelles, do Banco Central; Franklin
Martins, da Secretaria de Comunicação Social,

Meu caro amigo Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,
Senador Romeu Tuma,
Senhores parlamentares federais,
Minha cara amiga Dilma Rousseff,
Meu caro Nicolino Spina, diretor-presidente do jornal Valor Econômico,
em nome de quem cumprimento todos os funcionários do Jornal,
Meu caro Luiz Frias, presidente do Grupo Folha,
Meu caro João Roberto Marinho, vice-presidente das Organizações
Globo,

Senhora Vera Brandimarte, diretora de Redação do jornal Valor,
Amigos e amigas,

Minhas amigas e meus amigos,

Em primeiro lugar, quero cumprimentar toda a equipe do jornal Valor
Econômico e dizer que vocês estão de parabéns. Vocês construíram em
apenas 10 anos um veículo de informação que se tornou referência obrigatória
de leitura para todos os que se interessam pelo desenvolvimento brasileiro.



Os veteranos do jornalismo econômico talvez tenham a lembrança de algum outro momento de convergência tão favorável de indicadores e perspectivas, mas dificilmente terão na memória um outro ciclo de desenvolvimento mais equilibrado do que o atual. Distingue-se a dinâmica econômica do Brasil, hoje, por uma convergência virtuosa de fatores, entre os quais a democracia, o crescimento e a justiça social, que formam um curso único que se autoalimenta e se corrige.

O fato é que enquanto as nações mais ricas se debatem entre o desemprego e o desequilíbrio fiscal, ameaçadas por um labirinto financeiro ainda não equacionado, a economia brasileira – após breve interregno – voltou a crescer de forma robusta, como não acontecia há 20 anos.

Minhas amigas e meus amigos,

Em março, o setor industrial puxou o consumo brasileiro de energia elétrica, com alta de 12% em relação a igual período de 2009. O Brasil está crescendo forte e vai crescer ainda mais. Precisa e precisará cada vez mais de energia limpa, barata e segura. Razão pela qual nós temos a responsabilidade de fazer Belo Monte, como faremos com todas as cautelas ambientais desejáveis, necessárias e legítimas.

Nossa agricultura se prepara para colher uma safra recorde de 145 milhões de toneladas, com crescimento de 8,5% sob 2009. Quero lembrar que somos a terceira agricultura mais produtiva do Planeta e o terceiro maior exportador de alimentos do mundo. Há dez anos, estávamos em 10º lugar. Em 2008, passamos o Canadá, antes já havíamos passado, já havíamos suplantado a China e a Austrália.

A confiança do consumidor brasileiro, medida pela Fundação Getúlio Vargas, retornou ao patamar mais elevado desde o recorde de março de 2008. O desemprego nas regiões metropolitanas brasileiras é o menor dos últimos 12 anos. A indústria paulista registrou uma taxa recorde de expansão no primeiro trimestre, com um salto de 18,2%, o maior avanço desde 2001. No mês de



abril, nossas exportações somaram US\$ 11,25 bilhões até o dia 25, com um crescimento de 19,3% em relação à média diária de embarque do mesmo mês no ano passado.

A expansão de 58,4% das importações no período decorrem, em boa parte, das aquisições de máquinas e equipamentos para atender à expansão da demanda interna. Repito: não se trata de mera propaganda. Todas essas informações foram coletadas do noticiário econômico, nas últimas semanas.

Minhas amigas e meus amigos,

O fato incontornável é que o Brasil criou, nos últimos anos, um poderoso mercado de massa, que reúne 46% da renda nacional em um universo equivalente à soma das populações da França e da Espanha. Enquanto outras economias regrediram ou estagnaram, sob o impacto da crise, a demanda popular sustentou o dinamismo do nosso país com um crescimento de vendas de 6% ao ano. Há quem enxergue nisso um defeito da retomada da economia brasileira. Nós preferimos ver aí a vitória de uma sociedade que se tornou menos desigual nos últimos anos, diferentemente do que ocorreu nas últimas décadas. Sobretudo, porém, é preciso rejeitar, de uma vez por todas, o maniqueísmo, que enxerga no fortalecimento do mercado interno um antagonismo inconciliável com o esforço exportador.

Em 2002, o Brasil exportava US\$ 60 bilhões por ano. Em 2009, nossos embarques somaram US\$ 150 bilhões. A corrente do comércio exterior saltou de US\$ 107 bilhões para US\$ 280 bilhões neste mesmo período. A opção deste governo pela diversificação dos parceiros comerciais, bem como a aposta no fortalecimento do comércio regional com o Mercosul revelou o seu acerto nas provas cruciais da crise mais dramática vivida pela economia nos últimos 80 anos. Quem atrelou o seu mercado e o seu parque industrial ao livre comércio com os Estados Unidos, como se defendia aqui nos anos 90, sucumbiu dramaticamente sob o peso da contração comercial norte-americana.



O Brasil, no entanto, não descuidou das trocas com os parceiros tradicionais. Não subtraímos, apenas ampliamos estrategicamente o leque das relações comerciais, como nunca se fez antes na história da diplomacia e do comércio brasileiro. Nosso fluxo comercial com os Estados Unidos duplicou em seis anos, as exportações brasileiras para o mercado norte-americano cresceram mais do que a expansão alcançada por economias que têm acordos de livre comércio com aquele país.

Ao mesmo tempo, porém, o comércio com a África passou de US\$ 6 bilhões para US\$ 17 bilhões anuais. No Mercosul, saltamos de US\$ 11 bilhões em 2003 para US\$ 29 bilhões agora.

O que esses dados mostram é que a ênfase Sul-Sul e o comércio regional não cabem mais no espaço pequeno do preconceito ideológico nem podem ser tratados superficialmente em uma gincana de retórica eleitoral. A participação dos países em desenvolvimento em nossas exportações cresceu de 42% para mais de 54% em números brutos. Esses números não são números frios. Estamos falando de receitas, empregos, em incentivos ao investimento.

Qualquer analista razoavelmente isento admite que a crise consolidou uma nova geografia comercial, pioneiramente desbravada pelo Brasil desde 2003. A explosão da bolha financeira em 2008 acelerou o deslocamento das peças de xadrez no tabuleiro do comércio internacional. O padrão no qual os Estados Unidos eram os importadores de última instância, sustentando as exportações globais, esgotou-se. Portanto, o dinamismo brasileiro terá que se apoiar a partir de agora, cada vez mais, na impressionante vitalidade do nosso mercado interno e na promissora avenida aberta pela diversificação das nossas parcerias internacionais.

Minhas amigas e meus amigos,

O debate eleitoral que se aproxima deveria ser entendido como oportunidade ímpar para se pensar com grandeza a transição de uma



economia emergente para a condição de potência global que o mundo reconhece como sendo um triunfo conquistado pelo Brasil nos últimos anos.

Creio que o legado de conquistas desse período assegura ao país e aos brasileiros a necessária capacidade de discernimento e autoestima para superar os desafios dessa travessia. Sem dúvida, porém, a mediação de uma imprensa isenta e democrática, a exemplo do jornalismo praticado pelo Valor Econômico, pode contribuir de forma inestimável para que esse espírito, ao mesmo tempo crítico e comprometido com a verdade, predomine no debate eleitoral. O Brasil e todas as brasileiras e brasileiros só terão a ganhar com isso.

Muito obrigado.

(\$211A)



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após encontro com o presidente do Uruguai, José Mujica

Montevidéu-Uruguai, 04 de maio de 2010

Bem, primeiro, dizer para a imprensa brasileira e para a imprensa do Uruguai da enorme satisfação de poder estar aqui numa reunião com o meu querido companheiro Pepe Mujica.

No dia 29 de março eu recebi o companheiro Pepe em Brasília e, em Brasília, nós decidimos criar uma comissão bilateral para discutir os assuntos e as necessidades estratégicas de uma política de integração entre Brasil e Uruguai.

E esta, hoje, aqui em Montevidéu... teve uma reunião de empresários brasileiros, empresários uruguaios e ministros, que foi a primeira reunião feita a partir de março de 2010 para produzir elementos para a comissão bilateral começar a produzir as propostas concretas e objetivas no desenvolvimento da integração Brasil e Uruguai.

É importante lembrar a imprensa brasileira e a imprensa uruguaia que a relação comercial entre Brasil e Uruguai está avançando de forma excepcional, e estamos com um pequeno superávit para os companheiros do Uruguai e não vamos reclamar. Achamos que é extremamente importante que a economia do Uruguai tenha um crescimento sustentável, para que o Uruguai possa competir de forma mais justa no Mercosul e na América do Sul inteira.

Bem, eu penso que aos poucos, também, nós estamos nos convencendo de que o Mercosul é o grande parceiro de todos nós, que a América do Sul é a grande parceira comercial, também, de todos nós do Mercosul, e que nós também aprendemos a diversificar as nossas relações comerciais, para que nós não fiquemos dependentes apenas de um ou de outro país.



O que é importante ter em conta é que eu já disse ao meu amigo Pepe, já disse à Cristina e já disse ao companheiro Lugo, já disse ao Evo e a outros companheiros que o Brasil, por ser a maior economia da América do Sul, por ser o país mais desenvolvido na América do Sul, o Brasil tem a obrigação de se transformar no grande mercado receptor de produtos, não apenas agrícolas, mas de produtos manufaturados produzidos nos países do Mercosul. É a forma de contribuição que nós temos que ter entre nós, na Unasul, no Mercosul e na América Latina.

Também a nossa discussão sobre a integração produtiva anda de forma extraordinária, ou seja, com várias empresas brasileiras e uruguaias estabelecendo os projetos de investimentos, troca de conhecimentos tecnológicos para que a gente possa produzir, e isso facilitar com que também sejamos importadores de produtos industriais produzidos no Uruguai. Veja que nós já estamos exportando... já ultrapassamos os 10 milhões de importação de carros feitos aqui no Uruguai, o que é um fato inusitado. Os companheiros Uruguaios estarem produzindo carros e exportando para o Brasil e para outros países da América do Sul.

Mas a maior preocupação nossa é com a integração física do nosso continente, sobretudo do Brasil e do Uruguai, na questão de transmissão elétrica. Nós estamos discutindo isso já há algum tempo, e eu acabei de propor ao presidente Pepe Mujica que façamos daqui a três meses... porque eu só tenho oito meses de mandato, e nesses oito meses de mandato eu vou ter que fazer o que não foi feito em oito anos. Então, eu quero fazer a próxima reunião com os companheiros do Uruguai em Santana do Livramento daqui a três meses, no começo de agosto ou no final de julho. Depois eu quero fazer uma outra reunião aqui no Uruguai, antes de terminar o meu mandato, para ver se a gente conclui os projetos que nós estamos trabalhando, na questão das linhas de transmissão.

A Petrobras já está fazendo o estudo sísmico nos dois blocos que ela



conquistou, e estaremos torcendo para que a Petrobras possa encontrar petróleo aqui. Nós temos também a discussão sobre a questão do porto em águas profundas, o Porto de La Paloma. Nós sabemos o que isso representa para a integração, do que isso representa para o Uruguai, e também, nessa reunião em Santana do Livramento, daqui a três meses, nós vamos aprofundar esse projeto.

O Uruguai tem interesse de recuperar as suas ferrovias e nós temos interesse em participar desse processo de integração, inclusive com financiamento do BNDES. Estamos estudando também a viabilidade da reativação de nosso ramal ferroviário a partir de Livramento. Estamos discutindo – e eu espero que daqui a três meses a gente já tenha pronto o projeto – o financiamento do centro de convenções de Montevideu, e isso com a participação de empresas brasileiras. Já houve reunião do gabinete do Ministro da Fazenda com os ministros uruguaios, e eu penso que nós estamos com possibilidade de avançar já para a próxima reunião que vamos fazer.

Também estamos discutindo um projeto de hidrovia para o desenvolvimento do nordeste do Uruguai e extremo sul do Rio Grande do Sul. Essa obra já foi incluída do Programa de Aceleração do Crescimento econômico que nós lançamos este ano, de 2011 a 2010 [2014]. Também vamos trabalhar juntos para que a gente possa, nos próximos dias, se Deus ajudar e a Europa melhorar, fazer o acordo comercial entre Mercosul e União Europeia, que, aproveitando a Presidência argentina e a Presidência espanhola, não pode ter momento maior e melhor para que a gente faça esses acordos.

No mais, meus queridos amigos, eu queria dizer que nós estamos avançando, temos condições de avançar muito mais, sobretudo se nós tivermos o crescimento econômico que está sendo delineado para a economia uruguaia e que está sendo delineado para a economia brasileira. O mundo inteiro já sabe que nós sofremos menos com a crise porque fomos mais



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

responsáveis antes da crise; o mundo inteiro sabe que o nosso sistema financeiro é mais sólido, que a nossa política fiscal é mais responsável; e, portanto, nós achamos que o século XXI vai ser o século da América do Sul ocupar um espaço importante no cenário econômico mundial.

Dito isso, eu quero agora experimentar uma boa carne que Pepe Mujica vai oferecer a um presidente faminto, como eu.

(\$211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na abertura da reunião do Conselho de Chefes de Estado e de Governo da União de Nações Sul-Americanas (Unasul)

Buenos Aires-Argentina, 04 de maio de 2010

Bem, primeiro eu queria, Rafael, te dar os parabéns pela capacidade de articulação que você demonstrou na Presidência *Pro Tempore* da Unasul, sobretudo a unificação da Unasul em função da solidariedade ao Haiti e a unificação da Unasul na discussão da crise econômica.

Então, eu acho que o trabalho que você fez foi a demonstração de que a integração da América Latina e da América do Sul não é uma coisa pequena ou uma coisa de alguns teóricos. Acho que nós descobrimos que somente a nossa organização é que pode garantir um novo rumo para a América do Sul e para a América Latina.

Eu penso que a indicação do companheiro Kirchner para secretário-geral é a consolidação de mais uma etapa do fortalecimento da Unasul. O Kirchner tem experiência, conhece o continente, conhece as dificuldades políticas, ideológicas que temos aqui no continente, conhece as diferenças e, portanto, eu acho que ele está cem por cento apto para ser um extraordinário secretário-geral da Unasul. Portanto, eu abro esta reunião, declarando o voto do Brasil ao companheiro Kirchner.

(\$211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do Programa Nacional de estímulo à produção de óleo de palma e entrega de títulos provisórios de terras e licenciamento ambiental para 3,7 mil agricultores familiares da região

Tomé-Açu - PA, 06 de maio de 2010

Eu queria dizer para vocês que, um dia, 30 anos atrás, eu talvez tivesse o mesmo pensamento que o prefeito teve aqui. Em 1980 eu vim a Belém, e em Belém peguei um barquinho daquele “poc-poc”. Andamos 26 horas de barco, comendo farinha com frango assado, e fui fundar o Partido dos Trabalhadores nas cidades de Baião e de Cametá. Isso já faz 30 anos. Eu, naquela época, jamais me passava pela cabeça ser presidente da República, estava apenas tentando criar um partido político. E não esperava, chegando aqui hoje, encontrar o companheiro chamado carinhosamente de Saci, prefeito de Baião, que está aqui na nossa frente.

Eu queria cumprimentar os prefeitos aqui presentes. Eu não sei se estão corretos os nomes dos prefeitos. Mas, depois que terminar o ato, se alguém organizar, a gente poderia dar um abraço em cada prefeito, aqui na frente.

Está aqui a prefeita de Acará, Francisca Martins,

Está aqui o prefeito de Concórdia, Elias Santiago,

Está aqui o prefeito de Igarapé-Mirim, Roberto... Roberto Pina,

Está aqui o prefeito de Ipixuna do Pará, Evaldo Cunha,

Está aqui o prefeito de Moju, Iran Lima,

Está aqui o nosso querido prefeito de Baião,

E está aqui o prefeito de Tailândia, Gilberto Sufredini,

Está... Calma! Como é que eu não vou falar de Tomé-Açu, se eu acabei de tomar água de Tomé-Açu?

Está aqui o prefeito de Abaetetuba... a prefeita, Francinete Carvalho,



Está o prefeito de Aurora do Pará, Márcio Ricardo,
E, por último, o nosso querido Carlos Vinícius, prefeito de Tomé-Açu,

Bem, eu sei, querida governadora do estado do Pará, Ana Júlia,
Queridos companheiros empresários portugueses da Galp, que estão
juntos com a Petrobras,

Embaixador de Portugal no Brasil,

Nossa querida Izabella Mônica Vieira Teixeira, ministra do Meio
Ambiente, ao lado da Ana Júlia,

Nosso companheiro Guilherme Cassel, ministro do Desenvolvimento
Agrário. Ele e a Izabella iriam fazer o uso da palavra mas, em respeito a vocês,
pelo sol que está fazendo, eles preferiram não falar.

Quero cumprimentar o companheiro Odair Santos, vice-governador do
Pará,

Cumprimentar os deputados aqui presentes,

Os vereadores,

E quero cumprimentar também... é importante vocês saberem que está
aqui presente o Presidente da Embrapa, que é a responsável pela revolução
agrícola que aconteceu no Brasil nos últimos 40 anos e é a responsável pelo
fato de o biodiesel – junto com a Petrobras – estar no desenvolvimento que
está.

Eu... vocês sabem que eu estou meio triste porque o Flamengo ganhou
do... o Flamengo marcou, o Flamengo marcou um gol mixuruca, ontem, no
Corinthians. Eu não sei que campeonato é esse, que os dois times marcam
dois gols e um leva vantagem. Eu não sei, eu não sei... Mas, de qualquer
forma, de qualquer forma, como bom esportista, eu estou aqui já pensando na
próxima vitória.

Mas, companheiros e companheiras, vocês vão ter um pouco de



paciência comigo porque eu quero, eu quero tentar explicar o que vai acontecer aqui, porque não tem nada pior do que a gente participar de uma manifestação bonita como esta e a gente virar as costas, e vocês não... não ficam sabendo o que é que vai acontecer.

Primeiro, eu vou recordar a palavra deste moço aqui. Este moço é o presidente de uma empresa que nós criamos dentro da Petrobras para cuidar do biodiesel. O biodiesel é um produto que nós estamos produzindo para substituir o óleo diesel tirado do petróleo, que é muito poluente. Então, o biodiesel vai ser produzido no Brasil, de dendê; vai ser produzido aqui nesta região, do dendê, esta palma de óleo tão falada; vai ser produzido de soja; vai ser produzido de mamona; vai ser produzido de pinhão manso e vai ser produzido de outras, de outras oleaginosas existentes no Brasil. É um programa novo. Os nossos carros já estão utilizando 5% de óleo de... 5% de óleo vegetal de biodiesel misturado ao óleo diesel do petróleo. Mas nós trabalhamos com a hipótese de que um dia nós teremos 100% de biodiesel, ou seja, quando o cara ligar o motor do carro não vai ter o cheiro de um óleo fedido, vai ser um óleo de alguma planta que nós então vamos conhecer. Será menos poluente, mais gerador de empregos, mais distribuidor de renda e mais desenvolvimentista. Então isso é uma coisa que o Brasil está querendo colocar.

E aqui no Pará, aqui no Pará, nós achamos que ainda tem, ainda tem – tem muita gente séria – mas ainda tem alguns bandidos que vão desmatando afora sem nenhuma responsabilidade. E nós achamos que também não dá para o governo ficar só gritando e chamando de bandido quem tem madeira clandestina e está cortando árvore onde não pode ser cortada. O que nós precisamos fazer é isso que a gente está fazendo aqui: oferecer oportunidade de trabalho para que o povo não aceite trabalhar em madeira clandestina. E quando vocês tiverem uma opção e uma oportunidade honesta de trabalho com carteira assinada, vocês vão viver muito mais tranquilos.



E também, a palma que nós vamos plantar aqui, nós queremos recuperar as áreas degradadas. Vocês vão perceber que será proibido cortar uma árvore para plantar a palma, será proibido. Nós queremos utilizar toda a área degradada, a área que já foi desmatada, a área que em algum momento era pasto e que hoje está se deteriorando, para que a gente possa recuperar e plantar palma, e permitir que o povo de Tomé-Açu e das cidades vizinhas possam viver com tranquilidade, trabalhando e levando para sua casa o pão de cada dia, por conta do seu trabalho honesto.

Então, eu queria pedir permissão para vocês, eu vou ler um texto. Este texto aqui é muito mais para a imprensa. É muito mais para a imprensa saber o que nós vamos fazer aqui. Depois eu vou ter uma outra prosinha com vocês sobre outras coisas.

Pois bem, companheiros, o programa que estamos lançando hoje abre um novo horizonte de possibilidades para o Brasil e para a região amazônica, em particular. E representa o casamento entre a proteção ambiental e a geração de renda e de emprego digno para milhares de pessoas que moram na Amazônia. Hoje, o brasileiro pode dizer com orgulho que consegue proteger aquele que é um dos maiores patrimônios naturais do Planeta, a sua floresta tropical. Desde que começou a ser monitorado, em 1998, o índice anual de desmatamento na Amazônia Legal nunca foi tão baixo. Só para termos uma ideia, no ano passado as derrubadas reduzidas... as derrubadas foram reduzidas a um quarto daquelas que ocorriam em 2004. Isso só foi possível porque o Estado brasileiro conduziu firmemente uma série de ações para reprimir o desmatamento ilegal e regularizar a ocupação da área, como (incompreensível) agora, entregando títulos. Reforçamos a fiscalização, investimos na estrutura dos órgãos ambientais e cortamos o crédito das empresas que tinham no desmatamento ilegal e na exploração irregular do bioma amazônico a base de seus rendimentos.

Tão importante quanto essas ações, passamos a incentivar a criação de



fontes alternativas de renda e regularização fundiária. É o que vem ocorrendo, por exemplo, no Mutirão Arco Verde-Terra Legal, que tem como foco os municípios onde, ao longo da história, foram registrados os maiores índices de desmatamento. Por meio do Mutirão, desde o ano passado, todos os órgãos federais têm atuado de maneira coordenada, não apenas para estruturar novas cadeias produtivas, mas também para levar os serviços básicos de cidadania a toda a população da Amazônia.

Nesse sentido, a produção ordenada do óleo de palma, realizada dentro de rígidos parâmetros ambientais e sociais, como os que estão previstos neste programa, será mais um importante vetor de desenvolvimento sustentável para a Amazônia e será, sobretudo, um grande aliado no combate ao desmatamento. O óleo de palma é uma das *commodities* agrícolas mais valorizadas em todo o mundo. Na última década, seu consumo mundial saltou de 21 milhões de toneladas para 45 milhões de toneladas, representando um terço de todo o mercado de óleo vegetal do mundo. Trata-se de um produto altamente demandado por diversas indústrias, às quais servirá de insumo para os mais variados fins, do biodiesel à margarina que nós comemos. Só para vocês saberem, a margarina que vai à mesa da gente, de manhã, tem óleo de dendê; também tem os cosméticos, os cosméticos também têm; os sabonetes que a gente utiliza, também têm. Então, é um óleo que tem um valor extraordinário e também, agora, um valor industrial para a área de energia, que é o nosso biocombustível, e também para a área de lubrificantes.

Só para termos uma ideia, o Brasil sozinho – este é um dado importante –, o Brasil sozinho consumiu no ano passado perto de 450 mil toneladas de óleo de palma, um volume três vezes superior ao que a gente consumia em 2005. Mas temos apenas 67 mil hectares cultivados e respondemos por somente 0,5% da produção mundial, ou seja, o Brasil produz apenas 0,5% de todo o óleo que é produzido no mundo. Vocês têm água aí no meio? Ô gente, olha, seria prudente se a gente tivesse água para distribuir. Eu estou vendo



gente com copo ali, eu vi gente passar, mas... seria prudente. Essas pessoas que estão passando mal, possivelmente, seja por falta d'água. Eu, como sou nordestino e passei muita sede na minha vida, água é uma preocupação muito grande.

Bem, companheiros, dando continuidade, isso faz com que hoje precisemos importar... O Brasil compra do exterior metade de todo o óleo que nós consumimos, apesar de sermos um dos países com melhor solo e clima para a plantação de dendê. Portanto, não há justificativa para que continuemos produzindo tão pouco óleo. Existe uma grande demanda mundial pelo óleo de palma, que seja produzido de maneira social e ambientalmente correta pelos cultivos que respeitem tanto o homem quanto a floresta.

Todos nós sabemos que o Brasil já demonstrou, por muitas vezes, sua capacidade de conciliar o desenvolvimento e a proteção ambiental, e isso se repetirá na produção do óleo de palma, que será ordenada neste programa de produção sustentável que lançamos hoje.

Em primeiro lugar, devemos deixar bem claro que o zoneamento agroecológico que estamos anunciando só permite a plantação de palma em áreas que já foram desmatadas antes de 2008. Eu vou repetir aqui, para a nossa gloriosa imprensa anotar direitinho: devemos deixar bem claro que o zoneamento agroecológico que estamos anunciando só permite a plantação da palma em áreas que já foram desmatadas antes de 2008. Vamos evitar... Prestem atenção, porque o Programa é muito sério e o mundo está de olho em nós. Vamos evitar que sequer um hectare de mata nativa da Amazônia ou de qualquer outro bioma seja derrubado para dar lugar à palma do dendê. Por isso, nós... da mesma forma, não terão licenciamento ambiental nem crédito do governo federal ou do governo estadual qualquer indústria que utilize óleo de palma produzido fora dos padrões definidos pelo governo. Eu vou repetir, para anotarem: da mesma forma, não terão licenciamento ambiental nem crédito oficial qualquer indústria que utilize óleo de palma produzido fora dos padrões



definidos pelo governo.

Além disso, o cultivo da palma pode ser muito rentável. Ele dá viabilidade econômica à recuperação com vegetação nativa das áreas de reserva legal. Ou seja, além de não derrubar a floresta, a palma será um instrumento para que áreas há muito tempo já transformadas em pasto voltem a ter suas características originais. A essa recuperação da área desmatada soma-se outra: cada hectare da cultura da palma, quando as árvores já estão adultas, sequestra mais de 26 toneladas de carbono, contribuindo também para a redução de emissão de gases de efeito estufa.

Além disso, a atividade poderá elevar, em muito, a renda de agricultores familiares. Gente, cadê a água, gente? Se não tem... Eu estou aqui engasgado e não estou bebendo água porque não veio água para vocês. Eu quero ser solidário e não vou beber. Se alguém, se alguém tiver que morrer de sede aí, nós morreremos juntos aqui neste palanque. Chegou um pouco d'água aí, agora.

Bem, companheiros, prestem atenção porque eu morro e isto aqui fica com vocês, e vocês têm que saber. A palma produz durante o ano inteiro e pode gerar uma renda mensal de até R\$ 2 mil para as famílias produtoras. Hoje, na Amazônia, a média é de apenas R\$ 415. Nós estamos dizendo que, com a palma, poderá ser elevada para R\$ 2 mil a média salarial do rendimento. Da mesma forma, as plantações de palma geram, em média, um emprego em cada dez hectares, uma média três vezes superior à encontrada, geralmente, no campo. A soja gera pouco emprego, o gado gera pouco emprego, mas a palma do óleo vai gerar, para cada dez hectares, um emprego.

Todos esses dados confirmam o acerto do Programa que estamos lançando hoje. Um programa que já nasce com uma série de ações em andamento e, o que mais é significativo, com vários investimentos realizados.

Prestem atenção: pelo menos 15 empresas já estão se habilitando para produzir o óleo de palma em grande escala, o que elevará a área plantada dos



atuais 67 mil hectares para mais de 235 mil hectares. Só nesta primeira fase, serão 23 mil empregos agrícolas. Estou certo, Miguel? Estou certo? Pelo amor de Deus, não me façam contar uma mentira aqui. Então, eu vou repetir aqui: o que estão me dizendo é que só nesta primeira fase da produção do biodiesel aqui, nós vamos gerar 23 mil empregos agrícolas diretos.

É o caso dos investimentos da Petrobras, em parceria com o grupo europeu Galp. A Galp é uma empresa portuguesa. E é importante lembrar que nós vamos produzir aqui, nesta região... a palma produzida é para a usina da Petrobras. Na outra cidade, a palma produzida, ela vai ser esmagada aqui e ela vai para Portugal, porque nós precisamos não apenas atender o nosso sócio mas, também, exportar o nosso biodiesel para a Europa, a começar da Espanha. Portanto, nós queremos agradecer à Galp essa parceria com a nossa querida Petrobras, fazendo desenvolvimento aqui no estado do Pará e em toda a Amazônia.

Bem, o Miguel Rossetto já falou que nós vamos produzir 300 mil toneladas aqui, de óleo, para exportar para Portugal. Além disso, a Petrobras vai produzir aqui, vai produzir aqui, ela vai investir R\$ 330 milhões... Ô, Prefeito, me conta uma coisa: em que momento da história Tomé-Açu recebeu investimento de R\$ 330 milhões? Me responda uma coisa, Prefeito: em que momento da sua vida você imaginou que aqui ia ter pelo menos 2 mil trabalhadores trabalhando, ganhando... Eu vi aquela mulher ali, ela está ganhando um salário mais a produção. Eu perguntei para ela a sensação de chegar em casa com um salário, no final do mês, e poder comprar as coisas para a gente, sem precisar pedir favor a ninguém. É uma coisa abençoada por Deus! Bem, e além de 2 mil empregos, vai gerar renda para 1.250 agricultores aqui, meu caro Prefeito de Tomé-Açu.

Bem, o governo federal já tomou todas as medidas, a Embrapa já iniciou, em parceria com as empresas, a pesquisa e o desenvolvimento da palma de óleo. Com investimentos públicos de R\$ 60 milhões, já estamos



produzindo hoje mudas e sementes adaptadas para a região amazônica e que são fundamentais para a expansão da produção da palma de óleo.

Da mesma forma, a Embrapa e o Ministério do Desenvolvimento Agrário, os órgãos estaduais de extensão e as empresas privadas já começam a qualificar os técnicos que darão suporte à cultura da palma de óleo, às estratégias produtivas da agricultura familiar e ao desenvolvimento rural sustentável na Amazônia. Prestem atenção: acho que vão ser 160 pessoas preparadas pela Embrapa, pelo Ministério e pelos empresários, para que possam dar assistência a todos que estiverem plantando a palma de óleo. Na verdade, é o seguinte: no mês de maio serão... já teremos 160 técnicos que começam um curso de 236 horas, para que eles aprendam a lidar com isso.

Além disso, as linhas de... Vejam que interessante: nós lançamos o Programa hoje e as linhas de crédito para a produção já estão prontas, aprovadas e publicadas pelo Conselho Monetário Nacional. Eu acho que é a primeira vez no Brasil que a gente apronta o financiamento antes do produto, isso, numa demonstração de que para nós é muito sério.

Prestem atenção aqui, companheiros. Prestem atenção porque isso é para vocês lembrarem, para depois cobrarem do Prefeito, cobrarem do Miguel, cobrarem da Governadora, cobrarem do Meio Ambiente, cobrarem da Petrobras, cobrarem dos deputados, cobrarem da Galp, cobrarem da Petrobras, e não cobrarem de mim, porque daqui a oito meses eu vou embora para o meu Pernambuco.

Companheiros, prestem atenção em uma coisa que é interessante para o povo da região: os agricultores familiares interessados em ingressar na cadeia produtiva poderão se beneficiar do Pronaf Eco, que permite empréstimos de até R\$ 65 mil, com juros anuais de 2%, carência de seis anos e prazo para pagamento em 14 anos. Eu vou, eu vou repetir, eu vou repetir aqui: os agricultores familiares interessados em ingressar na cadeia produtiva poderão se beneficiar do Pronaf Eco, que permite empréstimos de até R\$ 65



mil, com juros anuais de 2% ao ano, carência de seis anos e prazo de pagamento para 14 anos.

Miguel, Miguel, veja se eu entendi: o cidadão que quiser pegar R\$ 65 mil, ele vai ficar seis anos sem pagar, que é a carência. Quando ele começar a pagar, sete anos depois, ele vai pagar 2%, e ele tem 14 anos de prazo para pagar. Gente do céu, nem o governo Lula pode fazer melhor do que isso. Não é possível!

Prestem atenção, os meus companheiros da imprensa, por favor, coloquem a câmera aqui. O diferencial dessa linha é que durante o prazo em que o agricultor espera a palma produzir - o que pode durar até cinco anos - prestem atenção, entre vocês pegarem a semente, a mudinha, e plantar, ela vai demorar cinco anos. O que vai acontecer? Ninguém pode ficar cinco anos em pé, do lado da palma, vendo a bichinha crescer, porque plantador de palma que não come não para em pé. Então, enquanto ele está esperando os cinco anos, ele conta com uma remuneração pela sua mão de obra. Ou seja, ele vai receber um salário, enquanto a sua planta cresce. Miguel, é isso, Miguel? É isso, Miguel? É isso?

Ô gente, até eu vou querer plantar palma. Pego os 65 “mil réis” emprestado, planto a muda e fico lá, em pé, olhando a bichinha, de vez em quando jogamos um pouquinho de uréia nela, e ainda vou receber meu salário? Benza Deus!

O crédito... Olha, gente, o crédito só será fornecido aos produtores que já tiverem firmado contrato com empresas processadoras de óleo de palma. Essa é uma coisa importante, companheiros, é uma coisa importante: não é para o companheiro inventar de começar a produzir sem antes assinar um contrato com as empresas, a começar da nossa querida Petrobras. Tem que ter um contrato de compra da palma para poder começar a produzir, está bem?

Bem, outra coisa... veja, porque somente assim o agricultor saberá que terá condições de pagar o financiamento no futuro, uma vez que receberá as



mudas e a assistência técnica, além de ter a garantia da venda da produção.

Ô, gente, é um programa extraordinário. Você vai receber a muda sem pagar nada por ela, você vai receber assistência técnica, você vai plantar. Depois, você tem já o comprador garantido, já o comprador garantido. O que nós precisamos ficar espertos é na negociação do preço do quilo do óleo, aí é que nós temos que estar espertos. Eu já não serei mais presidente, estarei do lado de vocês para cobrar, de quem estiver na Presidência, um preço adequado para vocês.

Veja, tem mais, tem mais... Já produtor... Veja... Prestem atenção que aqui é para uma camada maior, para uma camada maior. Já produtores rurais e cooperativas de maior porte contam com outras duas linhas de financiamento. Prestem atenção: trata-se do Propflora – o nome é chique: Propflora –, que financia até R\$ 300 mil, com juros de 6,75% ao ano. E o outro programa, o Produsa, que financia, com juros de 5,75% ao ano, projetos de até R\$ 400 mil para a recuperação de áreas degradadas. Eu vou repetir para os empresários aqui presentes: nós temos o Propflora, que financia até R\$ 300 mil, com juros de 6,75% ao ano. E o outro programa, o Produsa, que financia, a juros de 5,75% ao ano, projetos de até R\$ 400 mil para a recuperação das áreas degradadas.

Aqui, Tereza, uma brincadeira que eu fiz com o companheiro, o companheiro Guilherme Cassel: é muita sofisticação criar dois programas diferentes, quando poderia ter um programa só, de 350 mil, com os mesmos juros para todo mundo, igual, porque o Prop... o própole... [Propflora] parece mais mel de abelha, este primeiro programa aqui: Propflora. E o outro: Produsa. Poderia ser um só. Eu vou pegar o Gilson, do Banco do Brasil, porque eu sei que ele é que faz essas exigências, que eu considero, assim, um pouco complicadas. De qualquer forma, um programa é um incentivo, um programa... O Produsa é um programa que tem como objetivo, além de produzir o óleo, incentivar os empresários a recuperarem áreas degradadas,



por isso que a taxa de juros é menor. **(falha na gravação)** Então, Deus queira que vocês recuperem.

Bem, outra coisa importante: vai ter uma câmara setorial da palma de óleo, de que vai participar o governo – é isso? –, os empresários e os trabalhadores, porque se não tiver essa câmara, não vai funcionar. Então, trabalhadores, empresários e governo irão participar da câmara para coordenar. Está chovendo? Vocês são feitos de açúcar? Antes estavam reclamando porque estava sol, agora estão reclamando porque estão caindo uns pinguinhos d'água?

Companheiros e companheiras, eu parei de ler meus papéis e eu queria dizer duas palavras para vocês, sem o papel. Eu quero dizer uma coisa para vocês. Eu tenho 64 anos de idade. Eu não sei quanto tempo a gente dura, porque só Deus é que sabe. Eu não sei se eu tenho mais um dia, mais uma hora, mais um ano, mais 20 anos. O que é importante é que aqui tem muita gente nova e que, certamente, vai viver muito mais do que eu e que, certamente, vai colher os frutos do que nós estamos plantando agora no estado do Pará.

Este estado, este estado do Pará não pode se contentar em ser apenas um estado de indústria de madeira, algumas clandestinas, derrubando ilegalmente áreas que não deveriam derrubar, e também não pode ser um estado apenas exportador de minério de ferro. Nós precisamos gerar riqueza e gerar empregos neste estado. É por isso que a Petrobras está privilegiando o Norte e o Nordeste. O Nordeste, com mamona e pinhão manso, e aqui com a palma, que é uma planta da região, que não agride o meio ambiente e que um hectare de palma produz 6 mil litros de óleo. É uma produção extraordinária, extraordinária. Os baianos pensam que só eles comem dendê, óleo de dendê na feijoada, não sei das quantas. Agora, nós aqui, no Pará, vamos produzir para comer, vamos produzir para sabonete, vamos produzir para feijoada, vamos produzir para moqueca, mas vamos produzir para despoluir o mundo,



para colocar um óleo limpo, gerador de riqueza e gerador de empregos no tanque dos carros que nós produzimos no Brasil.

E, logicamente, companheiros, que nós sabemos que atrás de uma fábrica dessas vai vir logo, logo uma escola técnica para a região, logo, logo, porque nós temos que formar profissionais, temos que formar. Estas mulheres e estas meninas já não querem mais dizer: qual é a profissão? “Eu sou doméstica”. Doméstica não é nem profissão, é quase obrigação, não é? A gente pensa que não, mas mesmo dentro de casa, quando a gente está com o marido da gente... vocês... vocês têm... é uma empregada doméstica, que todos os dias se levanta, é roupa para criança, comida para criança, limpa banheiro, limpa cama, lava roupa, troca roupa, recebe as crianças, dá almoço para a criança, dá café para a criança, dá janta para a criança, põe para dormir a criança, ou seja, é um inferno! Então, na hora em que as mulheres tiverem uma profissão e elas puderem trabalhar, e chegarem em casa com o seu salário, o seu marido vai perceber que elas estão morando com ele porque gostam dele e não a troco do feijão que elas comem, não a troco. E as pessoas... Eu tenho certeza de que ele vai ficar muito mais respeitoso com a mulher porque ele fala: “Espera aí, se eu falar grosso agora, se eu falar grosso agora, a porca entorta o rabo aqui em casa”. E a mulher, a mulher vai dizer: “Olha, não fale grosso, não. Fale baixo, igual eu falo, porque nós estamos juntos porque nós nos amamos. Nós não estamos juntos por obrigação. Eu trabalho e ganho o meu salário, você trabalha e ganha o seu...” E nós vamos ter... Nós, homens, vamos ter um problema sério quando as mulheres começarem a ganhar mais do que nós. Eita ciumeira da “bobólica”. Você vai ver homem ciumento é no dia em que a mulher abrir o contracheque mais do que o homem. Bom, nós, no governo, não temos problema, porque qualquer pessoa ganha mais do que nós, mas não tem problema.

Olha, gente, então, o que esses moços estão fazendo aqui, olha, prestem atenção: o que nós estamos fazendo aqui é o começo de uma



revolução nesta região. Eu peço a Deus... Eu peço a Deus estar vivo para daqui a uns sete, oito anos, poder voltar aqui, Prefeito, para a gente ver o que aconteceu nesta região.

Eu... Vocês sabem que eu deixo a Presidência no dia 1º de janeiro. Mas o fato de eu deixar a Presidência não vai me tirar da vida política, não vai me tirar da vida política. Eu vou continuar viajando o Brasil, vou continuar viajando o Brasil, vou continuar contribuindo com os meus companheiros. E o maior orgulho que eu quero ter é que quando eu voltar aqui poder olhar na cara de vocês e chamar vocês de companheiros e vocês me chamarem de companheiro, ou seja, aí demonstra que valeu a pena ter passado pela Presidência da República. Eu sei que nós não fizemos tudo, porque a gente não consegue consertar em oito anos o que não foi feito em 500 anos. Mas eu tenho certeza, eu tenho certeza de que nós fizemos muito.

Miguel Rossetto, ao terminar o meu mandato, Ana Júlia, ao terminar o meu mandato, eu, que sou o único presidente da República que nunca teve um diploma universitário, vou terminar o meu mandato como o presidente que mais fez universidades neste país. Vou terminar o meu mandato como o presidente da República que em oito anos, que em oito anos fez uma vez e meia escolas técnicas que foram feitas em um século, ou seja, desde a Proclamação da República. A primeira escola técnica feita no Brasil foi em 1909, pelo presidente Nilo Peçanha, lá na cidade de Campos, no Rio de Janeiro. De 1909 até eu chegar ao governo tinham sido feitas, no Brasil inteiro, 140 escolas, em 97 anos. Nós, em oito, vamos entregar 214 escolas técnicas neste país.

Eu tenho certeza, eu tenho certeza de que quem vier vai fazer muito mais do que eu, sabem por quê? Porque o povo, o povo aprendeu a ficar esperto, o povo aprendeu a cobrar. Que ninguém vá para a televisão achar que pode contar uma mentira e que o povo vai acreditar. Vai ter que provar que vai fazer.

Por isso, meus companheiros, um grande abraço. Que Deus abençoe



todos vocês. E o meu compromisso, o meu compromisso com o povo de Tomé-Açu é que daqui a cinco ou seis anos, eu tenho fé em Deus que terei saúde para vir aqui, com vocês, para colher o primeiro cacho do dendê para a gente moer.

Um abraço. Que Deus abençoe todos vocês.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de inauguração de obras do PAC Habitação na Via Mangue 3, Conjunto Habitacional Zeferino Agra e Vila Imperial, e de ordem de início das obras do PAC de duplicação da BR-101, trecho Palmares(PE)/Alagoas Recife-PE, 07 de maio de 2010

Uma... Uma coisa importante, quando eu fui entregar a chave da casa da dona Sandra, ela falou assim para mim: “Ô, Presidente, eu estou com vontade de pedir desculpas, eu estou com vontade de beijar a sua mão, porque eu estou arrependida”. E me contava ela que nunca votou em mim, que ela sempre foi enganada a votar em outras pessoas. Eu disse para ela que não tem problema. Eu perdi três eleições, e eu tenho certeza que nas eleições que eu perdi, a grande maioria delas é porque o povo mais pobre tinha medo do novo, tinha medo de que alguém que fosse igual a eles não tivesse condições de governar. E nós precisamos perder três eleições para ganhar na quarta e provar que era possível a gente fazer para os pobres o que os outros nunca tinham feito neste país.

E a vida, a vida é assim, a gente vai aprendendo. Hoje, eu sou um homem que não reclamo de ter perdido três eleições. Eu agradeço a Deus, porque as derrotas me ensinaram. Eu fui aprendendo, eu fui ficando mais calejado, e quando eu cheguei à Presidência da República eu já estava mais preparado, eu já estava mais consciente.

É como a vida da gente. Quando a gente casa novinho – e deve ter muita gente casada aqui – a gente vai descobrindo que a gente não sabe muita coisa. Aí, quando vêm os filhos, a gente vai pegando idade, a gente vai ficando mais maduro, mais consciente, mais sábio, a palavra é essa, a gente vai ficando mais sábio e vai fazendo as coisas de forma bem madura e bem tranquila.



Então, eu estou aqui – e estava ouvindo o João Costa falar, e depois o Eduardo, e depois os companheiros do Movimento –, e eu estava vendo uma coisa extraordinária: vocês foram tirados de um lugar onde vai ter uma grande via, que vai contribuir muito para a Copa do Mundo de 2014, mas vocês não foram jogados para cem quilômetros do centro da cidade, vocês ficaram dentro da cidade. Vocês estão perto do metrô; aqui, o Governador inaugurou uma UPA, uma Unidade de Pronto Atendimento médico; aqui, muita gente pode até ir para a praia, coisa que lá em São Bernardo eu não posso, tem que andar 60 quilômetros. Então, eu acho, Eduardo, que você e o João Costa estão dando um exemplo extraordinário, ou seja, a gente não tem... porque antigamente, quando eles faziam um conjunto habitacional, a ideia era tirar o povo pobre de perto da cidade e ir jogando o povo para longe da cidade, bem para longe. E este exemplo que vocês fizeram aqui é extraordinário, porque as pessoas apenas deixaram de morar em um lugar inadequado e vieram morar em um lugar adequado, sem violentar a vizinhança do pessoal, as relações de amizade que vocês tinham construído. Essa é a primeira coisa que eu quero dar os parabéns ao Prefeito e a você.

A segunda coisa, companheiros, é que nós aprendemos uma coisa no ano passado. A Caixa Econômica, no meu governo, ela fez mais casas do que ela já tinha feito. No ano passado, nós batemos o recorde de contratação de casas que tinha sido feito em 1985 pelo presidente Figueiredo – foi a época em que a Caixa mais contratou casas. Nós, no ano passado, batemos o recorde. Mas quando a gente fala das casas contratadas pela Caixa, eram 300 mil, 200 mil casas, 250, 280, a maioria das casas no Brasil é feita pelo povo. É o povo fazendo com a família, ocupando o terreno e fazendo as casas – a casa [Caixa] não dava conta. Pois bem, então eu tomei a decisão de encomendar um grande programa habitacional. Quando eu falei com a ministra Dilma para ela começar a conversar com os empresários, a primeira proposta que os empresários fizeram de um grande plano habitacional foi de 200 mil casas. Aí



eu falei: não pode ser 200 mil casas, 200 mil casas não é um grande programa. Aí pedi para ela conversar com o Guido Mantega, que é o meu ministro da Fazenda. Aí o Guido falou: “Olha, vamos tentar fazer 500 mil casas”. Eu falei: 500 mil casas também não é um grande programa. E aí eu propus que estudasse fazer um programa de 1 milhão de casas. Não é fácil, os empresários não estavam preparados, a Caixa Econômica Federal não estava preparada e o governo não estava preparado, ou seja, ninguém estava preparado para fazer 1 milhão de casas. Pois bem, agora, em março, fez um ano que a gente lançou o Programa, já tem 425 mil casas contratadas e já tem mais 800 mil projetos na Caixa Econômica para serem analisados. Se continuar nesse ritmo, nós vamos chegar ao final do ano com pelo menos umas 800 mil casas contratadas. E a Maria Fernanda está dizendo ali que vai ser 1 milhão de casas que nós vamos contratar, porque ela acha que dá para contratar tudo.

Ora, eu, não contente com isso, chamei a ministra Dilma e falei: eu quero fazer o PAC 2. E por que eu quero fazer o PAC 2? Porque eu preciso deixar planejado para quem vier depois de mim já ter dinheiro, inclusive, no orçamento. A Ministra se reuniu com o ministro Marcio Fortes e começaram a discutir um assunto grave, que nós estávamos enfrentando no primeiro programa de 1 milhão de casas. Eduardo, era como atender as pessoas que ganham de zero a três salários mínimos, as pessoas que não podem pagar, as pessoas que não podem pagar aluguel e, ao mesmo tempo, pagar a prestação da casa. Então, nós tomamos a decisão de subsidiar e o cidadão só começa a pagar a casa quando ele entra dentro da casa e, ao mesmo tempo... Qual é o financiamento hoje, Marcio, o subsídio? É. Não, mas por casa? Uma casa que custa quanto? Uma casa que custa 40 [mil], o governo entra com quanto? Então, veja, uma casa que custa R\$ 43 mil, o governo entra com R\$ 23 mil para garantir a casa para o companheiro que ganha de zero a três [salários mínimos]. E a prestação? Bem, e a prestação da casa no Programa Minha



casa Minha Vida será de R\$ 50,00. Será de R\$ 50,00, porque senão a gente nunca vai conseguir fazer casa para essa parte da população. A gente só vai fazer casa para a parte que pode pagar, e a parte que não pode pagar não tem casa. E como é que a gente faz, se todos são brasileiros? Como é que a gente faz? Então, o governo assumiu a responsabilidade... de zero a três [salários mínimos]... É tudo? Ah! De zero a três [salários mínimos] o governo subsidia tudo. A pessoa só vai pagar R\$ 50,00. Venha cá, Maria Fernanda. A Maria Fernanda é pernambucana, presidenta da Caixa Econômica Federal, uma mulher muito “porreta”. Eu estou falando aqui, perguntando para ela, é melhor que ela venha aqui, com essa voz bonita dela, e fale para nós, aqui como é que é.

Presidenta da Caixa Econômica Federal: É bom que ninguém aqui estranha o sotaque, não é? Eu vou aos outros cantos, todo mundo estranha, aqui ninguém estranha. É o seguinte: quem ganha um salário [mínimo] paga R\$ 50,00 por mês, por 10 anos; quem ganha dois salários [mínimos] paga R\$ 100,00 por mês pelo mesmo período de 10 anos; e quem ganha três salários [mínimos] paga R\$ 150,00, ou seja, R\$ 50,00 para um salário [mínimo], está certo? Pronto. E depois não paga mais nada, depois está dono da casa. Um salário mínimo, um salário mínimo. Quem não tem, quem não tem um salário mínimo, ele fica nessa mesma proporção. Até um salário paga R\$ 50,00. Quem vende pipoca, quem vende pipoca tem uma renda.

Presidente: Olha, gente, gente, é o único programa habitacional que leva em conta a necessidade de atender às famílias que têm menos renda. Vamos ser francos, companheiros, vamos ser francos: pagar R\$ 50,00 por mês não é muita coisa. Vamos ser francos, vamos ser francos. Se sair para vender limão galego na praia de Boa Viagem, em um domingo, arrecada R\$ 50,00 para pagar a casa.



A gente sabe o seguinte... Eu, na verdade, sou contra dar as coisas de graça, porque senão as pessoas não valorizam, sabe? As pessoas precisam saber valorizar aquilo que têm. Então, é importante isso.

Então, companheiros, deixa eu dizer uma coisa para vocês: nós queremos, este ano, contratar 1 milhão de casas e, para os próximos quatro anos, a gente quer contratar mais 2 milhões de casas, ou seja, seriam 3 milhões de casas, praticamente, em seis anos, o que nunca aconteceu neste país.

Agora, vocês têm que prestar atenção: a quantidade de material de construção que a gente vai precisar, a quantidade de empregos que a gente vai gerar. E, aí, outra coisa importante, João Costa, quando for um mutirão desse aqui, de fazer casa aqui, a gente tem que pedir - eu acho que já está fazendo - para as empresas contratarem os trabalhadores que moram no local. Já está sendo feito assim em muitas obras do PAC. Porque senão a gente contrata uma obra em uma favela aqui e vêm os trabalhadores de São Paulo para cá, da Bahia, não tem. Nós precisamos gerar empregos lá em São Paulo e aqui. Então, é importante contratar. Por isso, o Governador está formando mais 10 mil pessoas, abrindo vagas, para que a gente possa formar pedreiro, azulejista, montador, armador, ou seja, nós precisamos de muita mão de obra. Depois as pessoas vão fazer um jardimzinho, depois as pessoas vão melhorando a casa. E, aí, nós vamos querer gerar empregos e gerar salários.

Por isso eu vim aqui. A minha vinda a Recife, hoje, foi para inaugurar um navio. A verdade é essa, viu, Eduardo? Eu vim aqui porque o orgulho de fazer um navio... Vocês veem jogo de futebol, não veem? Vocês viram o Sport ser campeão, não viram? E, também, vocês viram o meu Corinthians sofrer um gol do Flamengo, não é? Mas, veja, o navio que nós viemos inaugurar... entre a trave do goleiro do Sport e a trave do goleiro do Náutico tem uma distância, não tem? O navio que nós inauguramos hoje é duas vezes e meia o campo do Sport ou o campo do Náutico ou o campo do Santa Cruz - é duas vezes e



meia, duas vezes e meia. E eu saio daqui com um orgulho, porque foram trabalhadores pernambucanos, muitos deles catadores de caranguejo, muitos deles cortadores de cana, que foram formados aqui e foram trabalhar e conseguiram colocar um navio que vai armazenar... 1 milhão de barris de petróleo cabe dentro do navio feito aqui, em Pernambuco.

Então, companheiros e companheiras, eu queria que vocês soubessem de uma coisa: tudo isso que está acontecendo no Brasil hoje, e o que está acontecendo em Pernambuco, foi a capacidade que nós tivemos de fazer parceria. Olhem, quando o prefeito, o governador e o presidente da República trabalham juntos, como se fosse uma orquestra, quem ganha? É o povo. Quando o prefeito fica bicudo com o governador, o governador fica bicudo com o presidente, ou o presidente com o governador, enquanto os três brigam, quem perde? É o povo que perde.

Então, eu quero agradecer ao prefeito João da Costa e ao governador Eduardo Campos, porque se não fosse o carinho com que eles me tratam e a nossa relação extraordinária, certamente a gente não poderia estar fazendo tudo o que estamos fazendo.

Eu peço a Deus que Pernambuco continue assim e que o Brasil continue assim, para que a gente possa fazer muito mais. Nós temos pouco tempo para consertar o desleixo de 500 anos que a elite brasileira teve com o povo brasileiro.

Um abraço e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do primeiro navio Suezmax, batizado João Cândido, construído pelo Programa de Modernização e Expansão da Frota/Programa de Aceleração do Crescimento (Promef/PAC)

Ipojuca-PE, 07 de maio de 2010

Eu estou vendo, eu estou vendo um pessoal meio “metido” aí, Eduardo, acho que zombando de você e zombando de mim, com a bandeira do Sport ali, porque o Sport foi pentacampeão. A vida é assim: enquanto uns riem, outros choram. O meu Corinthians não conseguiu, mas eu já estou com esperança do próximo ano.

Olha, eu vou... Eu queria pedir desculpas aos companheiros. Eu aprendi que quando Pancho Villa fez a Revolução Mexicana, o primeiro decreto dele foi abolir nominata. Então, ele não ficava citando nome do vereador, do prefeito. Ele dizia “cidadãos e cidadãs do México”. Eu quero dizer: cidadãos e cidadãs do Brasil e de Pernambuco.

Olhe, eu vou, eu vou, vou deixar meu discurso aqui porque eu quero, eu quero confabular com vocês umas coisas aqui. Eduardo, no dia da eleição, em 2002, eu... é engraçado, porque a gente briga para ser presidente, e quando eu ganhei, fiquei nervoso. Eu fiquei pensando: será que eu vou conseguir carregar esse “navio” deste tamanho? Oito milhões e meio de quilômetros quadrados, não sei quantos milhões de problemas. Porque naquele tempo, Eduardo, os meus assessores diziam que o Brasil ia quebrar. Aliás, Salomão, você que é economista, eu nunca vi gente para ser tão pessimista quanto economista, quando está na oposição. Então, eu fazia reunião com dez, 12 economistas, companheiros meus da maior qualidade, e eles diziam: “O país está quebrado”. E eu falava: desgraça, se está quebrado por que querem que eu seja candidato? Eu vou embora... que ser candidato!



Mas eu lembro que quando eu tomei posse, eu fiquei... quando a gente ganha, o... quando uma figura importante, letrada, daquelas que já tinham governado o Brasil durante cem anos ganha, para ela é mais uma vitória. Mas quando um trabalhador ganha, a responsabilidade é muito maior porque se você não der certo, você vai fazer com que durante 200 anos um trabalhador não possa pleitear a Presidência da República.

Então eu lembro que, com muito cuidado, eu disse o seguinte: eu vou fazer primeiro o necessário, depois eu vou fazer o possível, e quando terminar o mandato a gente já vai estar fazendo o impossível. E aconteceu exatamente isso.

Construir este navio era tido, por alguns especialistas do outro lado, como impossível. Eu conto esta história e vou contar até morrer, porque isso demarca, claramente, a visão que as pessoas têm e constroem do seu país. Neste país nós aprendemos que uma nação não é o tamanho do seu território; uma nação não é a quantidade de árvores; uma nação não é a quantidade de água. Uma nação é a qualidade do povo que habita aquele território, é a qualidade do povo, é a autoestima do povo. Não é apenas a quantidade. E no Brasil nós estamos aprendendo isso. Nós tínhamos desaprendido. Nós tivemos muita autoestima na guerra contra os holandeses, muita. Nós tínhamos muita autoestima aqui em Pernambuco quando a gente fez a república... a Confederação do Equador, porque este estado aqui... A juventude tem que saber: cinco anos antes de a gente conquistar a Independência do Brasil, este estado já tinha brigado para conquistar a sua independência, em 1817. Então, houve um momento em que a gente tinha autoestima.

Mas, um belo dia do século XX, começou a aparecer uma turma e vender a ideia de que nós, brasileiros, éramos de segunda categoria. A palavra correta, que a imprensa vai dizer que é chula, é que nós éramos tratados como vira-latas. Esta é a palavra correta. Nada que a gente fizesse neste país prestava, e as pessoas estavam satisfeitas que o Brasil continuasse apenas



exportando café ou minério de ferro. E assim a gente nunca ia virar uma nação, porque a gente não se respeitava, porque a gente não gostava da gente, porque a gente não acreditava. Quem viajava o Brasil – e aqui tem muita gente que viaja o mundo – sabe perfeitamente bem que no Brasil só apareciam duas [três] coisas do Brasil: futebol, que aparecia; aparecia o Carnaval, mas o Carnaval do Rio de Janeiro e não o Carnaval de Olinda ou de Pernambuco; e violência urbana. Eram três assuntos que apareciam na imprensa internacional, quando apareciam. Era habitual, meu caro Eduardo, era habitual presidente da República do Brasil visitar qualquer país e não sair uma nota de pé de página sobre a visita do presidente brasileiro. Era normal, porque nós éramos entendidos como país pequeno, como país fraco, como país que não cumpria com as suas obrigações. Quem saiu para estudar lá fora sabe o que eu estou falando.

Pois bem, eu duvido que algum empresário que está aqui, eu duvido que algum embaixador brasileiro já teve algum momento na sua vida em que ele sente tanto orgulho de ser brasileiro lá fora, como no momento que a gente está vivendo agora. Eu aprendi, quando eu estava no movimento sindical, eu aprendi que ninguém... era um tempo difícil. Naquele tempo, Armando, naquele tempo, lá pelos anos 75, os empresários não se sentavam com a gente com facilidade, não. Hoje a gente toma café, toma cachaça, uma cerveja, parece tudo amigo, porque nós viramos civilizados, nós aprendemos a trabalhar. Eu, se fosse pegar os meus amigos empresários aqui, a desconfiança que tinham de mim, em 2002... eu nunca perguntei se votaram em mim, de vergonha de eles falarem “não”, nunca. Mas isso, também, nunca mudou a nossa relação. A minha relação é uma relação de respeito, e eu aprendi naquele tempo que uma pessoa só respeita outra se ela própria se respeitar, ou seja, se eu não me respeitar, nenhum de vocês vai me respeitar. Eu tenho que me respeitar para poder exigir e merecer o respeito de vocês. No mundo animal, no mundo animal, a gente vê isso com facilidade. Se um cachorro rosar para o outro e o



outro meter o rabo no meio das pernas, o que rosnou vai no pescoço dele. Mas se o outro rosnar mais grosso, o outro vai afinar. É assim que eu aprendi a me respeitar.

Eu conto uma história, eu conto uma história para falar do navio. Eu conto a primeira viagem, que eu fui a Evian. Pense, pense numa coisa... numa coisa difícil... um presidente metalúrgico ser convidado para ir a Evian, na reunião do G-8, os oito países mais importantes reunidos, e o Lulinha é convocado: sem falar inglês, para não falar [falar] com o Bush; sem falar japonês, para não falar [falar] com o Koizumi; sem falar árabe, para falar com o rei da Arábia Saudita; sem falar francês, para falar com o Chirac. Pense... pense em uma cara sem falar uma língua, dentro de uma reunião ali: oi, oi, oi, oi. Mas olhe, mas foi naquela reunião que eu aprendi uma coisa. Eu cheguei, estava o Tony Blair, estava o Chirac, estava o rei da Arábia Saudita, todo mundo sentado, e eu fui lá, cumprimentei todo mundo e sentei. Eu, Celso Amorim e o Kofi Anann, o secretário-geral das Nações Unidas. E nós estamos sentados lá, e entra quem? Quem? Nada mais, nada menos que Bush. Quando entrou o Bush, todo mundo deu um pulo da cadeira, levantou e ficou em pé. Eu falei para o Celso Amorim: eu vou ficar sentado. Eu vou ficar sentado, porque ninguém se levantou quando eu entrei, nós vamos ficar sentados. Ora, o que aconteceu? O que aconteceu? Humildemente, o Bush foi lá, cumprimentou a mim, cumprimentou o Celso, cumprimentou o Kofi Anann e sentou à nossa mesa. Possivelmente, se fosse aberto a amplos setores da imprensa, eu seria criticado: "Lula afronta Bush!" É assim... é assim que achavam que a gente deveria tratar os Estados Unidos, e nós resolvemos mudar um pouco o jogo. Eu não ofendo ninguém, não quero ser ofendido por ninguém, trato todo mundo bem, quero ser tratado bem por todo mundo. Tenho noção do que os Estados Unidos representam nas relações com o Brasil e com o mundo, tenho noção do que a China representa, mas tenho noção também de que o menor país do



mundo representa a mesma coisa que eles e tenho noção do que o meu país e o meu povo representam para o mundo também.

Pense... pense em uma situação em que o cara vai escalar um time e está precisando chamar um de vocês para jogar. Aí, o cara vai chamar você e fala: “ah, só falta você para entrar”. O cara pensa que chamando você vai ganhar o jogo, e o cara te convida e você fala: “ah, eu estou com dor no espinhaço, eu estou com dor no meu coração, eu estou com a minha hérnia doendo, eu estou com o joelho..., eu estou com tosse...”. Que nem o Prefeito falou aqui. Prefeito tem que se levantar todos os dias... O meu Ministro da Saúde falou: para cuidar da pressão tem que fazer sexo. Então, não fique, não fique lamentando, vá à luta, meu companheiro, vá à luta.

Então, então, eu acho, eu acho que o Brasil... no Brasil aconteceu uma coisa, uma coisa extraordinária. O Brasil passou a gostar dele. Os empresários brasileiros... quando eu disse em Angola, em 2004, que os empresários brasileiros não tinham que ter medo de virar empresários multinacionais, eu fui criticado no Brasil. Hoje o Brasil tem pelo menos uma centena de empresas multinacionais, em todo... é no Canadá... - não é só na América Latina, não - nós temos empresa no Canadá, temos empresa nos Estados Unidos, temos empresa em que país você quiser, na China, na Índia. Temos fábrica de ônibus em quase todos os países, tudo empresa brasileira, tudo empresa brasileira. E por que eu fico com orgulho? Porque significa que cada empresa brasileira num país é um pedacinho deste país fincado no chão de outro país.

Tudo isso aconteceu, não foi por causa do Lula, ou por causa do Eduardo Campos, ou por causa da minha companheira Dilma. Não, não foi. Foi porque o povo brasileiro começou a perceber que era preciso mudar. Tem gente que fala: “Mas o Lula, o Lula...” Eu já fiquei sabendo que em alguns estados, as pessoas falam: “Ah, o Lula só está fazendo coisas para o Nordeste. Não está fazendo para o Sul”. Olhe, eu desafio qualquer político de qualquer país [estado] ou qualquer analista político de qualquer partido a fazer... a pegar



os últimos 30 anos – para não dizer que eu estou comparando com o meu... com o próximo –, 30 anos, para saber em que estado da Federação... se algum presidente colocou mais dinheiro do que eu coloquei, mesmo em São Paulo, onde o governador é adversário, no Rio Grande do Sul. Eles receberam dinheiro, que quando eram eles que governavam não receberam metade do dinheiro que eu dei para eles. E faço assim, e faço assim porque eu quero que eles me respeitem.

Eu não quero fazer como a velha política, porque Pernambuco, quando o Arraes era governador, que brigou com um presidente, trataram Pernambuco a pão e água. E a minha relação não é com o governador, a minha relação é direta com o povo. Se tem povo e o governador é de qualquer partido político, não me interessa, não me interessa, eu quero é cuidar do estado. E por isso, por isso Pernambuco deu esse salto extraordinário, porque durante décadas Pernambuco foi tratado como se fosse adversário. Mesmo quando eles elegiam um deles, ainda assim não davam dinheiro.

Então, eu estou para terminar o meu mandato, companheiros. No dia 31 de dezembro eu me despeço da Presidência da República. Talvez seja a última vez que eu venho inaugurar um navio aqui no Estaleiro. Não vai dar pronto para ficar outro [não vai dar tempo para aprontar outro], não vai dar para aprontar outro até dezembro. Vai? Se tiver o segundo, cá estarei. Então, eu não posso nem me despedir de vocês.

Mas olhem, a construção deste navio é uma coisa que tem que ser levada a sério por nós, não apenas pela recuperação e pela geração de empregos na indústria naval, mas é porque é a autoafirmação de um povo, é a autoafirmação de um povo que, durante muito tempo, foi esquecido. O Nordeste brasileiro só aparecia nas estatísticas como campeão de mortalidade infantil, campeão de analfabetismo, campeão não sei das quantas. E quando as pessoas queriam elogiar um nordestino, falavam assim: “O nordestino é bom. Ele constrói ponte em São Paulo, ele constrói prédio”, como se nós



prestássemos só para ser pedreiros!

Nós descobrimos... e vejam a ironia do destino, companheiros: eu e o José Alencar não temos diploma universitário. Eu gostaria de ter tido. Eu gostaria de ter sido economista. “Eita bicho esperto, rapaz bom! Como lida com números! Uma coisa fantástica!” É uma coisa... ser economista é uma coisa... Então, eu não pude ser. Mas, eu e o José Alencar somos os dois únicos exemplos na história da República, de duas pessoas que não tiveram diploma universitário e que chegaram a presidente e a vice-presidente. Pois bem, não é ironia do destino que um presidente que não fez universidade já é o presidente que mais fez universidades na história do Brasil? Não é ironia do destino que seja eu que, em 8 anos, fizemos [tenha feito] uma vez e meia a quantidade de escolas técnicas que eles, que tinham diploma, fizeram em 100 anos? O que eles fizeram em 100 anos, nós fizemos, em 8 anos, uma vez e meia.

Portanto, companheiros e companheiras, eu, na verdade, quero entrar ali com vocês, ver aquele “bicho marrom” que está ali, e ser convidado para dar a primeira volta nele, ser convidado... A primeira volta, porque só ver de longe... A gente faz. A gente, nada! Vocês fizeram. Eu, agora, falei como se fosse o chefe: o chefe da seção, quando um peão faz as peças boas, ele chega para o chefe dele e fala: “nós fizemos, está maravilhoso”. Aí, quando o coitado do peão erra, ele fala: “foi o peão que errou”.

Então, eu... vocês vão ver uma coisa que eu vi com esta moça aqui, com este moço aqui, e com aquele moço ali. Eu, na semana passada, fiz uma reunião para discutir a Transnordestina, que vai ligar o Porto de Suape ao Porto de Pecém, e vai até Eliseu Martins, no Piauí, buscar soja. É uma ferrovia de 1.800 quilômetros. Agora, agora em junho... agora em junho, eu vou a Salgueiro. Lá em Salgueiro está sendo montada a maior fábrica de dormentes do mundo, e está sendo montada uma usina de brita, que é a maior do que as 40 que tem em São Paulo.

Agora, o que eu fiquei triste e, aqui, eu quero dizer olhando para meus



amigos empresários. O que eu fiquei triste, Armando, é que o Brasil não produz um metro de trilho, o Brasil não produz trilho. Nós compramos trilho da Polônia, nós compramos trilho da Itália, nós compramos trilho da China. E eu acho isso uma vergonha, meu caro Gabrielli, acho uma vergonha este país ter fechado, há 15 anos... Como é que se chama, Dilma, o que produz trilho? Ah, laminador. Fui consultar os universitários. Há 15 anos, a CSN tinha um laminador que produzia trilho. Não tem mais! Então, veja, nós estamos fazendo a Ferrovia Norte-Sul, nós já aprovamos, no PAC, a ferrovia Leste-Oeste, ligando de Ilhéus, na Bahia, até a Ferrovia Norte-Sul; nós estamos a Transnordestina; nós estamos fazendo a Ferronorte até o interior do Mato Grosso. Vamos levar a Ferrovia Norte-Sul até São Paulo. Imaginem uma espinha de peixe, é o que nós estamos fazendo com a Ferrovia, no Brasil, são mais de 6 mil quilômetros. Então, eu virei aqui em junho, para a gente ir lá inaugurar essa fábrica. Eu não sei se o Eduardo vai poder ir, porque ele vai ser candidato, ele não pode participar de inauguração, se não fosse candidato poderia ir comigo. Mas se for candidato, eu não sei se pode ir. Mas...

Então, eu fico imaginando este estaleiro produzindo navios cada vez maiores. O trem... A BR-101, vocês já andaram em um trecho da BR-101, já andaram? Pensem numa estrada boa! Hoje, nós vamos anunciar mais um pedaço dela. Até onde? De Palmares a... Pernambuco e Alagoas, ali na divisa, já é mais um trequinho. Quando a gente pegar um carro e sair nessa estrada com a família, a gente vai parar de dizer: "Na Alemanha é que tem estrada boa, na França é que tem estrada boa!" Nós vamos dizer: "Em Pernambuco, no Nordeste brasileiro tem estrada que não deve nada a nenhuma estrada de qualquer lugar do mundo". Feita, grande parte feita, uma parte pelo Exército brasileiro, outra parte pelas empresas privadas.

Então, companheiros, eu quero que vocês saibam que neste coração velho aqui, que não está fraco como está o coração do Prefeito, que disse que não pode ficar emocionado, eu fico emocionado todo dia, porque eu sou



corinthiano. E corinthiano se emociona quando perde e quando ganha; quando empata, faz festa. Então, eu estou sempre emocionado.

Agora, eu tomei a decisão de colocar o nome neste navio de “João Cândido”, o outro vai ser colocado “Celso Furtado”, vou homenagear um economista, porque um país não pode ter meia história, um país tem que ter uma história completa, a gente goste ou não goste. E neste país só aparece a história dos vencedores, a história dos derrotados quase nunca aparece, quase nunca aparece. E a gente goste ou não goste, João Cândido é um personagem da história brasileira que mostrou que os brancos, os brancos, que chefiavam a Marinha naquele tempo, não estavam respeitando sequer a legislação brasileira, que já tinha acabado com as chibatadas que os negros tomavam. E João Cândido tomou 250 chibatadas, desmaiou, e nem desmaiado pararam de dar chibatadas nele. Então, é uma pequena homenagem. E daqui para a frente, Gabrielli, outros personagens que foram heróis neste país, que não saem nas páginas dos jornais, o jeito de nós homenagearmos eles é esse, é fazendo o nome deles atravessar as fronteiras brasileiras, cortando os mares do Norte e do Sul com o nome de personagens que merecem respeito neste país. Tem muita gente que merece respeito e que está no anonimato. A história, por exemplo, de Frei Caneca não é bem contada. Era preciso contar, porque é motivo de orgulho. Este estado aqui produziu o primeiro texto sobre Socialismo. Eu acho que Marx virou socialista porque leu o texto do Abreu e Lima, viu?

Então, eu estou, estou muito orgulhoso. Ontem nós fomos lá no Pará, nós fomos anunciar um investimento que vai gerar 9 mil empregos quando estiver funcionando. Você pega uma mulher daquelas... Ô Dilma, eu vi uma mulher, uma senhora que trabalhava a vida inteira dentro de casa, porque mulher que trabalha em casa... é engraçado, né? A mulher se levanta de manhã, limpa banheiro, dá a roupa para o marido; às vezes o marido é preguiçoso, pede a toalha, ela vai dar a toalha; ele pede cueca, ele pede meia, e a mulher vai dar. Depois tem que preparar os filhos para a escola, tem que



preparar almoço, tem que lavar louça, tem que arrumar cozinha, tem que preparar a janta, tem que fazer janta, colocar a molecada para dormir. À meia-noite, quando não aguenta mais, alguém pergunta: “A senhora trabalha?” Ela fala: “Não”. Então, aquela mulher que estava aprendendo a só falar que não trabalhava, porque era doméstica, ela, Dilma, está ganhando R\$ 700 plantando muda de palma, muda de palma do dendê. Ela falou: “Presidente, o senhor não sabe o meu orgulho de ganhar o meu primeiro salário e chegar em casa com R\$ 700 na mão”. É uma coisa...

Eu vi a cara destas soldadoras falando aqui... No tempo em que eu era presidente do Sindicato, era impensável mulher trabalhar em solda! Era serviço para homem, era considerado insalubre, e mulher não podia nem passar... Eu, quando vejo a cara de vocês, orgulhosamente sendo soldadoras, porque não há diferença nenhuma entre a capacidade de trabalho de uma mulher e de um homem, não há nenhuma diferença. O que precisa é dar oportunidade, para ver o que as pessoas fazem.

Eduardo, então, eu penso que o Brasil chegou num nível que a gente não pode perder. Você veja que o mundo está em crise. Todos os dias você vê, né? Grécia está em crise, Espanha está não sei da onda, Portugal não sei da onda, e o Brasil só... tranquilo, maduro, sem fazer pompa, sem ficar metido. O Brasil era o décimo exportador de grãos, já virou o terceiro. Este ano, 145 milhões de toneladas, e é pouco. Nós poderemos muito mais, porque quanto mais “chininha” comer, quanto mais africano comer, quanto mais indiano comer, quanto mais brasileiro comer, mais a gente tem terra para produzir e ninguém tem terra e água como nós temos. Bem, o Brasil já fez isso. Agora nós estamos tão bem que nós até emprestamos dinheiro para o FMI. Agora eles me devem US\$ 14 bilhões. Qualquer dia... Vocês estão lembrados de quando eles vinham fiscalizar o Brasil, não é? “Chegou a comitiva do FMI, desceu no aeroporto de Congonhas e vai conversar com o Ministro da Fazenda”. E o Ministro já começava a tremer, já começava a tremer, já começava a tremer.



Agora a imprensa vai dizer: “O presidente Lula mandou seus assessores ao FMI [para] saber se eles estão aplicando corretamente o dinheiro emprestado pelo Brasil para ajudar os outros países pobres”.

Então, olhem, eu... não tem nada no mundo que pague a um presidente da República a cara de vocês, não tem nada que pague o gesto simbolizado pela cara de vocês, pelo depoimento. Porque a gente vai acabar com bandido neste país é na hora em que a gente oferecer oportunidades para que as pessoas pobres da periferia tenham um emprego, um salário, para cuidar da sua família. Se a gente não oferecer isso, o crime organizado oferece. É uma disputa cotidiana que nós temos que fazer.

Eu quero agradecer aos empresários do Atlântico Sul. Eu lembro, Nascimento, quando você entrou na minha sala para dizer que estava pensando em investir em estaleiro, eu falei: “Bichinho”, vá lá para Pernambuco, não vá... Não olhe o mapa do Brasil, para muito lugar não, vá direto. Então, eu quero agradecer, de coração, a vocês, aos empresários da indústria naval, que quando a gente estava na briga com os outros, da outra banda, que diziam que a gente não podia construir plataforma e sonda aqui, vocês estiveram do nosso lado, e hoje este país virou um país respeitado, virou um país grande.

Este país já tinha perdido três vezes o direito de ter... de ser sede das Olimpíadas. E nós não ganhamos de qualquer um, não. Nós ganhamos foi dos Estados Unidos, do Japão e da Espanha, e ganhamos porque fomos lá com a autoestima no coração, fomos lá para falar grosso, porque eu tinha... Engraçado, eu tinha... No dia em que eu embarquei, eu vi um canal de televisão que mostrava alguém falando o seguinte: “Não, o Brasil, o Brasil não tem que ficar reivindicando fazer Olimpíadas. O Brasil não pode... Como é que o Brasil quer disputar com Chicago? Como é que o Brasil quer disputar com Madri? Como é que o Brasil quer disputar com Tóquio? Lá já resolveram os problemas da Educação, lá já resolveram da Saúde. O Brasil precisa gastar é nessas coisas”. É o complexo de que a gente não pode nada. Eu fui para lá –



eu e a turma: o Governador do Rio, o Prefeito, o ministro Orlando –, nós fomos lá como se fosse gritar: “Vamos mostrar que nós somos mais pobres do que eles, mas temos tanta autoestima como eles”. E o Brasil ganhou a Copa do Mundo, ganhou as Olimpíadas. Este ano, as coisas estão indo bem. Quando eu disse que a economia do mundo estava mal e que a do Brasil era só “uma marolinha”, me encheram o saco durante um ano, me encheram o saco. Agora, as pessoas estão percebendo que a gente estava certo. A gente estava certo é porque eu discuto muito economia. Eu falo de economista, Salomão, mas eu discuto economia pelo menos três vezes por semana, eu me reúno com muitos economistas. Quando eu não me contento com aqueles que falam comigo, eu ligo para outros. Eu sou besta, mas não rasgo nota de dez não, sabe? Eu posso errar, eu posso errar porque tomei uma decisão equivocada, mas que eu consulto as pessoas, consulto.

Eu vou dizer para vocês uma coisa: eu acho que o que nós fizemos no Brasil precisa... não pode mudar. Se a gente deixar este país regredir, nós sabemos que para fazer é difícil, para derrubar é fácil. Vocês viram o que aconteceu com a Grécia agora; vocês viram o que aconteceu com a economia americana. Eles perderam, em um ano, 7 milhões de postos de trabalho, e nós criamos 1 milhão. A Europa perdeu mais de 8 milhões de empregos no ano passado. Este ano, nós já criamos, em três meses, 605 mil postos de trabalho. E, se Deus quiser, vamos chegar, Armando, a 2 milhões de empregos com carteira assinada, este ano. Quando eu ganhei, estava no meu programa: “O Brasil precisa criar 10 milhões”. Eu não disse que eu ia criar, eu disse que o Brasil precisava criar 10 milhões. Aí, todo dia: “Lula prometeu 10 milhões, Lula prometeu 10 milhões”. Pois bem, não vou entregar 10, vou entregar 14 milhões e meio de empregos com carteira profissional assinada. Certamente, só perdemos da China, certamente só perdemos da China ou da Índia, porque são países com mais de 1 milhão [bilhão] de habitantes.

E o prazer, o prazer que eu tenho... no dia em que eu deixar a



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Presidência, a lembrança que eu vou levar é a cara de vocês, é o prazer de ver homens brasileiros, do Nordeste brasileiro, levando para casa o alimento para a sua família, com a sua capacidade e com o seu suor. Nada é mais gratificante para um presidente da República do que ver um trabalhador trabalhando e cuidando da sua família.

Que Deus abençoe todos vocês. Que Deus abençoe a direção da Petrobras, da Transpetro, e que a gente possa construir muitos navios aqui neste estaleiro. Um abraço, gente. Vamos, agora, ver o trabalho de vocês.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração do Embrapa Estudos Estratégicos e
Capacitação**

Brasília-DF, 10 de maio de 2010

A Embrapa, que inventou tanta coisa, criou tanta coisa, não poderia ter criado um negocinho para evitar esses mosquitos que estão enchendo o saco, no ar, aqui? Vocês sabem que eu fiquei brigando com um mosquito o tempo inteiro, até que eu resolvi, para ele não virar o artista principal, parar de bater nele e ele ficou quieto, foi para cima do Wagner Rossi.

Mas, meus queridos companheiros ministros de Estado dos países africanos aqui representados,

Ministro Wagner Rossi, ministro da Agricultura,

Ministro Gregolin, da Pesca,

Rômulo Paes, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Senador Eduardo Suplicy,

Meu caro companheiro Jacques Diouf, diretor-geral da FAO,

Meu companheiro José Graziano, representante da FAO para a América Latina,

Meu querido companheiro Pedro Arraes, diretor-presidente da Embrapa,

Senhora Beatriz da Silveira Pinheiro, chefe-geral da Embrapa Estudos Estratégicos e Capacitação em Agricultura Tropical,

Amigos profissionais da Embrapa,

Companheiros da imprensa,

Eu, agora, vou ler o meu discurso.

A inauguração deste Centro da Embrapa de Estudos Estratégicos e de Capacitação coroa os 37 anos de atividade desta empresa de pesquisa que



impulsiona a nossa agricultura e que é motivo de orgulho para o nosso país. Poucos são os países que podem contar com uma estrutura de segurança alimentar como tem o Brasil, construída, em grande parte, pelas conquistas acumuladas por esta instituição chamada Embrapa.

Nossa agricultura deve colher este ano a maior safra de grãos de sua história: são quase 147 milhões de toneladas, número que supera o melhor resultado anterior, registrado na safra 2007/2008. Nas últimas décadas, a agricultura brasileira registrou o maior ganho médio de produtividade do mundo, cerca de 3,5% ao ano. Deixamos para trás a China, a Austrália e os Estados Unidos nesse quesito. A partir de 2003, a média foi ainda superior, da ordem de 4,5% ao ano.

Essas coisas não são obra do improviso, não podem ser atribuídas à sorte, nem ao acaso, como alguns gostam de dizer, procurando diminuir a eficácia e a competência dos próprios brasileiros.

Há menos de 10 anos éramos o sexto exportador de alimentos do Planeta. Hoje somos o terceiro – passamos o Canadá, em 2008, e antes já havíamos superado a China e a Austrália. À nossa frente, hoje, encontram-se apenas os Estados Unidos e a União Europeia, que não é um país, mas um conjunto de países que forma uma grande economia. Mesmo assim, a vantagem sobre o Brasil, em alguns casos, decorre de inaceitáveis expedientes protecionistas e tarifários, como ficou demonstrado no contencioso do algodão, que denunciemos e vencemos na Organização Mundial do Comércio, ou no caso do etanol brasileiro, mundialmente reconhecido como o biocombustível mais eficiente do Planeta, punido por tarifas e subsídios na Europa e nos EUA.

Somos líderes no comércio mundial de carne bovina, de frango, de açúcar, de café, de suco de laranja, de tabaco e do álcool. Em alguns casos, como o do café, essa é uma liderança secular que remonta a 1860. Na maioria dos produtos, porém, nossa vantagem foi consolidada, ampliada ou conquistada graças ao incremento da pesquisa científica, portanto graças à



existência de uma empresa pública, que nos deu o maior patrimônio de conhecimento em agricultura tropical de todo o planeta Terra. Esse diferencial garante a segurança alimentar da nossa sociedade, maximizando o aproveitamento das terras já ocupadas e permitindo que se reduza, cada vez mais, a interferência da economia em biomas e riquezas naturais.

Graças às pesquisas científicas, utilizamos, proporcionalmente, uma área cada vez menor para obter uma produção cada vez maior. Um exemplo ilustrativo: com um ganho de produtividade de apenas 0,5% ao ano nos próximos anos, inferior ao que tem alcançado na prática, a pecuária brasileira vai liberar área suficiente para dobrar o espaço destinado à agroenergia, que também evolui em eficiência a cada ano. Avanços notáveis têm sido alcançados também nas lavouras de milho, soja, arroz, feijão, mandioca e outros alimentos que compõem a cesta básica da dieta nacional.

Há razões de sobra, portanto, para nos orgulharmos da pesquisa brasileira. Mas esse privilégio impõe, ao mesmo tempo, certas responsabilidades que transcendem as fronteiras nacionais. E é justamente disso que cuidará o Centro Estratégico que estamos inaugurando hoje. Esta unidade da Embrapa vai gerar estudos estratégicos para o nosso mercado, mas também funcionará como uma espécie de chancelaria da agricultura brasileira na cooperação com outros povos e nações em desenvolvimento em todo o mundo. Temos a obrigação histórica de compartilhar nossos trunfos com povos irmãos, que travam a luta decisiva contra a fome, a pobreza e o subdesenvolvimento no século XXI.

Com poucas adaptações, o patrimônio de 37 anos de conhecimentos da Embrapa pôde gerar saltos de produtividade, suficientes para promover uma revolução agrícola em países africanos, com os quais temos uma dívida histórica pelo muito que nos deram e pelo tanto que sofreram na construção deste país. Mais de 200 milhões de pessoas padecem de fome crônica na África; cerca de 33 milhões de crianças com menos de cinco anos estão



subalimentadas, segundo dados da ONU. Uma parceria com a Embrapa pode representar, para esses povos, um avanço de décadas no acesso à tecnologia de ponta, capaz de vencer a fome, reduzir a pobreza e combater a desigualdade.

A savana africana cobre 25 países e guarda profundas semelhanças com o nosso cerrado. Estamos falando de 400 milhões de hectares, um vasto campo que vai do Senegal à África do Sul, cujo aproveitamento, hoje, limita-se a 10% do total. Nossa tecnologia pode semear nessa fronteira um polo agrícola de potencial superior ao do próprio cerrado brasileiro.

A fome, que afeta mais de um bilhão de pessoas no Planeta, é o escárnio da desigualdade num tempo de abundância e sofisticação tecnológica sem precedentes. A Humanidade sabe como produzir, mas ainda não aprendeu a repartir.

O empenho na erradicação da fome constitui uma espécie de teste de consistência da vontade política mundial na renovação da Agenda do Desenvolvimento no pós-crise. Imaginar que a lógica do livre mercado, que arruinou o sistema financeiro internacional, possa conduzir a bom termo a segurança alimentar do Planeta seria repetir, no enfrentamento deste desafio, os mesmos erros que originaram a eclosão da maior crise do capitalismo desde 1929.

Mais que nunca, fica claro, para erradicar a fome que atormenta um em cada seis habitantes do globo é necessário convocar um leque de ações coordenadas, que associe a iniciativa de governos locais à cooperação internacional desdobrada em várias frentes. Entre elas, destacamos algumas: o apoio ao desenvolvimento agrícola soberano de cada nação; a redução da ajuda perversa feita de importações de alimentos subsidiados que inibem a agricultura local, sobretudo a dos pequenos produtores. Destacamos, também, o acesso ao crédito e à tecnologia produtiva; a redução das tarifas e do protecionismo das economias ricas e, sobretudo, políticas de segurança



alimentar que estreitem os vínculos entre a oferta e a demanda de alimentos em cada país, em cada região e em cada povoado. É isso que o Brasil tem feito através do programa Fome Zero, do Bolsa Família, do Pronaf e das aquisições de alimentos do governo federal.

A criação desse conjunto de políticas resultou da compreensão histórica de que a convergência entre riqueza e acesso à riqueza, bem como entre abundância e segurança alimentar, no século XXI, não pode mais ser atribuída a supostos automatismos de mercado. Foi essa convicção política que permitiu ao Brasil, com anos de antecedência, cumprir as Metas do Milênio de redução da fome e da pobreza em nossa sociedade.

É esse aprendizado e o conhecimento científico que lhe deu sustentação que nós podemos, devemos e vamos compartilhar agora, de forma ainda mais intensa, a partir deste Centro da Embrapa.

E vamos compartilhar com os povos irmãos da África, da América Latina e do Caribe, como já ocorre atualmente no Haiti e a partir do escritório da Embrapa em Gana. Esta não é uma visão tirada da conveniência da hora. Este não é um governo que enxerga os pequenos e os pobres apenas quando acendem as luzes do processo eleitoral. Esta não é uma nação mesquinha, que se fecha em torno de suas conquistas, indiferente às necessidades da cooperação internacional para o desenvolvimento, seja com os nossos parceiros do Mercosul, da África, do Caribe, da Ásia ou do Oriente Médio.

Enfim, companheiros e companheiras, eu penso que a Embrapa, que durante 37 anos foi o coração do desenvolvimento agrícola do Brasil, dá um passo extremamente importante para que nas próximas décadas a gente possa socializar todo o conhecimento acumulado pelos pesquisadores, pelos cientistas da Embrapa, para que a gente possa fazer se desenvolver a produção agrícola na África e na América Latina. Eu estou convencido de que a Embrapa, descobrindo os países africanos, e os países africanos descobrindo a Embrapa, a gente pode fazer com que a Embrapa, em um período menor do



que o próprio Brasil, possa dar um salto de qualidade e fazer a sua revolução agrícola. Afinal de contas, o ser humano pode prescindir de qualquer bem material, mas eu não conheço ainda um ser humano que queira sobreviver que possa prescindir da sua alimentação diária.

Pois se o mundo vai precisar de mais alimentos, com o crescimento africano, com o crescimento da China, com o crescimento da Índia, com o crescimento da América Latina, urge que nós produzamos mais alimentos. E produzir mais alimentos não significa apenas ter quantidade enorme de terra. Significa ter qualidade de pesquisa, e isso a Embrapa tem e quer repartir com todo o continente africano.

Parabéns à Embrapa e boa sorte a todos nós.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura do Diálogo Brasil-África sobre Segurança Alimentar, Combate à Fome e Desenvolvimento Rural

Palácio Itamaraty, 10 de maio de 2010

Eu quero cumprimentar o senhor (incompreensível) (falha na gravação), do Malawi,

Quero cumprimentar os companheiros ministros e ministras dos países africanos que estão aqui presentes,

Quero cumprimentar o companheiro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores do meu governo,

Cumprimentar o Wagner Rossi, ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento,

Companheiro Rômulo Paes, ministro interino do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Quero cumprimentar o companheiro Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário,

E o companheiro Altemir Gregolin, ministro da Pesca e Aquicultura,

Quero cumprimentar o companheiro Jacques Diouf, diretor-geral da FAO,

Cumprimentar a senhora Josette Sheeran, diretora-executiva do Programa Mundial de Alimentos das Nações Unidas,

Cumprimentar o companheiro José Graziano, diretor da FAO para a América Latina,

Cumprimentar o nosso querido companheiro Pedro Arraes, presidente da Embrapa, que está ali escondido atrás dos fotógrafos,

Quero cumprimentar os parlamentares presentes,

Cumprimentar os embaixadores,



Quero cumprimentar todos os representantes de organizações internacionais,

Quero cumprimentar os jornalistas,

Quero dizer para vocês da alegria imensa de vocês terem aceito o convite nosso para participar deste debate sobre a relação África-Brasil e a questão da segurança alimentar.

Eu queria começar contando um caso para vocês. Hoje, graças a Deus, eu não tenho discurso. Tenho apenas aqui alguns pontos de conversação, e eu penso que vai ser mais rápido, não vou tomar muito o tempo de vocês. De vez em quando o improviso faz com que a gente utilize muito mais tempo do que se tivesse o discurso por escrito. Mas, de qualquer forma, eu vou compreender que vocês viajaram muito para chegar aqui, atravessaram o Atlântico e, portanto, o fuso horário deve estar mexendo com a cabeça de vocês.

Então, eu vou começar contando uma história, das dificuldades das relações entre os estados. Eu não vi aqui o meu ministro Eloi, companheiro ministro da Igualdade Racial. Eu tinha aproximadamente três meses de mandato na Presidência da República do Brasil, quando o presidente Wade, do Senegal, me liga pedindo ajuda do Brasil para que lhe enviasse um avião, chamado aviãozinho Ipanema, para enfrentar uma praga de gafanhotos que se aproximava do Senegal. Eu fiquei muito entusiasmado porque era o meu primeiro gesto de solidariedade com um país africano, e decidimos, então, mandar o avião. Entre decidir mandar o avião e o avião chegar lá, levou seis meses. A praga de gafanhotos já tinha comido todo o milharal, e o avião... Foi para lá, está lá. Eu espero que tenha combatido outras pragas de gafanhotos, mas aquela não deu porque eu não sabia que, para dar um avião, tinha que passar pelo Congresso Nacional, tinha que debater não sei das quantas, e demorou muito.

Eu estou dizendo isso apenas para mostrar para vocês que, muitas



vezes, a gente toma as decisões – vocês, do lado de vocês; nós, do nosso lado; os americanos, do lado deles; os europeus, do lado deles – e até a gente concretizar as coisas, leva um tempo muito grande. Para quem está com fome, para quem está sofrendo muito e para quem precisa comer as calorias e as proteínas necessárias, são tempos intermináveis que, muitas vezes, não chegam a tempo de as pessoas sobreviverem. Esse é um assunto que eu quero discutir com vocês.

Eu queria, antes, agradecer o prêmio que eu recebi. Eu penso que cada dirigente, no mundo, ou melhor, cada um de nós, a gente pensa de acordo com o chão que os nossos pés pisam. Se os dirigentes políticos do mundo não estiverem, cotidianamente, comprometidos com as pessoas que estão em pior situação no seu estado e no seu país, fica mais difícil a gente tomar decisão em benefício dos mais pobres. A verdade é que, normalmente, nós somos eleitos pelos mais pobres, mas quando a gente ganha as eleições, quem tem acesso ao gabinete dos dirigentes não são os mais pobres, são os mais ricos. E, muitas vezes, o orçamento da União é feito para aquelas pessoas na sociedade que já estão organizadas e que, portanto, fazem uma pressão sobre o governo, e o orçamento é dividido normalmente para a parte organizada da sociedade e, quando a gente vai ver, não sobra nada para a gente fazer política para aqueles que não têm sindicato, para aqueles que não vão à capital, para aqueles que não fazem passeata, para aqueles que não têm sequer o direito de protestar porque não têm como protestar.

Esse é um desafio que está colocado para as gerações de dirigentes do século XXI: é ter claro que o combate à pobreza só será vencido se houver determinação, se houver uma determinação de prioridade na política orçamentária de cada país, de tratar a questão da fome como coisa prioritária. Se a gente esperar sobrar dinheiro no orçamento para cuidar da fome, nunca vai sobrar, porque os que têm acesso ao orçamento são gananciosos e querem todo o dinheiro para eles, e não fica nada para os pobres. Essa é uma



experiência muito rica que eu vivi aqui no Brasil.

A segunda coisa importante, meu caro Diouf, é que os dirigentes políticos do mundo precisam definir que não tem nada mais importante para cada país, não tem nada mais importante para cada povo do que a segurança alimentar, como a forma mais extraordinária de garantir a soberania e a autodeterminação dos povos. Se um país tiver a arma mais poderosa que tiver, mas ele não tiver a comida de cada dia, do seu povo, plantada no seu território ou comprada fora, esse país não tem soberania.

Então, a segurança alimentar precisa ser vista como uma questão de soberania de cada país. Nós temos que garantir a cada cidadão do nosso país que ele possa ter o café da manhã, o almoço e a janta todos os dias, porque isso é o que permite às pessoas terem tempo de pensar no que fazer no dia seguinte. Quem tem fome não pensa, a dor do estômago é maior do que muita gente imagina. E as pessoas que têm fome não viram revolucionárias, elas viram submissas, elas viram pedintes, elas viram dependentes. Portanto, a fome não faz o guerreiro que nós gostaríamos que fizesse. A fome faz um ser humano subserviente, humilhado e sem forças para brigar contra os seus algozes, que são responsáveis pela fome.

Em terceiro lugar, é importante que a gente tenha clareza... eu estava ouvindo o discurso do companheiro Diouf e estava prestando muita atenção. Nenhum ser humano do mundo é contra os pobres, nem nos nossos países. Vocês nunca viram, numa campanha política eleitoral em cada país africano, em cada país latino-americano, em cada país do mundo, um candidato fazer campanha defendendo os ricos contra os pobres. Normalmente, a campanha é feita, todo mundo defendendo os pobres, até o rico que é candidato. O problema é que na hora de governar, o pobre sai da agenda e o rico permanece na agenda. São eles que indicam ministros, são eles que indicam assessores, ou seja, são, na maioria das vezes, eles que determinam a política que você tem que fazer.



Como mudar isso para que a gente possa garantir um mundo de paz, um mundo sem fome, um mundo com mais educação, um mundo com mais desenvolvimento? Qual é a lógica que explica a África, que é o berço da Humanidade, chegar ao século XXI ainda como o continente mais atrasado na questão do combate à miséria e à fome? Qual é a explicação sociológica, qual é a explicação econômica, mesmo quando o continente africano foi ocupado por nações extremamente ricas? Ao conquistar a independência, muitos países africanos continuaram pobres depois da independência, como foi o caso do nosso querido país, como é o caso de todos na América do Sul, em que os colonizadores foram embora, depois de levar grande parte da riqueza existente no país, e nós continuamos pobres.

Bem, essa lição eu aprendi aqui no Brasil. Nós precisamos aprender a nos conhecer melhor para que a gente possa tomar decisões a partir da nossa realidade, a partir da nossa similaridade, a partir daquilo que a gente pode produzir e construir juntos, e, na maioria das vezes, nós não fizemos isso. No século XX, possivelmente o Brasil tenha se preocupado mais na [com a] sua relação com os europeus e com os americanos, e vocês também, com os europeus e com os americanos. A nossa relação era um pouco estranha, mesmo nós sendo tão parecidos, mesmo nós tendo tanta coisa em comum, a verdade é que nós tínhamos outros parceiros, tínhamos outras expectativas e outra esperança.

Bem, nós já fizemos um primeiro encontro Brasil, América do Sul e África, que a ideia era tentar fazer os dois continentes se enxergarem. Nós temos apenas um mar de obstáculo entre nós, e o mar termina sendo um ponto que facilita a nossa relação e não um ponto que dificulta a nossa relação. Já fizemos dois encontros. Certamente, ainda não colhemos aquilo que era necessário colher mas, certamente, países que nunca tinham ido à África já foram à África, já participaram de encontros com a África e já não acham o continente africano tão estranho a eles. Da mesma forma, os africanos que



jamais imaginaram ter ido à Venezuela participar de um encontro, certamente passaram a conhecer outros povos e outros países. E começar a discutir outras possibilidades, aprofundar, de forma meticulosa, o que nós poderemos fazer uns pelos outros.

Bem, nós acabamos de perder um guerreiro, o presidente Yar'Adua, da Nigéria, que visitou o Brasil em julho do ano passado, já não está mais entre nós. Ele era um homem que veio conversar comigo e veio dizer, categoricamente, que ele estava disposto a fazer com que a Nigéria olhasse mais para a relação Sul-Sul, para ver se nós poderíamos construir o que não foi construído no século XX. Eu espero que quem vier para o governo continue pensando nessa mesma trajetória, pensando nesse [com esse] mesmo olhar para o Sul-Sul, porque nós nos olhamos muito pouco no século passado.

Eu já disse a vocês que a África é prioridade na minha relação. Eu já visitei... eu devo terminar o meu mandato visitando 25 países africanos. Isso é mais do que tudo o que já foi visitado por todos aqueles que governaram o Brasil desde que Cabral chegou ao Brasil, em 1500, para descobrir o Brasil. Eu espero que outros presidentes que venham a governar o Brasil viajem mais, viajem mais do que eu e viajem mais países do que eu, para que a gente possa descobrir o potencial que existe nas nossas relações, e trabalhar com a ideia firme e a convicção de que o século XXI tem que ser o século do renascimento africano. Isso só será possível se nós acreditarmos e se nós trabalharmos para isso. Não é possível acontecer alguma coisa se nós não quisermos que aconteça.

Eu lembro perfeitamente bem, e vou dar esse testemunho para vocês, que quando nós começamos a pensar o projeto Fome Zero e depois pensar o programa Bolsa Família – o Graziano está aqui –, nós tivemos muita adversidade. Adversidade numa parte da elite política brasileira, que dizia que dar dinheiro na mão de pobre era proselitismo, era compra de voto, era favor, era... tem todos os adjetivos que vocês possam imaginar. Depois, a



incompreensão de alguns que diziam: “Se você vai dar R\$ 100 para um pobre, ele não vai querer mais trabalhar, ele não vai querer mais trabalhar, vai virar um vagabundo”. Era isso que diziam. “Ele vai tomar cachaça, ele não vai querer mais trabalhar”. E nós tivemos que enfrentar esse preconceito. O Graziano, que foi o primeiro ministro, Diouf, tinha hora que eu tinha ficar paparicando ele aí, para ninguém desistir, porque a pressão era para desistir, a pressão era que cuidar de pobre não podia. Tinha gente que falava assim para mim: “Por que o presidente Lula vai criar o programa Fome Zero, gastar R\$ 12 bilhões se isso daria para fazer pontes, fazer estradas?” Na verdade, daria para fazer pontes e fazer estradas. Mas naquele momento, o mais importante do que uma ponte era colocar comida na barriga de uma criança, era colocar comida na barriga de uma mulher ou de um homem que estava fragilizado. E a gente não poderia vacilar entre os discursos daqueles que são contra e a realidade.

O dado concreto é que passados alguns anos veio a crise econômica mundial e ficou provada uma coisa, para que os pesquisadores publiquem por muito tempo: foi a capacidade de consumo dos pobres que fez a economia brasileira resistir à chamada crise dos países ricos. Os pobres do Norte brasileiro e do Nordeste consumiram mais. As Classes D e E do Norte e do Nordeste consumiram mais do que as classes A e D da região Sul e Sudeste. E os pobres foram à luta comprar coisas que, até então, eles não estavam habituados a comprar. Porque quem tem muito dinheiro, quem tem muito dinheiro dá US\$ 30, US\$ 40 de gorjeta, depois de tomar dez uísques no restaurante. Mas quem não tem nada e pega US\$ 40, é capaz de levar comida para seus filhos comerem durante 20 dias ou 30 dias, é capaz de fazer a multiplicação dos pães, é capaz de garantir o sustento de uma família. Esse é um dos milagres que aconteceram neste país. Neste país, eles diziam: “Nós não podemos aumentar o salário mínimo, porque o salário mínimo vai causar inflação”. Quando nós chegamos aqui, o salário mínimo – se eu não estiver



enganado – comprava 1,4 cesta básica. Hoje está comprando 2,4 cestas básicas, ou seja, praticamente, o dobro, e a inflação está totalmente controlada.

O problema é simples: pouco dinheiro na mão de muitos é distribuição de riqueza; muito dinheiro na mão de poucos é concentração de riqueza. Então, o que nós fizemos foi garantir um pouquinho para muita gente, e os pobres, que antes ficavam à margem, viraram gente de classe média, começaram a frequentar *shopping centers*, começaram a comprar coisas que antes só uma parte da sociedade podia comprar.

Esse é um dos milagres das coisas que aconteceram aqui no Brasil, mediante também muitas outras políticas. Eu, hoje, sou um homem convencido de que o problema nosso não é apenas a questão de dinheiro. Dinheiro é sempre muito importante, dinheiro é sempre muito importante, mas o problema maior nosso é a falta de definição de prioridades. O problema nosso, às vezes, é a falta de projeto, e o problema nosso, às vezes, é a falta de focar aquilo que é prioridade.

O Brasil, na década de 70, tinha uma extraordinária assistência técnica na agricultura brasileira e, no final dos anos 90, toda a assistência técnica estadual tinha, praticamente, com raríssimas exceções, sido dizimada. Nós precisamos reconstruir, porque senão a agricultura familiar não sobrevive. E eu tenho verdadeira ojeriza ao discurso da agricultura de subsistência, tenho verdadeira ojeriza. Dizer para um agricultor: “Você tem que plantar a sua mandioquinha, você tem que plantar o seu milhozinho, você tem que plantar o seu arrozinho”, só para comer? Não! Nós precisamos mostrar que ele tem direito ao acesso à tecnologia, que ele tem que ter direito ao acesso a crédito para ele produzir com mais escala, para, além de comer, ele poder ter um dinheiro e ter acesso a outros bens, senão o homem não fica no campo. O velho fica, mas a juventude não fica no campo, porque as luzes da cidade são uma paixão para a juventude. Entre ficar ouvindo um grilo cantar ou a luz de



um vagalume a nos clarear, na porta de um cinema no centro da cidade, com tanta coisa bonita acontecendo lá, é uma paixão a que nenhum jovem resistirá. E ele só vai ficar no campo na hora em que a gente criar as condições para que ele possa ficar no campo.

Aqui, eu penso que o Brasil acumulou uma experiência. Eu não vou entrar em detalhes, porque muita gente nossa vai falar com vocês. Depois das 15h, nós vamos visitar a Embrapa, vocês vão ver de perto uma apresentação na Embrapa. Então, eu não vou me ater a coisas técnicas porque vocês vão ouvir, até enjoar, nesses dias que vocês vão estar aqui.

Mas vou contar uma coisa para vocês. Em julho de 2008 nós fomos pegos de surpresa pelo aumento dos alimentos. Feijão, no Brasil, não é uma coisa de exportação e, de repente, o saco de feijão saiu de R\$ 60 para R\$ 200; a soja subiu de forma extraordinária; o arroz tinha desaparecido, e todo mundo querendo saber o que era, todo mundo querendo saber o que era. Então, a coisa mais fácil era dizer: “São os chineses”. Teve um tempo em que o culpados eram “os chineses, os chineses estão comendo demais”. Bom, e eu fui constatar que não tinha havido nenhum grão de feijão importado pela China, do Brasil. Então, não poderia ser a China. Eu fui detectar que a soja tinha tido a mesma quantidade do ano anterior. Também não tinha sido. E também o preço do petróleo: de US\$ 30 para US\$ 150. Eu me reunia com as empresas, inclusive com a minha, e com as outras multinacionais, para alguém me explicar por que o petróleo tinha chegado a US\$ 150. Eles diziam: “É a China, é o consumo da China”. Aí, quando sai a crise do *subprime*, quando sai a crise da especulação imobiliária nos Estados Unidos é que a gente descobriu que já tinha, no mercado futuro, a mesma quantidade de petróleo comprada no mercado futuro, que a China consumia. Os espertalhões, que estavam ganhando dinheiro especulando com papel, resolveram tirar o dinheiro do fracassado *subprime* e ir para a soja, para os alimentos e para o petróleo, e muita gente sofreu com isso.



Nós estávamos prontos para fazer o acordo da Rodada de Doha. Tinha só uma divergência entre a China, entre a Índia e os Estados Unidos, e o problema eleitoral, porque isso era mais ou menos no mês de julho, e tinha eleições em novembro nos Estados Unidos, e tinha eleições em maio do ano seguinte, no estado do negociador indiano, que é na Índia, mas, sobretudo no estado do negociador, que era candidato. Por conta disso, nós não avançamos na Rodada de Doha e, lamentavelmente, já faz dois anos e a gente ainda não retomou as negociações. A Rodada de Doha, no entendimento do Brasil, e certamente no de vocês, era a possibilidade de a gente abrir um pouco mais do mercado para que vocês pudessem exportar os produtos de vocês para os mercados mais ricos. Bem, mas não andou, vamos ver se andamos. Parece que a teoria do livre mercado era extraordinária quando nós só éramos compradores. Na hora em que a gente quer ser vendedor, o livre mercado não era tão livre como parecia ser. E as pessoas não levam... Eu acho isso, Diouf, uma barbaridade, uma barbaridade da visão capitalista, porque cabe a um homem que tem uma visão capitalista compreender que quanto mais os africanos comerem, quanto mais os latino-americanos comerem, quanto mais nós ganharmos um dinheirinho, mais nós seremos consumidores dos produtos de alto valor agregado que eles produzem. Isso, (incompreensível), você deve ter aprendido na escola de Economia, não precisava ser nenhum dirigente sindical para vir dizer isto aqui. Henry Ford dizia, no começo do século XX: “Eu preciso pagar aos meus trabalhadores para que eles possam comprar o carro que eu produzo, senão eu não vendo”. A mesma coisa é o mundo desenvolvido. Eles têm que contribuir para a melhoria de vida na África, o Brasil tem que contribuir, os americanos têm que contribuir, os chineses têm que contribuir, porque vocês passarão a ser consumidores no planeta Terra e, portanto, um mercado extraordinário para quem tem sofisticada tecnologia.

Nós estamos há quanto tempo pedindo para os países mais ricos construírem parceria conosco? Fizemos uma com o Japão, em Moçambique, e



queremos fazer com outros países para produzir as coisas que interessam a vocês com a nossa tecnologia, mas com incentivo financeiro nosso, para que eles comprem.

Me diga uma coisa: a Europa vai precisar colocar, nos próximos [anos], até 2020, 10% de etanol na sua gasolina, não é isso? A Europa não pode ficar produzindo etanol de beterraba, fica muito caro, ou de milho, não é prudente. É prudente, então, que a gente, olhando o mapa-mundi, [veja] onde é que tem terra para produzir. Onde é que tem terra para produzir? No continente africano, no Brasil e na América Latina. Os outros países já produziram muito, já utilizaram grande parte da sua terra agricultável, nós é que estamos... Ora, uma parte dessa terra tem que garantir a segurança alimentar da Humanidade; na outra parte, onde puder, as pessoas têm que plantar aquilo que vai render dinheiro para as pessoas poderem fazer a economia crescer. E tudo isso é muito visível e perceptível por todos os dirigentes. Mas entre a gente compreender e a gente executar um projeto, é difícil.

Depois vocês conversem com o companheiro de Angola que tem um grande projeto lá, de etanol, do governo de Angola com uma empresa brasileira, que vai suprir, em Angola, metade do etanol que Angola usa e também metade do açúcar, ou seja, isso é um salto extraordinário – em pouco tempo, em pouco tempo. Essa tecnologia o Brasil domina e é essa tecnologia que o Brasil quer repartir com vocês.

A Embrapa... Eu vou assinar a lei hoje, aqui, vou mandar a medida provisória. É na Embrapa que eu vou assinar, Pedro? A Embrapa está em Gana, ela já estudou projetos em 16 países, e nós já temos a convicção de que parte da savana africana tem as mesmas características produtivas do cerrado brasileiro. O cerrado brasileiro, há 40 anos, era tido como terra imprestável. Na minha ignorância, Pedro, quando eu vinha de carro de São Paulo para Brasília, que passava no cerrado, a gente dizia: “Essa terra não presta para nada, olha como as árvores estão tortas, nem crescer não crescem”. Bastou um pouco de



carinho com a terra, ela virou a área de maior produção de grãos do nosso país. E isso pode acontecer com a savana africana e com muitos países.

Uma outra coisa que eu fico vendo o mapa e fico imaginando, é que tem problema de água na África, em alguns países, mas tem excesso de água na África, em outros países. E nós, os países que têm um pouco mais de recursos, mais os países ricos, nós temos que começar a imaginar como é que a gente socializa essa água. Eu estou fazendo um canal aqui, no Brasil, de 640 quilômetros para levar água para 12 milhões de pessoas da área mais seca do Brasil. Esse projeto está sendo pensado desde 1847 – o Brasil ainda tinha um imperador –, e esse projeto não saía do papel. Pois bem, ele agora saiu do papel e eu inauguro a primeira parte dele. Eu fico vendo ali, na África, alguns rios, a imensidão de água que vai para o mar sem a gente aproveitar. Eu sei que não tem dinheiro nos países, mas é essa contribuição que os países ricos podem dar, financiar um projeto. É esse o financiamento que a gente tem que fazer.

No G-20, se pensou em US\$ 22 bilhões para ajudar. Agora, esses US\$ 22 bilhões precisam ter uma coordenação eficaz, projetos bastante definidos, porque senão o dinheiro desaparece. E quando a gente vai ver, não ficou nada no lugar, porque dinheiro, de vez em quando, voa. Então, é preciso... eu acho que as organizações que vocês construíram na África são muito representativas. Acho que eu poderia citar como exemplo aqui, por exemplo, a União Africana, que está mais organizada do que a nossa Unasul; eu poderia citar o Banco Africano, que é um banco que tem um potencial de crescimento, e é lá que os bancos de fomento tipo o FMI, tipo o Banco Mundial, deveriam colocar um pouco de dinheiro para que vocês pudessem administrar do jeito que quisessem, para fazer funcionar o crédito.

Uma coisa, Diouf, eu vou dizer a você: quando eu cheguei ao governo, no Brasil inteiro, em todo o território brasileiro, nós tínhamos apenas R\$ 380 bilhões de crédito. Eu fiquei pensando: como é que este país quer ser um país



capitalista, se não tem nem crédito? Pois bem, hoje o nosso país tem mais de 1 trilhão e 500 bilhões de crédito, por isso a economia funciona. Nós criamos aqui um crédito para os pequenos, crédito para o trabalhador aposentado, para o trabalhador que não tem nem conta bancária. Esse crédito já disponibilizou, nesses quatro anos, R\$ 115 bilhões de financiamento para as pessoas físicas, aposentados, catadores de papel. Essa é uma parte da explicação do sucesso da agricultura familiar brasileira e do sucesso do agronegócio no Brasil. Aqui no Brasil, o governo tem que financiar o agronegócio e a agricultura familiar, e fazemos isso com prazer porque sabemos da importância que têm os dois setores na economia brasileira.

Bem, nós... uma notícia boa que eu quero dar para os companheiros. Antes, dizer para vocês o seguinte: a África já tem um instrumento como o Nepad, a África já tem o Banco de Desenvolvimento. Portanto, nós temos instituições mais sólidas na África, com quem o restante dos outros países e o Brasil podem fazer negócio. Nós temos condições de criar, para a África, as mesmas políticas de crédito que nós oferecemos aos agricultores brasileiros, mas isso, vai ter gente que vai conversar com vocês. Muitas vezes, as pessoas querem se modernizar, muitas vezes as pessoas até recebem máquinas de graça, mas não tem a formação para a pessoa manusear a máquina ou, às vezes, não tem tecnologia para fazer funcionar, às vezes tem a máquina e precisa do combustível, não é? Eu lembro que quando nós lançamos o programa Mais Alimentos, no auge da crise do alimento, nós, em 18 meses, criamos uma linha de crédito para o pequeno produtor, nós vendemos aqui, internamente, 25 mil tratores para pessoas que jamais tinham imaginado ter um trator. Esse programa terminava agora, nós vamos ter que continuar com ele, porque... E eu quero ver se estendo essa mesma linha de crédito para o [do] Brasil para a América Latina e para os países africanos que precisarem modernizar a sua agricultura.

Nós gostaríamos de partilhar com vocês, companheiros, as nossas



experiências, e vocês vão ter o prazer de conhecer a Embrapa. A Embrapa é a empresa responsável pela revolução tecnológica no Brasil, na questão da agricultura, e nós queremos que ela faça com a África o mesmo que está fazendo no Brasil, por isso nós estamos com os técnicos lá fora. Mas hoje nós vamos mandar um projeto de lei oficializando a implantação da Embrapa em território estrangeiro, coisa que a lei atual não permite.

Nós estamos querendo, temos intenção de implantar 10 projetos-piloto nos moldes do Programa de Aquisição de Alimentos na África. O Programa de Aquisição de Alimentos, certamente o Ministro vai falar, na parte da tarde, mas uma coisa extraordinária aqui, no Brasil, é o programa de compra de alimentos feito pelo governo. E a outra coisa extraordinária é que nós determinamos que 30% do alimento vendido para a merenda escolar seja da agricultura familiar, mas que seja da agricultura local, regional, ou seja, para um cidadão comprar do produtor na sua cidade, para fomentar a produção da sua cidade. Senão, o cidadão planta a 2 mil quilômetros de distância, esse produto sai de lá, vai para, aqui no Brasil, vai para o Ceasa, que é um setor de comercialização e depois volta para lá, ou seja, anda 4 mil quilômetros para ganhar preço, para depois chegar ao produtor. Então, nós decidimos que 30% é comprado ali, na cidade do pequeno produtor rural dali: é a batatinha, é o feijão, é a mandioca, ou seja, tem que ser comprada lá, para a gente fomentar a produção.

Bem, uma coisa importante que eu queria dizer para vocês: finalmente, a Câmara dos Deputados, no Brasil, aprovou – e eu queria que o Eduardo prestasse atenção, porque vai para o Senado –, a Câmara dos Deputados finalmente aprovou, na semana passada, a Universidade Afro-Brasileira. É uma universidade que nós estamos pensando em 10 mil alunos, metade africanos, metade brasileiros. Ela vai ser no estado do Ceará, portanto, estarão todos os estudantes olhando para o continente africano, para que ninguém esqueça de onde veio, porque se a gente não tomar cuidado, esses meninos vêm, se formam, arrumam uma namorada e já ficam por aqui mesmo; e nós queremos



que eles fiquem de olho para o continente africano, olhando ali... Quem é de Cabo Verde, vai estar ali, olhando Cabo Verde. Se ele não quiser ir, a gente empurra ele e ele vai nadando, e volta para o seu local. O que nós queremos é dar uma contribuição... Se for aprovada no Senado, Eduardo, nós ainda lançaremos a pedra fundamental e começaremos a construí-la ainda este ano. Será na cidade de Redenção, no Ceará, que é a cidade onde começou a luta pelo fim da escravidão no nosso país.

Por último, companheiros e companheiras, nós também queremos oferecer treinamento técnico em extensão rural, num trabalho com o nosso Ministério, com a Embrapa, com o Sebrae. O que nós precisamos habituar é fazer com que as nossas pessoas viajem mais e se encontrem mais. Por isso é que nós vamos inaugurar, à tarde, um centro da Embrapa, que é uma coisa chique, que tem... é um centro de tecnologia, de formação, de treinamento, em que a gente quer receber muitos engenheiros agrônomos, técnicos agrícolas da África, para poderem fazer treinamento na Embrapa, aprender a tecnologia que nós temos aqui, de ponta, levar para a África e produzir o mesmo que nós produzimos aqui.

Eu quero ressaltar o papel das Nações Unidas e, particularmente, do Fida, do PMA e da FAO, porque o papel de vocês é decisivo para construir este mundo sem fome que todos nós queremos construir. Acho que nós precisamos implementar a reforma do Comitê de Segurança Alimentar, e é preciso torná-lo um fórum representativo de todos os acordos relevantes para a construção de uma parceria global para a agricultura e a segurança alimentar. Acho que o Programa Mundial de Alimentos deve ampliar suas atividades, por meio de compras locais de alimentos que assegurem o fornecimento às populações vulneráveis e estimulem o pequeno produtor. O Fida pode ajudar muito no apoio aos programas nacionais de regularização fundiária e de ampliação de crédito e seguro agrícola.

Aqui, eu queria dizer uma coisa, tanto ao Diouf, quanto ao Programa



(incompreensível): o Brasil, o Brasil, graças a Deus, o Brasil não precisa de ajuda financeira para fazer as suas coisas. O Brasil tem tamanho, o Brasil tem tecnologia, o Brasil tem dinheiro e o Brasil tem vergonha. Portanto, nós temos que fazer um esforço e não ficar competindo (incompreensível), competindo com países mais pobres do que nós. O Brasil... nós temos que colocar dinheiro no orçamento e aprovar as coisas que nós precisamos, porque o Brasil, Diouf, o Brasil ainda não aprendeu que o Brasil entrou no rol dos países doadores. O Brasil não é mais um país receptor. E isso está acontecendo, e é importante, Celso, as ONGs... As ONGs importantes que atuavam no Brasil, elas estão comunicando à gente que estão indo embora, muitas delas, para cuidar de outros países mais pobres. Qual é o sentido de o Brasil ficar competindo com a Tanzânia, com Botsuana? Não, o Brasil tem que entrar no rol dos países doadores e contribuir. Ora, se nós tivemos coragem de aprovar US\$ 14 bilhões para emprestar para o FMI, por que é que a gente não pode ter, através do nosso BNDES, uma política de financiamento para os países africanos? É só decisão política, que já está tomada. Por isso, isso vai ser discutido à tarde com os companheiros aí.

Por último, eu queria dizer para vocês que no G-20 nós vamos continuar brigando para que a gente possa fortalecer as instituições multilaterais, para que a gente faça o Banco Mundial cumprir com as suas funções de ajudar os países em desenvolvimento, para que o FMI empreste dinheiro sem precisar das exigências que fazia antigamente, e vamos continuar brigando para que a gente possa concluir a Rodada de Doha da forma mais justa possível.

Uma coisa que eu queria pedir para vocês... Nós vamos estar juntos ainda, na Embrapa, hoje à noite; depois nós vamos estar juntos na visita de uma feira de agricultura familiar, é isso? Hoje ainda, ou amanhã? Amanhã. Eu quero estar junto com vocês nessa visita à feira. Eu quero que a gente, ao terminar isto aqui, eu não sei qual é a ideia central, Celso, mas que a gente crie uma espécie de grupo dirigente disso aqui, para que a gente possa



acompanhar e dar sequência a cada coisa que a gente vai fazer. Cada projeto tem que ter um acompanhante, para que a coisa possa vencer as barreiras com mais facilidade do que nós temos hoje.

Eu acho que o Brasil tem um problema para resolver, o Celso tem me cobrado, que é a questão de voos para o continente africano. As empresas brasileiras adoram ir para Paris, adoram ir para Londres, adoram... mas não querem parar no território africano. Agora, com esse vulcão soltando fumaça preta para tudo quanto é lado, eles estão parando em qualquer lugar, com medo. Mas nós estamos trabalhando, o ministro Jobim já tem pronta uma proposta que ele quer me apresentar, para ver se a gente começa a fazer com que nossas empresas possam parar em alguns países africanos, porque se não tiver possibilidade de trabalhar, se não tiver (incompreensível) Botswana, já apontando o dedo, ou seja, se a gente não tiver voo para garantir o direito de ir e vir dos ministros, dos empresários, dos cientistas, a gente não vai conseguir o desenvolvimento que nós queremos.

Então, eu queria dizer para vocês, do fundo do coração: muito obrigado por vocês terem aceito o nosso convite, muito obrigado. E eu espero que desta reunião aqui a gente tire uma nova e mais aperfeiçoada política com os nossos irmãos africanos. E, certamente, certamente, eu me encontrarei com vocês, porque eu ainda tenho que visitar cinco países africanos. Mas, no dia 11 estarei na África do Sul, para a final da Copa do Mundo. Não é que eu seja tão otimista que o Brasil vá para a final, não é que eu seja tão otimista que vai para a final. É que eu tenho que estar lá porque, como o Brasil vai sediar a Copa do Mundo de 2014, eu tenho que estar na festa de encerramento, para trazer o espírito da Copa do Mundo para o Brasil. E, certamente, eu posso trazer junto a Taça do Mundo, pela sexta vez.

Um abraço e muito obrigado, companheiros.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de assinatura de atos relacionados às Olimpíadas 2016

Centro Cultural Banco do Brasil - Brasília-DF, 12 de maio de 2010

Vejam, eu fiz uma limpeza no meu discurso. Eu tirei oito páginas e ficaram oito, então, é muito curto. Mas é porque, além de vocês, que já entendem tudo o que foi dito aqui, a imprensa precisa apenas saber o que é este ato aqui, porque é importante que amanhã...

Nós sabemos que a sede da Autoridade Olímpica vai ser no Rio de Janeiro, portanto, será a instituição responsável pela aprovação e monitoramento das obras e dos serviços que compõem a carteira de projetos olímpicos. Isso é uma coisa importante, porque nós estamos assumindo compromisso entre três entes federados, mais os companheiros do COI, ou seja, estamos assumindo o compromisso público – que, para nós, é muito sério – de que nós vamos ter como órgão máximo da Autoridade Olímpica o Conselho Público Olímpico, que será uma outra instituição com a participação de muita gente, que vai participar o governo federal, o Prefeito, o Governador do estado do Rio, para que a gente tome as decisões sempre, sempre, muito bem discutidas e, de preferência, de [em] consenso.

A APO terá, ainda, um conselho de governança permanente, de natureza colegiada, no qual está assegurada a representação de toda a sociedade brasileira. O governo federal... vocês sabem que eu já assinei dois decretos criando o Portal da Transparência tanto da Copa do Mundo como dos Jogos Olímpicos. E por que eu fiz isso? Porque, primeiro, tinha um grupo de céticos, que achava que a gente não ia ganhar a Copa; nós ganhamos. Depois, um outro grupo achava que a gente não ia ganhar as Olimpíadas; nós ganhamos. Aí começaram a dizer: “Mas eu quero ver se vai ter honestidade. Eu quero ver se vai fiscalizar. Eu quero ver quem vai controlar”. Então, eu, logo



de cara, criei o Portal, por decreto, para quem quiser acompanhar cada centavo. É só entrar na internet e vai acompanhar dentro de casa, sentado no sofá, tomando o seu uísque, falando mal do governo, vai acompanhar, *pari passu*, o que nós vamos fazer.

Também, dentro da APO, a sociedade poderá ter segurança de que o orçamento público será empregado em prol dos benefícios para o esporte, a juventude e a população do Rio de Janeiro, em se tratando das Olimpíadas. Ela será instituída para finalidade específica e por tempo determinado, com duração prevista até dia 31 de dezembro de 2018. Por que é que tem que ser assim? Porque depois o cidadão que levou todos os louros da glória de realizar as Olimpíadas vai ter que prestar contas e, na hora em que prestar contas, somente quando fechar o balanço das Olimpíadas, que ele estiver condenado a uns 30 anos de cadeia, é que ele, então, vai poder destituir o mandato. Essa é uma coisa... porque também a gente demonstra muita responsabilidade no trato disso.

E, por último, eu queria dizer para vocês, companheiros, que o Comitê Gestor Federal tem por finalidade estabelecer diretrizes para orientação, coordenação e gestão das ações do governo federal no cumprimento das responsabilidades para o desenvolvimento dos programas, projetos e ações relacionadas aos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016.

Isso é extremamente importante pelo seguinte: quando nós fomos fazer os Jogos Pan-Americanos... na garganta, todo mundo promete tudo, mas na hora de colocar o guizo no pescoço do gato, as pessoas já não agem com a mesma seriedade. O Sérgio lembra, ele era recém-chegado ao governo; você lembra, aqui, também recém-chegado à prefeitura... Não, não, ele depois, ele depois, era secretário do Sérgio. O governo federal tinha assumido um compromisso de gastar por volta de 600 ou 800 milhões nos Jogos Pan-Americanos. Acontece que quando foi chegando a época de realizar os Jogos, as coisas não estavam feitas, quem ia para a cucuia era o nome do Brasil.



Então, nós passamos a assumir responsabilidades – o Nuzman (incompreensível) – que não eram nossas. Fomos assumindo responsabilidade, assumindo responsabilidade, assumindo, até que nós arcamos, acho que com 70% de tudo que foi feito nos jogos Pan-Americanos. E nós não queremos que aconteça isso nas Olimpíadas e também não queremos que aconteça na Copa do Mundo.

Nós vamos ter que, os três juntos – eu tenho apenas oito meses de gestão –, mas nós, juntos, vamos ter que assumir todos os compromissos; que todo mundo saiba quanto cada um de nós, ente federado, vai assumir de compromisso, de gastos, de investimentos, para que a gente possa mostrar ao mundo e aos céticos aqui no Brasil, que nós vamos realizar a melhor, mais bonita e mais competente Olimpíada, já depois de fazer a melhor Copa do Mundo, campeão do mundo, que não vai se repetir 1950.

Eu estou feliz porque o Corinthians não tinha nenhum jogador para ser convocado, não foi convocado nenhum jogador mesmo do Corinthians. Antigamente, a gente ficava torcendo para [ver] se ia convocar o jogador do nosso time, na década de 70, está lembrado, torcendo: “Vai convocar, vai convocar”. Agora está tudo no estrangeiro, aqui de dentro ninguém está preocupado mais, porque... facilitou. Eu acho que o Dunga fez a convocação que é a cara dele. Pode não ter gostado o Sérgio Cabral que queria alguém do Vasco, alguém do Flamengo. A verdade é a seguinte: ele convocou à cara dele, ou seja, com aquela cara ele foi campeão da Copa América, ele foi campeão da Copa das Confederações, ele classificou o país três rodadas antes. Nós estamos lembrados que teve Copa do Mundo, aí, que a gente suava para não ser desclassificado e ele... Então, ele montou o time, pode ter faltado um ou outro jogador, no gosto de cada um dos times aqui, mas a verdade é que o Tuma... ô, a verdade é que o Dunga está levando para lá um time que é um time vencedor, é um time vencedor. Eu acho que nós, com esse time, poderemos ganhar a Copa do Mundo. O Dunga mostrou, sobretudo, uma



coisa que é preciso todo mundo ter: personalidade. Não se deixar seduzir por aqueles que fazem manchete querendo convocar jogadores. Aqui presidente já indicou jogador para ser convocado; aqui, muitas vezes, as manchetes indicam. Eu lembro que o último jogo que nós perdemos para a França, na Copa do Mundo do ano passado [de 2006], foi a Seleção do povo, estão lembrados? Tinha que ter entrado dois jogadores, e entrou, não sei se o Ricardinho, se o Gilberto Silva. Eu sei que era o time do povo, e perdemos.

Então, eu acho que é o seguinte: comandante é exatamente assim, Serginho. É como nós: decide, as pessoas gostam ou não gostam, e a gente executa. Se der tudo certo, parabéns; se der tudo errado, vai pagar um preço muito caro. Portanto, eu, a partir deste momento, sou o torcedor número 1 da Seleção brasileira e, para inveja de vocês, estarei na Final. Mesmo que o Brasil não esteja, eu estarei lá, porque eu tenho uma visita de chefe de Estado no dia 9 de julho e tenho uma viagem para a África no dia 5. Certamente, eu estou trabalhando com a ideia de que o Brasil vai para a Final, mas se não for, no ato final da Copa do Mundo, nós temos que pegar a nossa “chavezinha” e trazer para cá a Copa do Mundo.

Então, gente, olhe... Orlando, parabéns; parabéns, meu companheiro Eduardo; parabéns, Sérgio Cabral; parabéns, Nuzman. Eu acho que essa afinidade que vocês estão mostrando desde que nós fomos montar o projeto olímpico para ganhar... Eu lembro, Nuzman, numa declaração tua – eu vou falar isso porque eu tenho muita reunião e tenho um telefonema ainda de um companheiro, do companheiro Sarkozy. Mas eu vou dizer uma coisa: eu lembro de uma vez que eu vi uma declaração tua dizendo o seguinte. Eu vi uma declaração tua dizendo o seguinte, muito tempo atrás, acho que depois das Olimpíadas de 92... de 82, em Barcelona. [De] 92, eu vi você dizer o seguinte: “O voleibol brasileiro chegou à situação que chegou depois que nós estabelecemos o profissionalismo dentro do voleibol”. Aquele centro de treinamento excepcional que o Orlando tinha me convidado para ir lá ver – eu



já vi na televisão, mas nunca fui lá – em Saquarema. Nunca me convidaram para ir lá, mas... talvez porque eu seja baixinho, perto dos que jogam lá. Então, vi você dizer isso. E eu acho que, pela primeira vez, nós fomos disputar uma Olimpíada de forma profissional, arquitetada antes, planejada antes. Alguns falavam: “Nossa, mas o Brasil está gastando dinheiro”. Quem quiser fazer de graça, vá disputar para ver se ganha. Tem que contratar profissionais. Eu ganhei a eleição para Presidente assim, meu filho. Eu perdi três. Quando eu fiz a primeira profissional de verdade, pensada, planejada, está aqui o Lulinha, Presidente da República.

Então, nós que já tínhamos perdido três, nós fomos profissionais. O trabalho da prefeitura, o trabalho do governo do estado, o trabalho do Nuzman, do Orlando. Eu te confesso que nós não tiramos proveito. O correto seria a gente ter voltado no dia seguinte para o Brasil e ter feito uma baita de uma festa. A verdade é que o povo fez a festa, mas nós não participamos dela porque estávamos lá; e quando voltamos, já voltamos tarde, já tinham as críticas no jornal.

Mas eu estou convencido, Sérgio Cabral, você tem chance de estar até 2014 no governo, este moço pode estar até 2016. Mas, independente disso, acho que enquanto brasileiros, todos nós, vamos contar com o apoio da Câmara dos Deputados, do Senado, para que a gente mostre que este país não aceita mais ser tratado como segunda classe. Nós aprendemos a sentar na janela, como Romário nos ensinou, e não sairemos mais da janela.

Portanto, parabéns, e vamos trabalhar, Serginho.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após cerimônia de assinatura de atos

Moscou-Rússia, 14 de maio de 2010

Obs: Por problemas técnicos, o início deste discurso não foi gravado.

... celebrar uma nova aliança entre nossos países. Rússia e Brasil compartilham a aspiração de construir um mundo de paz e democracia, com oportunidade de crescimento econômico e justiça social.

Sabemos que para atingir esses objetivos, necessitamos de uma governança global à altura dos desafios de um mundo multilateral e multipolar. Mas para superar os dogmas e temores que dificultam o convívio entre as nações, reduzem o espaço de cooperação e colocam riscos inaceitáveis, é preciso forjar novas realidades e novas mentalidades.

Vivemos num mundo onde se multiplicam ameaças: o aquecimento global, a insegurança energética e o terrorismo internacional. Persistem velhas mazelas: a pobreza extrema, a violência e a intolerância. Nunca foi tão necessário termos organizações multilaterais rigorosas, mas o que vemos é inércia e resistência às mudanças que precisamos.

As instituições financeiras de Bretton Woods, como as Nações Unidas, exigem reforma. Hoje elas são uma sombra distorcida de um passado há muito superado. Por essa razão, valoramos as manifestações da Rússia, de simpatia à candidatura do Brasil a membro permanente de um Conselho de Segurança ampliado. Vemos essa posição como um voto de confiança na capacidade do Brasil de desempenhar um papel (incompreensível) esses novos tempos.

Somos um país pacífico, compartilhamos fronteira com dez outras nações numa região (incompreensível) e das mais desarmadas. Não nos omitimos frente à (incompreensível) de estabilidade internacional, que persiste



sem solução, como no Oriente Médio.

Irei ao Irã, irei a Teerã nos próximos dias, confiante no poder do diálogo e da persuasão. Mas a paz que desejamos só será duradoura se formos uma ordem econômica internacional mais justa e equitativa. Na esfera ambiental, precisamos enfrentar juntos o desafio da mudança do clima. Por isso, esperamos contar com a aproximação entre (incompreensível) para garantir o êxito da COP-16, no México. Essas foram as mensagens das Cúpulas BRIC, de Ekaterinburg e de Brasília. Também são as lições que levaremos juntos ao G-20, em Toronto.

Em meu discurso de posse, em 2003, identifiquei a relação com a Federação da Rússia como uma prioridade da política externa do meu governo. Com a assinatura do plano de ação e da parceria estratégica, damos um passo essencial para realizar, definitivamente, essa visão. Nosso comércio nos dá motivos para otimismo. Passou de US\$ 1 bilhão e 600 milhões a US\$ 8 bilhões, entre 2002 e 2008.

Estou convencido de que a melhor resposta à crise é redobrar os esforços para atingir nossa meta de US\$ 10 bilhões, em (incompreensível). Para isso, devemos reverter a concentração da pauta bilateral em produtos de baixo valor agregado e evitar barreiras não tarifárias, de lado a lado.

Nos seminários empresariais, os nossos homens de negócio puderam explorar respostas a essas questões e identificar oportunidades para formar consórcios na Rússia, no Brasil ou em um terceiro país. A adoção de mecanismo de pagamento em moedas locais será outro poderoso indutor para esse projeto.

O programa bilateral de cooperação em ciência e tecnologia colocará competência e competitividade na vanguarda de nossa aliança. É o que prometem os programas de cooperação bilateral em telecomunicações, navegação por satélite e capacitação em áreas técnicas (incompreensível).

O desenvolvimento conjunto de veículos lançadores de satélite de nova



geração ajudará a consolidar, definitivamente, o Programa Espacial Brasileiro. Este ano, também, comemoramos outro marco na aliança entre Rússia e Brasil: os 182 anos do estabelecimento de laços diplomáticos.

Uma extensa programação de eventos celebra nossa vocação universalista e a confiança na força de nossa gente para (incompreensível) um mundo melhor. Isso explica porque a primeira escola do Teatro Bolshoi no exterior esteja no Brasil, na cidade de Joinville. Símbolo internacional reconhecido de excelência, essa instituição oferece a crianças e famílias vulneráveis acesso à educação, formação profissional e dignidade. Solidariedade e compromisso com um mundo mais justo, esse é o cimento da aliança que estamos forjando hoje.

Eu queria dizer ao presidente Medvedev e queria dizer aos seus ministros e aos meus ministros que Brasil e Rússia são dois gigantes que, ao longo de décadas ou de séculos, preferiram ficar distantes um do outro, preferiram, eu diria, não reconhecer as suas próprias importâncias. O século XXI e a crise econômica de 2008 despertaram nesses dois gigantes a ideia e a certeza de que nós não teríamos o direito de ficar atrelados à mesma lógica da relação que nós tivemos no século XX, de que era preciso criar algo novo, de que era preciso fomentar os nossos investidores, de lado a lado, a acreditarem no potencial do desenvolvimento dos dois países.

Acho que o número que eu citei aqui, de US\$ 1 bilhão e 600 milhões para US\$ 8 bilhões, até 2008, é algo muito significativo. Mas se nós olharmos a potencialidade da Rússia, a potencialidade do Brasil, a população da Rússia, a população do Brasil, o desenvolvimento científico e tecnológico da Rússia, o desenvolvimento científico e tecnológico do Brasil, os países que estão em volta da Rússia e em volta do Brasil, nós temos que nos convencer de que é muito pouco oito modestos bilhões de dólares no fluxo comercial entre (incompreensível).

Por isso, eu acho que o compromisso de uma atuação e de um plano



estratégico entre Rússia e Brasil é fundamental para que a gente possa ultrapassar os [US\$] 10 bilhões, mas, sobretudo, para que a gente possa fazer com que empresários brasileiros venham investir na Rússia e empresários russos invistam no Brasil, e empresários russos e brasileiros construam *joint ventures*, e a gente possa ter os dois países tendo empresas multinacionais implantadas em vários países.

Isso só será possível, meu querido amigo Medvedev, se Brasil e Rússia compreenderem que não é possível mais não termos voo direto Moscou-Brasília, ou Moscou-São Paulo, ou um voo entre os dois países. Não é possível, não é possível que os nossos empresários, que os nossos turistas, que os nossos estudantes não tenham como visitar os nossos países porque nós não criamos uma linha direta do seu país. Nós constituímos um grupo de trabalho que vai colocar como prioridade o estabelecimento dessa conexão aérea entre os dois países. Ao mesmo tempo, criamos um grupo de trabalho para que estabeleça... para que faça uma proposta para o presidente Medvedev e para mim sobre a questão do comércio nas nossas moedas. Não existe nenhuma explicação de por quê nós estamos tratando o comércio, abdicando da moeda russa e da moeda brasileira, e utilizando uma terceira moeda, quando nós poderíamos fortalecer as nossas moedas.

O momento é muito importante porque a crise econômica, que começou nos países ricos, motivada pela incompetência gerencial do sistema financeiro desses países, não só não está resolvida, como voltou com muito mais força na Europa. É inexplicável que um país do tamanho da Grécia cause o pânico nas Bolsas do mundo inteiro e que cause o pânico que causou nos países da Europa. A única demonstração que isso pode nos dar é de que não há controle do sistema financeiro, apesar de na primeira reunião do G-20 nós termos tomado a decisão de que era preciso cuidar do sistema financeiro, controlar a alavancagem do sistema financeiro, de que era preciso cuidar do FMI, cuidar do Banco Mundial. Mas me parece que nós ainda não fizemos a lição de casa



do G-20. O presidente Medvedev e eu vamos agora para o Canadá, na próxima reunião do G-20, e eu acho que lá nós precisamos não só explicar o que está acontecendo nos nossos países, mas cobrar dos outros países o que está acontecendo na economia de cada país, para que nós possamos tomar as decisões corretas.

Quero agradecer ao presidente Medvedev pela gentileza e pela disposição, e também por acreditar que o trabalho que o Brasil está fazendo junto ao Irã é uma tentativa de estabelecer um novo jeito de fazer política no mundo, ou seja, que a paz será encontrada, não como era no século XX ou XIX, pela quantidade de armas, mas ela será encontrada pelo diálogo e pela relação política, e, sobretudo, pela diplomacia que (incompreensível), quem sabe, discutir e, quem sabe, garantir a existência da paz.

Eu vou ao Irã, tenho a compreensão do presidente Medvedev de que o Brasil está fazendo um gesto de não permitir que aconteça o erro e o equívoco que aconteceu com o Iraque pouco tempo atrás. O mundo e nós precisamos é de um mundo de paz e não de um mundo de terrorismo e de um mundo de guerra. Eu tenho a convicção de que a Rússia e o Brasil pensam igual e agem juntos para que a gente possa manter a paz no mundo (incompreensível).

Muito obrigado, Presidente, pelo carinho, e muito obrigado pela recepção.

(\$211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encontro com o primeiro-ministro da Rússia, Vladimir Putin

Moscou-Rússia, 14 de maio de 2010

Primeiro, meu caro amigo Primeiro-Ministro, é uma alegria imensa estar de volta à Rússia pela quarta vez. Eu penso que o momento que vive hoje o Brasil é um momento muito auspicioso. Se nós imaginarmos o momento do Brasil (incompreensível) e imaginarmos agora, ou antes da crise de 2008, nós crescemos 375% na nossa balança comercial. Saímos de US\$ 1 bilhão e 600 milhões para US\$ 8 bilhões. Em 2009 tivemos um problema, uma queda de praticamente 46%, por conta da crise econômica que todos nós conhecemos.

Entretanto, 2010 já se apresenta com uma forte recuperação da nossa balança comercial.

O meu amigo Putin sabe que eu defendo uma relação comercial equilibrada. Hoje nós temos um grande superávit na relação com a Rússia, e (incompreensível) precisamos discutir de forma mais profunda como equilibrar o nosso (incompreensível) comércio, o nosso comércio. (incompreensível) nós temos possibilidade de comprar trigo da Rússia, nós temos interesse em aumentar a compra de fertilizantes da Rússia, sobretudo na questão dos nitrogenados. Além disso, nós precisamos avançar na produção de produtos de maior valor agregado, para que a nossa balança seja, definitivamente, equilibrada e justa para os dois países.

Hoje, pela manhã, eu participei de uma reunião com empresários russos e brasileiros, e acho que foi uma reunião muito proveitosa. Discuti com o presidente Medvedev a necessidade de um grupo de trabalho para criar uma (incompreensível) voo direto do Brasil para a Rússia. Nós estamos trabalhando com um grupo de trabalho para criarmos... para fazermos a nossa troca comercial nas nossas moedas. Eu acredito, meu amigo Putin, que (incompreensível)...



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Obs: Somente foi possível gravar o discurso até o momento em que a solenidade ficou aberta à imprensa.

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante reunião ampliada com o presidente da Rússia, Dmitri Medvedev

Moscou-Rússia, 14 de maio de 2010

Primeiro, eu queria dizer ao presidente Medvedev que é a quarta vez que eu visito este extraordinário país. Eu fui a primeira vez em Moscou... em 2005 eu vim aqui. Depois em São Petersburgo em 2006, Ekaterinburg em 2009, e agora Moscou outra vez. Talvez seja a minha última viagem a Moscou enquanto presidente do Brasil.

Acho que nesse período em que eu estive no governo do Brasil, aconteceu uma coisa muito importante na relação entre Rússia e Brasil: de 2002 a 2008, o nosso comércio aumentou 375%. Chegamos a 8 bilhões, em 2008. Em 2009, por conta da crise econômica, caiu 46%, 46,5%. Mas eu penso que nós provamos, em 2008, que Brasil e Rússia podem chegar a dez, 12, 14, 15. Acho que há um espaço extraordinário de crescimento na relação comercial Rússia-Brasil. Obviamente que hoje o comércio é superavitário para o Brasil. E o presidente Medvedev sabe, os meus ministros sabem que eu tenho defendido que a boa prática de comércio para um equilíbrio mundial é que o comércio seja uma via de duas mãos, ou seja, que a gente possa ter um equilíbrio entre os países para que não haja desajuste no fechamento das nossas contas no final do ano, que ninguém seja deficitário durante muito tempo.

Nós sabemos do potencial tecnológico da Rússia, nós sabemos do avanço da Rússia na questão espacial, nós sabemos a potência da Rússia na questão da produção de trigo e fertilizantes, e penso que nós temos um potencial extraordinário. Sobretudo, presidente Medvedev, acho que os nossos empresários, nem os brasileiros e nem os russos, ainda [não] descobriram o potencial que nós temos, de troca entre nós. Eu fiquei muito feliz... Eu



particpei, agora de manhã, de uma reunião com empresários russos no Hotel, onde tinha praticamente 70 empresários brasileiros de grandes empresas brasileiras.

Acho que a entrada da Gazprom no Brasil foi extremamente importante, nesse momento em que a Petrobras está descobrindo mais petróleo. Na última semana anunciamos mais... encontramos mais um poço com 4 bilhões e 700 mil [milhões] barris de petróleo, o que é uma coisa muito importante. Nós estamos recuperando a indústria naval brasileira, estamos fazendo fortes investimentos em ferrovias, em infraestrutura, temos as Olimpíadas e a Copa do Mundo, e tudo isso são oportunidades para parcerias entre empresas russas e empresas brasileiras. Acho que os empresários brasileiros, aos poucos, vão descobrindo também o potencial russo.

Nós temos um plano de ação da nossa parceria estratégica. Eu penso que ele fortalece muito e valoriza a cooperação bilateral. E nós temos que, sobretudo para equilibrar o nosso comércio, estimular a cooperação nas áreas científica e tecnológica, na área espacial, na área técnico-militar, na questão da energia nuclear.

O dado concreto, Presidente, é que nós estamos andando. Penso que na discussão que o Presidente e eu tivemos, nós nos colocamos de acordo de que nós vamos criar um grupo de trabalho para pensar o nosso comércio nas nossas moedas e também para pensar em voos diretos Moscou-Brasília, porque acho que o tamanho dos dois países e o potencial econômico dos dois países exige que a gente tenha linha direta, para os nossos empresários viajarem e para que os nossos turistas possam conhecer. Eu acho que qualquer pessoa do mundo que vier e vir o Kremlin, do jeito que está bonito, vai ser uma coisa extremamente importante.

Então, sou mais uma vez, grato pelo carinho. Queria dizer ao presidente Medvedev da minha solidariedade ao seu governo e ao povo russo pelas



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

vítimas que faleceram nos desastres das minas, da nossa solidariedade na luta contra o terrorismo. Então, mais uma vez, obrigado.

Estão aí os nossos ministros que podem falar...

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante solenidade de lançamento da TV Brasil Internacional

Palácio Itamaraty, 24 de maio de 2010

Meu querido companheiro Franklin Martins, ministro-chefe da Secretaria de Comunicação Social,

Ministros aqui presentes, Juca Ferreira, da Cultura; José Filardi, das Comunicações; Dulci, da Secretaria-Geral, e Nilcéa Freire, de Políticas para as Mulheres,

Embaixador Murade Murargy, embaixador de Moçambique no Brasil, por meio de quem cumprimento os demais integrantes do corpo diplomático aqui presentes,

Nossa querida senhora diretora-presidente da Empresa Brasil de Comunicação-EBC, Tereza Cruvinel,

Nossa querida senhora Maria Helena Chiarelli, gerente-executiva do canal internacional da TV Brasil,

Companheiros jornalistas aqui presentes, os que estão trabalhando e os que estão assistindo,

Meus amigos e minhas amigas,

No início, eu pensei que eu ia ter um *tête-à-tête* aqui com o Guebuza, diretamente de Moçambique, de Maputo, com Brasília, mas o presidente Guebuza teve que sair para uma atividade e mandou uma mensagem gravada, aqui, portanto, nós não vamos poder fazer um pouco de troca de ideias entre Moçambique e Brasil ao vivo, fica para a próxima oportunidade.

Segundo, dizer para todos vocês, que vieram aqui, que nós estamos realizando mais um sonho. É um sonho que nós ainda não acordamos. Nem todo mundo tem o privilégio de estar sonhando com uma coisa boa, voltar a



dormir e continuar o sonho. Nós estamos sonhando, ainda, em ter uma TV pública do tamanho do Brasil, da grandeza do Brasil e com a qualidade do povo brasileiro. Pensar isso há algum tempo era muito difícil, porque se criou no Brasil a ideia de que tudo que era público não prestava e tudo que era privado era centro de excelência.

A crise econômica internacional, acontecida no seio dos países ricos, mostrou que quem estava mais preparado para enfrentar a crise eram exatamente aqueles países que tinham estruturas públicas de bancos que deram sustentação à crise, ou seja, o mercado não foi capaz de resolver o problema da crise que eles próprios criaram, e foram aqueles países que tinham o Estado funcionando corretamente, com estruturas sólidas como o Brasil tem, que conseguiram ser menos vulneráveis à crise e conseguiram sair primeiro dessa crise.

Nós, agora, estamos tentando provar, mais uma vez, que tudo que é público, que é feito com seriedade, e tudo que é privado, que é feito com seriedade, é bom. E quando o privado e o público são bons quem ganha, na verdade, é o povo do país e, no caso, o povo brasileiro.

Eu sempre tive uma preocupação porque aqui, no Brasil, nós rebaixamos muito o debate político. De vez em quando, eu fico imaginando que muita gente que faz análise sobre a situação política do Brasil fez curso de doutorado no exterior. Então, é gente com a mentalidade do exterior tentando analisar um problema eminentemente nacional, que é a classe política nacional, que são os problemas políticos nacionais. E, muitas vezes, nós nos rebaixamos demais.

Tem gente que elogia, de forma extraordinária, a BBC, que é uma rede de comunicação pública, mas... não se preocupem com o som, porque tem um movimento aqui, três mil pessoas do Santo Daime, que estão reivindicando a legalização. Obviamente que se eu pudesse teria convidado-os para vir aqui, para alegrar a nossa festa, mas não posso, deixa eles conquistarem do



Congresso Nacional a aprovação do que eles desejam, e nós, aqui, vamos continuar na nossa rede pública.

Pois bem, então, o que nós queremos provar, na verdade? Nós queremos provar que é possível fazer uma TV pública de qualidade, republicana, que não seja nem “chapa branca” mas que também não seja oposição *a priori*, que tenha discernimento de fazer a análise política correta, de contar os fatos como eles são, desagrade a quem desagradar ou agrade a quem agradar. Nós queremos uma TV pública que possa mostrar o Brasil lá fora, como ele é.

E vejam que engraçado: por coincidência, começamos pela África. E quando os africanos assistirem à parte da programação da TV Brasil Internacional, eles vão pensar que é a TV africana, tal é a similaridade de comportamento, o jeito alegre, o resultado da miscigenação que é o povo brasileiro, não vai ter muita diferença. Inclusive, inclusive não apenas os de língua portuguesa, mas outros, vão perceber que têm muitas palavras que nos identificam há muitos séculos.

Essa TV pública, ela pretende ser a cara do Brasil no exterior, porque se eu pudesse medir a qualidade do que tem até hoje, Tereza, parece que quando nós fazemos as coisas lá para fora, nós colocamos apenas os piores momentos. Vocês já viram os piores momentos na vida de algum de nós? Já viram numa partida de futebol, os piores momentos? Numa campanha política, os piores momentos? Então, nós não queremos que fique lá fora a imagem dos piores momentos deste país. Nós queremos que fique lá fora a imagem do que nós somos, como somos e por que somos assim.

Uma televisão que possa discutir política com clareza, que possa discutir economia com clareza, que possa dar uma outra visão de que o mundo não tem apenas a língua inglesa, de que o português só vai se respeitar quando ele for ouvido e quando ele for falado.

É muito engraçado, Franklin Martins, quando eu viajo para o exterior, os



mesmos desenhos que a gente vê no Brasil, você vê na China, você vê na Tailândia, você vê na Argentina, você vê em qualquer... vê na África. Em qualquer país do mundo, ligou a televisão, o desenho é o mesmo, você não precisa nem saber a língua mais, no meu caso, Marco Aurélio, só pela leitura labial já estou entendendo tudo, já estou conseguindo ver os filmes.

Então nós, nós, na verdade, deveremos entrar como se fosse uma coisa, primeiro, simples do jeito que nós somos, mas com a qualidade de um país que é capaz de produzir uma televisão como poucos países do mundo produzem. Nós não temos que aí ficar com a preocupação se é pública ou privada, a verdade é que a televisão brasileira é uma televisão de exímia qualidade, e é essa qualidade que nós queremos apresentar ao mundo, mas uma qualidade sem o preconceito porque é pública, uma qualidade que possa fazer com que as pessoas conheçam o Brasil do jeito que nós somos.

Eu sei que foi muito difícil, primeiro porque algumas pessoas não acreditavam, mesmo dentro do governo, algumas pessoas não acreditavam. Então, é assim mesmo o mundo. Depois, quando o Franklin chegou: “Vamos batalhar”. Eu achei que era mais fácil, achei que a gente ia ter muita facilidade mas, também, não tem facilidade, as pessoas dificultam. E, depois, aquele negócio: “Mas isso aí é uma televisão para falar bem do Lula. É uma televisão...” Eu estou num momento da minha vida que quanto mais mal de mim eles falam, melhor para mim. Porque quando se mente demais, as pessoas descobrem que é mentira. Então, eu não queria uma televisão para falar bem do Lula, eu queria uma televisão para falar bem deste país, para divulgar as coisas boas do Brasil, para mostrar o potencial turístico do Brasil, para a gente poder fazer universidade a distância, via internet, através da nossa TV Brasil Internacional, que a gente possa formar companheiros africanos e companheiras, a começar pelos países de língua portuguesa.

Aliás, foi aprovado na Câmara o projeto de lei criando a Universidade Afro-brasileira, que vai ser construída na cidade de Redenção, no estado do



Ceará, para que a gente possa ter metade de alunos brasileiros e metade de alunos africanos. E, assim, nós vamos pagando um pouco da dívida que a gente tem com o continente africano, que é uma dívida que não pode ser mensurada em dinheiro, ela não pode ser mensurada em dinheiro, ela tem que ser mensurada em solidariedade, em parceria, em fraternidade. É essa coisa que nós precisamos pagar ao continente africano.

Depois, na instalação, eu imaginei que quando a gente aprovou a lei, no Congresso Nacional, que aprovamos o Orçamento, eu falei: “Agora vai”. Aí, eu tinha me esquecido de que a Tereza tem que passar pela tramitação normal da legislação de licitação neste país, e tudo que uma empresa privada pode comprar em uma semana a gente leva sete meses, oito meses, nove meses, é tudo mais complicado, porque passa essa impressão que tudo que é privado é honesto e tudo que é público é desonesto. Se a gente fizesse uma aferição, a gente poderia perceber que tem muita similaridade, tanto para um lado quanto para o outro lado.

De qualquer forma, eu reclamava muito com o Franklin, eu falava: “Rapaz, você, desse tamanho, está aqui e não me consegue fazer minha televisão internacional.” Eu fiz uma televisão, e eu estou saindo daqui a sete meses, portanto, talvez eu nem veja a integração total e absoluta da nossa televisão. Gostaria de ver, Tereza, antes de eu sair do governo, a integração, ela transmitindo na América Latina, para que “yo pudiera hablar un poco en español” com algum companheiro espanhol.

Bem, de qualquer forma, eu estou gratificado. Estou gratificado, porque eu sei que não foi fácil. Mas o fato de nós, hoje, estarmos estreando a nossa TV Brasil Internacional, passando em 49 países africanos, é uma coisa extraordinária, muito aquém daquilo que nós precisamos, muito aquém, precisamos muito mais, porque eu aprendi que uma pessoa, ela só é respeitada se ela se respeitar. Eu acho que o Brasil, durante muito tempo, não se respeitou, e se não se respeitasse, ninguém poderia exigir que alguém



respeitasse o Brasil.

Então, essa televisão, ela pode ser o jeito de ser deste país, o jeito de ser no futebol, o jeito de ser no carnaval, o jeito de ser na medicina, Lucinha, o jeito de ser na medicina, o jeito de ser na cultura, o jeito de ser na política, o jeito de ser nas organizações sociais. Essa é uma televisão plena, que vai desnudar este país maravilhoso para o mundo que gostaria de conhecê-lo, mas não conhece. Não é possível, não é possível que a gente fique ligando a televisão e vendo apenas coisas que, muitas vezes, não tem interesse diretamente conosco.

Quero agradecer ao Conselho da EBC, porque se tem uma coisa plural é o Conselho da EBC. E nós fizemos isso exatamente para que este Conselho sobreviva aos presidentes, sobreviva aos governos, quem quer que entre tenha um Conselho plural, que estará tomando conta de uma coisa chamada Empresa Brasileira de Comunicação e agora, mais seriamente, da TV Internacional, da nossa querida TV Brasil.

Portanto, Tereza, parabéns, parabéns pelo trabalho. Parabéns, minha querida Maria Helena Chiarelli. Parabéns aos funcionários. O Franklin disse: “De duas televisões que pensavam diferente, que...” E é difícil mudar.

Eu queria aqui, Franklin, dar os parabéns para você também, porque mesmo que as coisas não funcionem bem, as pessoas acreditam que funciona e não querem mudar. Ultimamente, a única coisa fácil que as pessoas querem mudar é de marido e de mulher, o resto ninguém quer mudar, ninguém quer mudar de nada. Nem o Franklin muda de time de futebol.

Então, eu queria dar os parabéns a todos vocês que chegaram até aqui, e pedir a Deus que vocês possam chegar até onde a gente pensou que ia chegar. E vou repetir aqui: no dia 1º de janeiro de 2003, eu disse “nós vamos fazer primeiro o necessário, depois nós vamos fazer o possível, e quando menos imaginar, nós estaremos fazendo o impossível. E esperem para ver do que nós somos capazes”.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Muito obrigado e parabéns.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no Fórum
Empresarial Brasil-Rússia**

Moscou-Rússia, 14 de maio de 2010

Dizer a vocês da alegria de estar outra vez em Moscou e poder contribuir para aproximar ainda mais os homens de negócios da Rússia e do Brasil.

Quero começar, cumprimentando os ministros que me acompanham nesta viagem: o ministro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores; o ministro Nelson Jobim, ministro da Defesa; o ministro Luiz Barretto, do Turismo; o ministro Franklin Martins, da Secretaria de Comunicação Social; o companheiro Pedro Brito, da Secretaria Especial de Portos,

Quero cumprimentar o senhor Sergei Rybakov, vice-ministro dos Negócios Estrangeiros da Federação da Rússia,

O embaixador Carlos Antonio da Rocha Paranhos, embaixador do Brasil na Rússia,

O senhor Arkadi Dvorkovitch, assessor econômico da Presidência da Federação Russa,

O senhor Ivan Ramalho, secretário executivo do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio do Brasil,

Quero cumprimentar os empresários brasileiros aqui presentes,

Os empresários russos,

Cumprimentar a todos, senhores e senhoras,

Vim à Rússia renovar uma antiga tradição da diplomacia brasileira. Apesar da distância geográfica, nós, brasileiros, sempre fomos atraídos pelas oportunidades oferecidas por este país. Como no Brasil, aqui tudo é em grande escala: extensão territorial, população, riquezas naturais e sistema produtivo.



Hoje estou acompanhado de expressiva delegação de empresários brasileiros interessados em realizar essas possibilidades. Já demos passos importantes para ampliar e diversificar nosso intercâmbio a um nível condizente com a importância de nossos países. Entre 2002 e 2008, multiplicamos por cinco o valor de nossas transações, que chegaram a US\$ 8 bilhões.

Nossas economias saíram da recessão mundial fortalecidas. Por isso, estou convencido de que podemos ultrapassar a meta de US\$ 10 bilhões para 2010. Mas precisamos dar um salto qualitativo, fomentando trocas de produtos de maior valor agregado e removendo barreiras que ainda limitam o crescimento do comércio. Um primeiro passo será o uso de moedas locais, de forma a reduzir custos e riscos em nosso intercâmbio.

Queremos identificar novas parcerias e estimular investimentos recíprocos em setores estratégicos como energia, infraestrutura, espaço e defesa. Os empresários russos já deram a partida, a instalação da Gazprom, no Brasil, abre caminho para reforçar sua parceria com a Petrobras na área de liquefação e transporte de gás. Com as descobertas de petróleo na camada pré-sal, multiplicam-se novas perspectivas de fornecimento de bens e equipamentos para a indústria do petróleo e de gás natural no Brasil.

Nossos países são potências petrolíferas, mas sabemos que a diversificação e a aposta nas fontes renováveis são a melhor resposta ao desafio da segurança energética do século XXI. Por isso, nossa parceria estratégica deve também se estender à agricultura. Confio que a experiência brasileira na produção de biocombustíveis encontrará campo fértil neste país. Podemos desenvolver projetos conjuntos para a produção de etanol e biodiesel, e responder ao desafio do aquecimento global. Na luta para tornar a agricultura brasileira ainda mais competitiva e menos dependente de monopólios multinacionais, contamos poder aumentar a importação de fertilizantes da Rússia.

A integração energética do território nacional é prioridade para os



nossos dois países. A vasta experiência de nossas empresas estatais, (incompreensível) e Eletrobrás, abre espaço para cooperarmos em projetos ambiciosos de transmissão elétrica. Queremos envolver empresários russos e brasileiros na produção e comercialização de receptores para sistemas de rastreamento via satélite.

Com a assinatura do Programa Intergovernamental de Cooperação 2010-2012, vamos desenvolver conhecimentos e compartilhar tecnologias em 29 projetos de cooperação, que vão desde metrologia e biologia até física e nanotecnologia.

Queremos estar na vanguarda de setores vitais para a nossa competitividade na sociedade do conhecimento do século XXI. Os preparativos para a Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016 fazem do Brasil um canteiro de obras e abre um extraordinário cenário de oportunidades de negócios.

Chegou a hora de investir nessa parceria. Isso requer aproximar visões e reduzir distâncias. Chegou, portanto, o momento de estabelecer conexões aéreas diretas entre Rússia e Brasil.

Senhoras e senhores,

Nossas iniciativas bilaterais de pouco adiantarão, no entanto, se não formos capazes de assegurar uma rápida recuperação da economia mundial. Os países BRIC reagiram com firmeza à implosão dos mercados no coração do capitalismo. A recessão não nos enfraqueceu. Ao contrário, mostrou nossa capacidade de propor alternativas para sair da crise. O colapso das ortodoxias financeiras e das bolhas especulativas mostrou a ilusão daqueles que acreditavam na infalibilidade da mão invisível do mercado. Foi necessária a intervenção da mão visível do Estado para proteger o sistema econômico e, sobretudo, os mais vulneráveis da sociedade.

Mostramos que não se combate desemprego com protecionismo e com desregulamentação dos direitos trabalhistas, mas apostando no potencial de nossos mercados internos. Nossa política econômica privilegiou o mundo do



trabalho e a inclusão social. Preservamos o equilíbrio fiscal e reduzimos a vulnerabilidade externa. Abrimos espaço para ações governamentais e financiamentos públicos anticíclicos.

O resultado está à vista. O Brasil gerou centenas de milhares de postos de trabalho em 2009 – precisamente 905 mil novos postos de trabalho – e vamos gerar mais de 2 milhões de empregos formais neste ano de 2010. No primeiro quadrimestre, certamente nós ultrapassaremos, já, 900 mil empregos, no primeiro quadrimestre deste ano. Nunca abdicamos do compromisso de enfrentar a desigualdade social. Desde 2003, 24 milhões de brasileiros deixaram a pobreza absoluta e 31 milhões passaram a integrar a classe média.

Com essas credenciais, levaremos à reunião do G-20, em Toronto, a mensagem da Cúpula dos BRIC em Brasília. Nossos países estão decididos a fazer avançar mudanças profundas na governança econômica global. A instabilidade financeira na Europa não deixa espaço para ilusões ou inércia. Precisamos reformar as instituições financeiras internacionais e evitar o ressurgimento de tentações protecionistas nos países desenvolvidos.

Ao consolidar espaços econômicos integrados, estaremos somando forças para enfrentar o impacto da desaceleração econômica mundial. Queremos fazer do comércio e da cooperação técnica e financeira Sul-Sul um poderoso motor do crescimento de nossas exportações. Por isso, defendemos a entrada da Rússia na OMC como mais uma medida do fortalecimento do multilateralismo.

Senhoras e senhores empresários,

Em 1884, o patrono de nossa diplomacia, Barão do Rio Branco, participou de missão comercial brasileira à Exposição Internacional de São Petersburgo. Já naquela época, percebeu as potencialidades de uma aliança entre a Rússia e o Brasil. Este seminário é uma oportunidade excepcional para estreitar, definitivamente, os laços de conhecimento e de parceria entre nossas comunidades empresariais. É com essa convicção que eu desejo a todos



vocês bons negócios.

Mas, meus amigos e minhas amigas, eu vou... Acho que o presidente Medvedev vai me dar mais dois minutos de tolerância para eu poder dizer mais algumas palavras para os empresários brasileiros e para os empresários russos.

Eu penso que a crise que aconteceu em 2008 está a nos provocar para uma mudança de comportamento muito forte, em relação ao comportamento que nós tivemos no século XX. O século XXI está a exigir de cada país mudanças na regra do jogo: primeiro, a diversificação das nossas relações comerciais. Eu digo isso aos empresários russos e invoco o testemunho dos empresários brasileiros, que foi um grande tema que nós colocamos em prática no Brasil, a partir de 2003. O Brasil tinha uma relação muito privilegiada com os Estados Unidos e com a Europa e uma relação menos prioritária com outros países do mundo.

Então, nós tomamos uma decisão de não ficar dependentes de um único bloco ou de um único país. Resolvemos fortalecer a nossa relação, primeiro, com quem estava próximo de nós, e fomos procurando aqueles que tinham similaridades com o Brasil. Fortalecemos, e muito, a nossa relação com a América do Sul, com a América Latina. Fortalecemos, e muito, a nossa relação com o continente africano, e não é desprezível o fluxo comercial entre Brasil e o continente africano. Fortalecemos, e muito, a nossa balança comercial com os países árabes. Fortalecemos, e muito, as nossas relações com os países asiáticos e, praticamente, aumentamos em cinco vezes a nossa relação com a Rússia.

É muito pouco, ainda, o fluxo comercial entre Brasil e Rússia. Pela importância dos dois países, pela localização geográfica dos dois países, possivelmente tanto Rússia quanto Brasil, no século XX, tiveram outras prioridades; tiveram, quem sabe, outra visão e outros compromissos, possivelmente. Mas neste século XXI, com a economia globalizada, nós não



temos mais o direito de fechar os olhos ao mapa-múndi e não enxergar o potencial de negócios que existe entre Rússia e Brasil.

Está aqui o meu Ministro da Defesa, certamente estará aqui, também, alguém responsável pelas empresas aéreas russas. É incompreensível que dois países do tamanho da Rússia e do Brasil, com a população do tamanho da Rússia e do Brasil, com o potencial científico e tecnológico da Rússia e do Brasil, é incompreensível que a gente não tenha voo direto entre Moscou e Brasília, entre Moscou e São Paulo, ou entre Moscou e Rio de Janeiro. É incompreensível.

É um desafio para o governo brasileiro é um desafio para o governo russo, mas sobretudo é um desafio para os empresários, porque nós, políticos, falamos e vocês têm a tarefa de executar parte daquilo que nós falamos ou transformar em realidade o sonho que nós vendemos. O Brasil nunca ofereceu, em nenhum momento da sua história, as oportunidades de investimentos que o Brasil (incompreensível) oferece agora. Nunca. A minha geração, eu tenho 64 anos de idade, a minha geração não viveu nenhum momento em que o país oferecesse a oportunidade de negócios que oferece hoje. Portanto, é um desafio aos empresários russos.

Mas ao mesmo tempo, e eu tenho dito isso todo santo dia e em toda viagem: para nós, o comércio perfeito é aquele comércio que seja uma via de duas mãos. O comércio onde apenas um leva vantagem não é um bom comércio, porque ele cria problemas e distorções na balança comercial. Então, é verdade que nós, brasileiros, queremos vender, mas é verdade também que nós, brasileiros, queremos e precisamos comprar para que todos nós nos sintamos confortáveis com o crescimento da nossa balança comercial.

É por isso que nós estamos desafiando os nossos economistas, o Ministro da Fazenda, o Presidente do Banco Central, a fazermos as nossas trocas comerciais nas nossas moedas. Nós somos muito grandes, nós temos que ter confiança em nós, os nossos Bancos Centrais têm que ter



responsabilidade. A gente não pode, por desconfiança, fazer negócios em outra moeda, que não controlamos e não produzimos. Eu penso que esse é um desafio entre Brasil e Rússia, é um desafio entre Brasil e os BRIC, e é um desafio na nova lógica comercial do século XXI, para que nós não sejamos tão vulneráveis como nós fomos agora, na crise econômica mundial. Com a crise da Europa e, sobretudo, da Grécia, fica muito claro que foi feito muito pouco para resolver o problema da crise. E me parece que ela volta mais forte em alguns países do que em 2008, por pura irresponsabilidade, por falta de controle do sistema financeiro. Então, nós, Rússia e Brasil temos a responsabilidade de, no G-20, nos BRIC e onde mais nós participarmos, trabalhar juntos para que a gente permita, pelo menos uma vez neste século, que o setor produtivo tenha prioridade em relação ao sistema financeiro, e que o sistema financeiro tenha como finalidade o setor produtivo, porque essa é a razão da existência dele, de financiamento do setor produtivo.

Eu tenho uma experiência, no Brasil. Gostaria de partilhar essa experiência com os outros companheiros de outros países, gostaria que os empresários conhecessem o que nós fazemos no Brasil porque tem uma coisa que, no Brasil, nós aprendemos a fazer: não tem mágica em economia, não tem invenção em economia. O que vale, na economia, é a seriedade com que você trata a estabilidade econômica, com que você controla a inflação, a seriedade do teu sistema financeiro.

No Brasil, se não fossem os bancos públicos estarem reforçados... Os empresários brasileiros sabem que nós, certamente, teríamos muito mais dificuldade de segurar a crise, se não fossem o BNDES, o Banco do Brasil, a Caixa Econômica Federal.

Todo mundo aprendeu essa lição lá no Brasil, e é isso que nós queremos partilhar com os nossos companheiros russos. Queremos aprender com vocês aquilo que vocês têm de bom e queremos ensinar a vocês aquilo que nós temos de bom. Quem sabe, esse duplo conhecimento, colocado um



único objetivo, faça com que a Rússia possa crescer mais rapidamente, e o Brasil crescer mais rapidamente, e nos transformarmos em duas grandes economias para competir neste mundo globalizado.

Eu espero receber muitos empresários russos no Brasil e espero que os brasileiros visitem muito a Rússia, para que a gente possa ultrapassar, num curto espaço de tempo, os US\$ 10 bilhões na balança comercial. Afinal de contas, nós podemos muito mais se tivermos vontade e disposição política.

Muito obrigado e boa sorte.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de encerramento do Seminário Empresarial Brasil-Catar**

Doha-Catar, 15 de maio de 2010

É um grande prazer iniciar a primeira visita oficial de um Presidente do Brasil ao Catar, participando deste evento empresarial. Aqui estive, no ano passado, quando da reunião América do Sul - Países Árabes.

Qualquer empresário sabe que o sucesso de sua empreitada depende de uma sólida rede de contatos e da qualidade do diálogo com seus interlocutores. Não há nada mais vantajoso do que negociar com alguém de nossa confiança.

Pois é isso que os governos estão fazendo: construindo confiança. Venho a Doha retribuir a visita do Emir do Catar a Brasília, em janeiro último, com o ânimo de impulsionar os contatos iniciados naquela ocasião entre os empresários de nossos países.

A presença expressiva de homens de negócio brasileiros aqui hoje mostra que estamos no caminho certo. Nossas economias estão passando por um processo de modernização sem precedentes.

Estamos construindo estradas, portos e aeroportos para garantir uma infraestrutura competitiva num mundo cada vez mais globalizado. A excelência das empresas de engenharia e construção brasileiras, reconhecida mundialmente, tem um papel a desempenhar.

Nossos países saíram mais fortes da crise. O Catar cresceu 9,5% em 2009, e as perspectivas para os próximos anos são excepcionais.

No Brasil, implementamos uma política de desenvolvimento que combina crescimento sustentável, estabilidade econômica, distribuição de renda e redução da vulnerabilidade externa. Temos um sistema bancário seguro e um mercado interno robusto.



A crise financeira não nos pegou desprevenidos. Nosso risco-país é o menor dos últimos sete anos. Nossas reservas internacionais não param de crescer e nos tornamos credores do FMI. Essas mudanças não são passageiras, nem fruto de políticas provisórias. Resultam de um projeto de longo prazo e de um compromisso com mais de 190 milhões de brasileiros.

Em 2010, nossa economia vai crescer de forma sustentável e vamos gerar 2,5 milhões de novos empregos formais. Estamos ganhando a luta contra a pobreza e a exclusão social. No fim deste ano, contaremos com 14 milhões de novos empregos criados no Brasil desde 2003

Nosso comércio exterior vem crescendo ano após ano, quebrando todos os recordes. Implementamos reformas que consolidam um ambiente macroeconômico sólido. Reduzimos barreiras e burocracias que muitos chamam de “Custo Brasil”.

Ao mesmo tempo, a crise confirmou o acerto de nossa estratégia de diversificação de nossas parcerias. Sem abandonar as relações com sócios tradicionais, buscamos novos mercados e novos horizontes.

É esse o sentido de nossa aproximação com o Oriente Médio. Com a Cúpula América do Sul e Países Árabes, estamos consolidando uma ponte entre dois continentes. Nosso comércio alcança 20 bilhões de dólares, um aumento de 150% desde a primeira Cúpula ASPA, em Brasília, em 2005.

O Brasil está empenhado, junto com seus sócios do Mercosul, em concluir negociações com o Conselho de Cooperação do Golfo. Conto com o Catar para chegarmos a um pacote equilibrado e mutuamente vantajoso.

Senhores empresários,

Catar e Brasil estão dando um exemplo do potencial dessas relações. Nosso intercâmbio bilateral aumentou mais de 10 vezes entre 2003 e 2008, passando de 37 a 439 milhões de dólares. Para continuar neste ritmo, precisamos diversificá-lo por meio de parcerias produtivas em áreas estratégicas. Sei que estão sendo estudadas possibilidades em setores de alto valor agregado como o de máquinas, instrumentos eletrônicos e veículos. Vemos com especial otimismo a perspectiva no setor aeronáutico. Não preciso



descrever as virtudes dos Supertucanos, da Embraer, uma vez que os pilotos do Catar já vêm sendo adestrados nessas aeronaves.

A descoberta da camada pré-sal no litoral brasileiro também traz possibilidades excepcionais. Os milionários investimentos em extração, que serão necessárias nos próximos anos, ajudarão a Petrobras a consolidar seus estoques estratégicos e sua posição de vanguarda tecnológica.

Meus amigos e minhas amigas,

Por todas essas razões, o Brasil pode ser a porta de entrada do Catar na América do Sul, e o Catar pode ser o canal privilegiado para o acesso brasileiro ao mercado do Oriente Médio. Vocês, empresários, desempenham papel crucial nessa aliança estratégica que queremos e vamos construir.

Este seminário é uma prova concreta de que nossas relações ultrapassaram a etapa dos discursos bem-intencionados. Para aqueles que temem as distâncias, recordo que a companhia aérea do Catar acaba de estabelecer voo direto entre Doha e São Paulo. Não temos mais motivos para deixar de investir nos contatos empresariais e no fluxo de turismo entre nossos dois países.

Apesar das diferenças culturais e dos percursos históricos distintos, estou convencido de que as perspectivas para as nossas relações econômicas e comerciais nunca foram tão favoráveis. Prova disso é nossa paixão comum pelo esporte e, em especial, pelo futebol. Sei que como parte do esforço para transformar o Catar em um grande centro esportivo internacional, está a campanha para sediar a Copa do Mundo de 2022. Contem com o Brasil nessa empreitada.

Shukran.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de encerramento do IV Encontro Empresarial Brasil-Irã**

Teerã-Irã, 16 de maio de 2010

Excelentíssimo senhor Mahmoud Ahmadinejad, presidente da República Islâmica do Irã,

Senhores ministros iranianos,

Ministros brasileiros,

Empresários iranianos,

Empresários brasileiros,

Amigos da imprensa iraniana e da imprensa brasileira,

Meus senhores e minhas senhoras,

Tenho muita alegria em participar do encerramento deste seminário. Aqui foram discutidas novas oportunidades de negócios, que nossos empresários estão explorando para fortalecer a parceria econômica e comercial entre Irã e Brasil.

Somos dois grandes países em desenvolvimento, com economias dinâmicas e um empresariado empreendedor. Nossa associação ganha importância no momento em que o mundo passa por acelerada transformação. A crise financeira demonstrou urgência em reorganizar a economia mundial.

Os grandes mercados emergentes têm novo papel e colocam a exigência de uma nova governança econômica global. Não só o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional precisam transformar-se. É necessário também um sistema multilateral de comércio mais representativo dos anseios do mundo em desenvolvimento.

Por isso, defendemos o fim dos entraves que impedem o avanço do processo de ascensão do Irã na OMC. O ingresso do Irã na OMC tem que



obedecer os critérios estritamente técnicos.

Fizemos uma nova geografia econômica e comercial. Há 20 anos, quase 70% do comércio exterior brasileiro se voltavam para os países da OCDE. Hoje, 55% das trocas são com o mundo em desenvolvimento. Essa diversificação foi possível graças aos avanços na integração latino-americana e ao reforço de parcerias no Oriente Médio, África e Ásia. Sem abrir mão de nossos parceiros tradicionais, fizemos das relações Sul-Sul um grande ativo de nossa política externa.

Senhoras e senhores,

O Irã é um dos grandes mercados do Sul e parceiro importante. Assim como o Brasil, o Irã não se deixou abater pela crise, manteve sua trajetória de crescimento sólido. Nos últimos sete anos, nosso intercâmbio comercial mais do que dobrou: de 500 milhões para 1 bilhão e 200 mil dólares. Hoje já está entre os três maiores mercados para produtos brasileiros no Oriente Médio. A recessão global não afetou essa tendência. Ao contrário, mostrou nossa capacidade de propor saídas alternativas para a crise.

Mas podemos avançar muito mais. Mais de 450 empresas brasileiras exportaram para o Irã no ano passado. Representantes de 60 companhias brasileiras vieram a este seminário, muitas buscando parceiros pela primeira vez.

Os números de 2010 são motivo de otimismo. No primeiro trimestre do ano, as exportações brasileiras para o Irã cresceram 77% e as importações brasileiras cresceram 125%. O agronegócio oferece um desafio especial. O Irã já é um dos cinco maiores mercados do Brasil neste setor, sobretudo para açúcar, carne e soja. Com o apoio da Embrapa à efetiva transferência tecnológica, queremos ajudar o Irã a aumentar sua independência alimentar.

Irã e Brasil são potências petrolíferas, mas as fontes renováveis de energia são o caminho do futuro. O Irã já entrou na revolução dos biocombustíveis, ao aprovar a legislação que prevê a adição de 5% de etanol à



gasolina. Convido missão técnica a ir ao Brasil conhecer nossa experiência com os motores *flex-fuel*.

Transferência de tecnologia e cooperação técnica são palavras chaves para nossa parceria em programa de desenvolvimento industrial do Irã. É conhecido o arrojo dos empresários brasileiros nos setores da alimentação, construção civil e petroquímica.

Há também um amplo espaço inexplorado para bens de capital e serviços, nos setores estratégicos de telefonia, energia e indústria de petróleo. A participação de empresas brasileiras na extração de ferro, cobre, chumbo e zinco é outra opção para diversificar a pauta de exportação do Irã.

O êxito de um empreendimento dessa envergadura certamente atrairá outros investimentos brasileiros e constituirá caminho para reforçar e equilibrar os fluxos comerciais.

O mercado brasileiro, em franco crescimento, é uma excelente opção para produtos, serviços e investimentos iranianos. As possibilidades se multiplicam ainda mais com os dois megaeventos esportivos que serão sediados no Brasil: a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016. Precisamos aumentar o turismo, multiplicar as conexões aéreas e capitalizar as possibilidades abertas pelos acordos que assinamos em cooperação esportiva.

Não alcançaremos nossas ambições sem um mecanismo ágil e ambicioso de financiamento e de operações comerciais. É importante lembrar que o acordo de financiamento que nós assinamos hoje é um acordo de financiamento de 1 bilhão de euros, em cinco anos, para a venda de alimentos para o Irã.

Não faz sentido que os negócios entre empresas iranianas e brasileiras dependam de crédito e da boa vontade de bancos estrangeiros. Esse foi um tema central da recente troca de missões técnicas entre nossos países. Vamos colocar em prática alternativas capazes de sustentar um intercâmbio decente e mais equilibrado. É esse o objetivo do Memorando de Entendimento para a



Concessão de Linhas de Crédito que acabamos de firmar. Serão recursos destinados, preferencialmente, para a importação de alimentos brasileiros.

Minhas amigas e meus amigos,

Com a intensa agenda de visitas de alto nível, de lado a lado, estamos superando a barreira da distância e reforçando nosso conhecimento mútuo. Estamos criando as condições para aprovar projetos que aprofundarão nossa parceria e enriquecerão a cooperação (incompreensível) solidariedade Sul-Sul.

Ao concluir os trabalhos deste seminário, tenho certeza de que estabelecemos as bases concretas para confiar no futuro das relações econômicas e comerciais entre os nossos países.

Antes de agradecer, eu queria dizer aos companheiros, que entreguei ao presidente Ahmadinejad um livro na língua do povo iraniano, ensinando como exportar para o Brasil, numa demonstração de que o Brasil não quer apenas vender. Nós queremos, também, ajudar a produzir aqui e a comprar aqui os produtos fabricados, porque na minha opinião, o bom comércio é aquele que tem um equilíbrio no fluxo da balança comercial e que um país não tenha um grande superávit sobre o outro.

Por isso, eu queria, depois, convidar o empresário representante dos empresários, Ali Akbar Mehrabian, para pegar este livro aqui e começar a vender muito para o Brasil nos próximos dias. Ah, ele é Ministro de Indústrias e Minas do Irã. Levante a mão que o meu companheiro vai entregar aí embaixo. É melhor vir aqui porque aí tiramos uma foto. Embora eu não seja candidato nas próximas eleições, uma foto sempre ajuda.

Muito obrigado.

(\$211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão de abertura da 14ª Cúpula do G-15

Teerã-Irã, 17 de maio de 2010

Quero agradecer ao presidente Ahmadinejad pela hospitalidade com que acolhe a 14ª Cúpula do G-15. Aqui estão reunidos líderes de um grupo de nações unidas na sua diversidade, que escolheram o Irã, ponto de encontro de muitas civilizações, para dar continuidade a este importante diálogo.

Criado há mais de 20 anos, o G-15 foi nossa resposta às transformações inauguradas com o fim do mundo bipolar. Atravessamos juntos os anos difíceis da hegemonia do pensamento único. Éramos uma das poucas vozes dissonantes do projeto conservador defendido pelos seguidores do Consenso de Washington. Nunca hesitamos na defesa de um mundo mais democrático, onde todas as vozes pudessem ser ouvidas.

A crise em que está hoje mergulhada a economia mundial, sobretudo nos países desenvolvidos, mostra que nossos diagnósticos de anos atrás eram basicamente corretos.

Sabemos como o descolamento do setor financeiro em relação ao setor produtivo levou a economia mundial à beira do abismo. Sabemos como esse descontrole foi alimentado pela crença cega e fundamentalista no mercado, ao qual se atribuem condições de autorregulação perfeita da atividade econômica. Há alguns anos começamos a ouvir vozes que afirmavam que um outro mundo era possível. Hoje temos claro que um outro mundo é necessário, é imprescindível. O mundo do pós-crise será muito diferente daquele em que nosso Grupo se formou.

O G-7 deixou de ser o centro de gravidade da nova governança econômica global. Mas o G-15, que nasceu como contraponto, não perdeu sua vocação.



Tenho a convicção de que no momento em que estamos redesenhando um sistema internacional mais justo e solidário, nosso Grupo mantém e amplia sua relevância.

Hoje o G-15 tem entre seus membros algumas das economias mais dinâmicas do mundo. Somos agora um dos principais motores do crescimento da economia internacional. Precisamos seguir juntos no momento em que a crise global ganha novo alento e ameaça o emprego e a esperança de milhões de pessoas nos países em desenvolvimento.

Sempre que enfrentamos as crises divididos, fomos derrotados. Sempre que estivemos juntos e unidos, trilhamos o caminho da vitória. Foi assim na OMC, com o G-20 Comercial, será assim no G-20 Financeiro.

Mas a unidade não significa desconhecer diferenças. Atuamos em cenários econômicos, políticos e sociais distintos. Temos especificidades culturais e trajetórias históricas próprias. Não buscamos modelos únicos nem unanimidades. Nossa força está na capacidade de construir a unidade de projetos distintos. Nossa unidade, na diversidade, é o principal trunfo que temos para garantir uma presença livre e soberana dos países em desenvolvimento neste mundo em transformação.

O G-15 continua a espelhar essa riqueza dos países do Sul. Sua força advém da interação cultural, política e econômica, em busca do objetivo comum: uma ordem internacional mais justa socialmente e mais democrática politicamente. Erradicar a fome e o subdesenvolvimento ainda são os principais desafios da Humanidade no limiar do século XXI.

Devemos aproveitar a variedade de nossas capacidades e experiências para aprofundar a cooperação Sul-Sul. Sobre a base da solidariedade podemos construir uma nova cooperação centrada no desenvolvimento e na paz. O Fundo de Cooperação do G-15 para a África é central nessa estratégia. Ele nos permite inaugurar uma nova era nas relações com os países africanos. O G-15 precisa tomar a dianteira nesse esforço e adotar uma política



sistemática de apoio ao desenvolvimento rural e à agricultura africana.

O Brasil sempre esteve na vanguarda desses esforços. Lançamos na semana passada, em Brasília, o Diálogo Brasil-Países Africanos em matéria de Segurança Alimentar, Combate à Fome e Desenvolvimento Rural. A experiência brasileira mostrou que é possível converter áreas tropicais em espaços férteis e produtivos. Queremos levar a revolução agrícola do cerrado brasileiro para as savanas africanas. Vamos gerar empregos, renda e uma fonte potencial de exportações.

Com o Fundo IBAS – Índia, Brasil e África do Sul –, estamos provando que não é preciso ser rico para ser solidário. Podemos ajudar sem ingerência nos assuntos internos de outras nações. Estamos transformando em iniciativas concretas de solidariedade Sul-Sul nossos avanços em pesquisa agrícola, formação técnico-profissional, saúde e desenvolvimento de fontes renováveis de energia. Estamos, também, implementando projetos de cooperação no Haiti, Palestina, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Burundi, Laos e Cambodja, na convicção de que podemos erradicar a fome e a pobreza.

Senhor Presidente, caros amigos,

Esta Cúpula é a culminação de uma longa caminhada e o começo de uma jornada ainda mais promissora. Já temos uma história conjunta e, certamente, estaremos juntos no futuro. Cooperação, diálogo e solidariedade, esses devem ser os pilares do G-15. No momento em que o mundo busca alternativas para um modelo esgotado, podemos oferecer uma perspectiva renovadora. O mundo espera, sobretudo, demonstrações de liderança e coragem daqueles que apostam numa visão de futuro comum.

Muito obrigado, Presidente.

(\$211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de recebimento do prêmio “Nova Economia Fórum 2010”**

Madri-Espanha, 18 de maio de 2010

Minha querida companheira Cristina Kirchner, presidente da Argentina,
(Incompreensível) do Mercosul, em nome de quem cumprimento as
demais autoridades da América Latina e do Caribe aqui presentes,

Meu caro companheiro José Manuel Durão Barroso, presidente da
Comissão Europeia, em nome de quem cumprimento as demais autoridades da
Europa,

Senhora companheira Maria Teresa de la Vega, primeira vice-presidente
do governo da Espanha,

Senhor José Luis Rodriguez, presidente da Nova Economia Fórum,

Companheiros ministros,

Chanceler da Espanha,

Meu caro irmão Néstor Kirchner, presidente da Unasul, secretário-geral
da Unasul recém-eleito,

Companheiros e companheiras,

Em primeiro lugar, quero agradecer a presença de todos vocês: das
minhas companheiras Cristina Kirchner e Maria Teresa de la Vega, que estão
aqui; dos ministros e demais delegados europeus e latino-americanos que
trabalham há meses para o êxito desta Cúpula; das autoridades e
personalidades espanholas que vieram prestigiar este evento; e de todos os
demais convidados, brasileiros e estrangeiros, que enfrentaram as sempre
complexas medidas de segurança para estar nesta sala. Agradeço também a
Nova Economia Fórum por esta amizade.

Antes de ler o meu discurso aqui, eu queria dizer que o embaixador



brasileiro aqui na Espanha trabalhou comigo seis anos antes de assumir o seu primeiro posto. Então, depois de trabalhar comigo seis anos, ontem foi a primeira vez que ele adentrou o meu avião para me receber como Presidente da República, e eu tê-lo como embaixador aqui. Eu queria, Paulo, meu companheiro POC, dizer que espero que você trate a Espanha com muito carinho, porque a Espanha sempre nos tratou com muito carinho. Espero que você possa... Certamente eu não virei mais aqui, mas eu espero que você tenha muitos outros presidentes visitando a Espanha.

A Cristina disse uma coisa que nos tocou, que possivelmente não tenha, na história da Argentina e na história da Espanha... na história do Brasil, um momento em que os presidentes se autoelogiaram ao participarem de eventos. E eu queria que os espanhóis compreendessem que foi um desafio meu e do Kirchner, em um primeiro momento, dos nossos ministros das Relações Exteriores, que era preciso reeducar a nossa diplomacia – nem a Argentina e nem os brasileiros era para se verem como adversários –, e, depois, com a companheira Cristina. Nós nos convencemos de que nós dependemos da nossa boa relação.

Houve um tempo em que os presidentes do Brasil e da Argentina disputavam para ver quem era mais amigo dos presidentes norte-americanos, e nós disputamos a nossa relação de amizade com a convicção de que o povo argentino e o povo brasileiro, independentemente dos nossos governos, se tratam como irmãos. Só temos uma pequena divergência no futebol.

Veja outra novidade que está acontecendo hoje, Cristina, veja outra novidade: aqui nós estamos na Espanha que, pela primeira vez, está confiante de que pode chegar à final da Copa do Mundo agora. O meu companheiro Zapatero disse que é a melhor Seleção da Espanha de todos os tempos. Mas aqui, da América Latina, vizinhos, tem dois países com muita possibilidade de chegar à final. Oxalá, se não chegar à final a Espanha, que chegue a Argentina e o Brasil; se não chegar o Brasil, que chegue a Espanha e a Argentina; e se



não chegar a Argentina, que chegue a Espanha e o Brasil, porque aí nós estaríamos fazendo a integração definitiva da União Europeia com o Mercosul.

Sei que a Nova Economia Fórum, tendo à frente o dinâmico companheiro José Luis Rodriguez, desempenha importante papel na organização de debates sobre os principais temas da agenda espanhola e internacional. Sei também que criou um espaço privilegiado para que personalidades de diferentes matizes possam apresentar e discutir suas ideias. Acho que a oportunidade de debate como as criadas pelo Fórum são cada vez mais necessárias. Como dizemos no Brasil: é conversando que a gente se entende. Por isso, eu fui até o Irã, porque acredito que é conversando que a gente se entende.

Não basta ter acesso a uma quantidade cada vez maior de informações, é necessário entender a posição dos outros, permitir a troca de ideias, provocar e promover diálogos. O título da homenagem também me parece atual e relevante – “Desenvolvimento Econômico e Coesão Social”. Esta é a maneira como se entende aqui na Espanha o desafio central do crescimento sustentável equitativo. No combate à desigualdade econômica e social, na superação da fome e da pobreza, é a ideia de que avanços permanentes só são possíveis se as sociedades progredirem como um todo, sem deixar ninguém para trás.

Fico feliz de constatar que o Presidente do México e outros companheiros latino-americanos já receberam essa distinção. É o reconhecimento da chegada de um tempo novo na América Latina e Caribe. Nossa região passa por um momento histórico de implantação de um novo modelo de desenvolvimento, de uma nova realidade política e social que é, no fundo, um caminho sem retorno. Nossa região avança em um momento especialmente complexo. Estamos todos enfrentando (incompreensível) das sequelas da crise financeira internacional, uma crise em que muitos estão



pagando pelos excessos de poucos, uma crise que exige medidas difíceis e corajosas.

Acho que já ficou claro que não há receitas únicas, que cada país precisa trabalhar com base em sua própria realidade, mas ficou evidente, também, que temos que trabalhar todos juntos para superar a situação atual. É por isso que Espanha e Brasil, assim como muitos dos outros países que participaram da Cúpula, estão trabalhando juntos para reformar o sistema financeiro internacional, para atualizar instituições e regras, para aumentar a supervisão e os controles necessários dos mercados e das entidades que neles operam.

Nesses meus quase oito anos de governo, tenho insistido muito na tese de que a superação dos principais desafios do nosso tempo passa, necessariamente, pela redução da desigualdade, por respostas concretas aos flagelos da fome e da pobreza.

São vários os exemplos que poderia citar, mas vou mencionar apenas o combate à mudança do clima, que está na ordem do dia e foi tratado nesta Cúpula. Na reunião de Copenhague, muitas vezes se somaram para repetir e insistir que qualquer acordo precisa levar em conta a dimensão do desenvolvimento econômico-social, a diferença entre os países. E não se trata de uma discussão diplomática ou de uma barganha para ver quem paga menos ou ganha mais. O tema central é equidade: a busca de soluções que permitam aos países se desenvolverem e superarem a desigualdade. Essa lógica se aplica, com variações, a vários outros temas: desde as negociações da OMC às discussões sobre paz e segurança. É a chave para a solução de muitos de nossos problemas.

Amigos e amigas,

Os países da América Latina e do Caribe e seus parceiros da União Europeia se reuniram aqui em Madri para discutir as relações birregionais. Temos uma rica e ampla agenda de iniciativas conjuntas, e nossa relação deve



refletir, cada vez mais, as mudanças que estão acontecendo em nossas regiões.

Para que nosso diálogo e trabalho prosperem, é preciso que sejamos capazes, cada vez mais, de entender o ponto de vista do outro. Um dos assuntos complexos que temos pela frente é o da imigração. É um teste para a construção de nossas posições comuns, é um desafio para todos aqueles que realmente acreditam no conceito da coesão social. Como sociedades imigrantes e migrantes, muitos dos países que estão aqui representados precisam dar exemplos, encontrar soluções que atendam os requisitos de justiça e solidariedade.

Esse tema é importante, como as negociações comerciais, e tivemos excelentes notícias aqui em Madri, em grande parte graças aos esforços dos nossos companheiros e amigos espanhóis e argentinos, representados pelo Zapatero e pela companheira Cristina.

A União Europeia e o Mercosul decidiram, finalmente, retomar as negociações do acordo de associação. Espero que prevaleça o interesse mais amplo e compartilhado de construir riqueza e prosperidade, de gerar mais comércio e investimento, mais trabalho para os europeus e mais trabalho para os cidadãos dos países do Mercosul.

O relançamento das negociações pode ser um estímulo para a retomada dos esforços na Unasul. Lá o desafio é ainda maior e mais importante: com um acordo bem-sucedido e equilibrado, teremos importante ferramenta para combater as desigualdades. Quero, também, aproveitar para insistir na importância da cooperação triangular, de projetos conjuntos de Brasil e Espanha, Brasil e Argentina, Argentina e Espanha e outros parceiros europeus, em benefício de terceiros países. Seja na América Latina e no Caribe, seja na África ou na Ásia, podemos aproveitar as complementaridades de nossa experiência em cooperação, potencializar recursos, sejam eles financeiros ou humanos.



Senhoras e senhores,

Não posso concluir sem uma menção especial aos nossos anfitriões. Certamente voltarei muitas vezes à Espanha no futuro. É um lugar onde me sinto à vontade, onde tenho grandes amigos. Não sei se terei mais tempo para voltar aqui no exercício da Presidência da República, por isso, trago aqui hoje o meu “muito obrigado”, o meu reconhecimento pela disposição de diálogo e de trabalho conjunto. E falo tanto do governo como da sociedade espanhola, dos seus empresários, que apostam no Brasil, e de todos aqueles que gostam do meu país e que trabalham pelo aprofundamento dos laços de amizade.

Vejo no prêmio que recebo do Nova Economia Fórum um sinal de amizade da Espanha pelo Brasil e do crescente interesse pelo nosso país. Penso também que é prova de que as mudanças em curso no Brasil e em nossa atuação internacional encontram eco aqui na Espanha, e não podia ser de outra forma. Nossos dois países são aliados em muitas causas internacionais, temos identidade em nossa atuação no G-20 e na ONU e estamos unidos na luta por um mundo mais justo e mais solidário, e vamos trabalhar também, com afinco, para que nossas relações bilaterais nos ajudem a gerar benefícios crescentes para espanhóis e para brasileiros.

Agora, que tornamos obrigatório o ensino do espanhol no Brasil, os vínculos com a Espanha vão se fortalecer ainda mais. Só ficará faltando, portanto, estimular os espanhóis a fazerem um esforço para aprender português ou, pelo menos, para ensaiar um saboroso “portunhol”, que todos nós entendemos.

Meus companheiros e companheiras,

Eu queria apenas render um tributo à minha relação com a Espanha. Nos anos 80, um dirigente espanhol foi visitar o Brasil, e, naquele tempo, eu estava condenado pelo regime de segurança, pelo Conselho de Segurança no Brasil, e estava afastado do sindicato. Já tinha ido lá um líder alemão, o Helmut Schmidt, e tinha exigido dos militares brasileiros que queria encontrar comigo.



Foi um encontro curto, mas foi um encontro cortês. E foi um líder por lá chamado Adolfo Soares, que foi na Espanha... não era um homem de esquerda, mas, certamente, era um democrata e exigiu me receber, contra a vontade daqueles que governavam o país na época.

Depois, em 1989, eu era candidato a presidente, e vocês sabem que candidato a presidente que não é famoso, que não está em primeiro lugar nas pesquisas, muita gente não recebe, muita gente não quer nem conversar com o candidato se não tem possibilidade de ganhar. Eu vim à Espanha e fui recebido pelo meu companheiro Felipe González, me recebeu no Palácio, não teve vergonha de me receber no Palácio quando não havia perspectiva de eu ser presidente da República do Brasil.

Depois, mais adiante, eu tive uma boa relação com o ex-presidente Aznar, e recebi o companheiro Zapatero... quando eu vim receber o Prêmio das Astúrias, foi quando eu encontrei com o companheiro Zapatero, que disse a mim que era candidato, e depois tivemos também uma extraordinária relação.

Mas mantive, aqui na Espanha, com os trabalhadores das Comissões Obreiras e da UGT, uma extraordinária relação nesses 30 anos de vida política. Eu, cada vez que vinha aqui, Cristina, eu tinha que me reunir em um lugar com as Comissões Obreiras, em outro lugar com a UGT porque, naqueles anos, eles tinham muito mais divergências.

Mas não apenas os dirigentes sindicais; os empresários espanhóis. Eu queria contar um caso para vocês, para mostrar como a nossa relação é verdadeira. Eu era candidato, em 2002, quando a imprensa brasileira, muitas vezes, divulgava que se eu ganhasse as eleições, eu ia acabar com a economia brasileira – que já estava acabada, na verdade – e que seria um desastre para o livre mercado a minha vitória.

Eis que – eu não vou citar nomes aqui – aparece um empresário espanhol para me visitar no meu comitê de campanha, e eu expliquei para ele como era a campanha no Brasil, qual era a minha possibilidade de ganhar.



Terminou a reunião, esse homem disse simplesmente o seguinte: “Se você quiser, eu vou falar com a imprensa que os empresários espanhóis não têm nenhuma preocupação com a vitória do Lula. Se o Lula ganhar, nós vamos continuar investindo aqui”. E esse homem foi dar uma entrevista coletiva no meu comitê e não teve nenhuma preocupação de dizer que os empresários espanhóis queriam investir no Brasil.

Hoje, os empresários espanhóis, sejam banqueiros ou sejam do setor de telecomunicações, sabem que o Brasil é um grande espaço para investimentos, e, certamente, existem poucos lugares em que os empresários estejam ganhando tanto dinheiro como estão ganhando no Brasil. E obviamente que eu prefiro que eles ganhem dinheiro porque se eles tiverem prejuízo, eu vou ter desemprego. Então, eu quero que as empresas ganhem, que os trabalhadores ganhem, porque assim a gente fortalece a nossa democracia.

Eu estou muito comovido com o prêmio. Eu, muitas vezes, fico ouvindo os discursos das pessoas me elogiando e eu tenho uma preocupação: primeiro, de acreditar no que eles falam de mim. Eu fico preocupado porque o ego vai crescendo, e eu falei para a Cristina: quando eu chegar ali, na cadeira, eu tenho que pegar um alfinete e estourar para que o ego não tome conta de mim.

Mas é prazeroso, é prazeroso terminar oito anos de governo numa situação importante, numa situação extremamente importante porque, diferentemente de qualquer presidente do meu país, ninguém nunca tinha que provar nada. Se fizesse parte da elite, da elite intelectual ou da elite econômica, poderia governar. Se não desse certo, ficaria fora e logo, logo, se esqueceria se ele foi um bom ou um mau governante. Pelo fato de eu ter saído de uma fábrica e pelo fato de eu ser dirigente sindical, eu tive que provar, a cada minuto, a cada hora, a cada dia, a cada semana, a cada mês, a cada ano, que eu tinha condições de governar esse país. E por que eu tinha que provar?



Porque, se eu não conseguisse, se eu não conseguisse governar o país, certamente ia levar mais 200 anos para que um operário metalúrgico pudesse pensar em ser presidente de um país grande e importante como o Brasil.

Então, eu saio daqui a sete meses – não pensem que vou sair já, vai acontecer muita coisa ainda no Brasil –, eu saio no dia 1º de janeiro com a consciência tranquila de que, primeiro, nunca os empresários brasileiros e estrangeiros ganharam tanto dinheiro como ganharam no meu governo. Saio com a consciência tranquila de que, em nenhum momento, os trabalhadores tiveram a quantidade de reajuste de salário que tiveram no meu governo. Durante oito anos do meu mandato, 99% dos acordos sindicais foram com conquista de aumento real de salário. Saio com a convicção de que os pobres do meu país nunca tiveram o tratamento civilizado, humano e democrático que nós demos a eles nesses oito anos de convivência.

Portanto, eu saio com uma coisa mais importante do que os números das pesquisas de opinião pública: não é fácil, nem no Brasil e nem em outro lugar do mundo, depois de oito anos, um Presidente da República ter 83% de aprovação do seu povo. Não é fácil! E isso é mérito desse povo, que vai me dar uma coisa extraordinária, porque o legado que eu estou deixando é que eu despertei no mais humilde dos brasileiros – de um catador de papel da rua a um economista, a um metalúrgico, a um gráfico, a um pedreiro –, eu despertei na consciência deles a ideia de que eles podem e devem chegar à Presidência da República. É só querer e se preparar. E tudo isso, porque eu nunca prometi muito. Eu, toda vez que tenho que prometer uma coisa, eu medito muito na mediana do que eu posso dar.

Vocês estão lembrados do meu discurso de posse. No meu discurso de posse, eu não disse que ia prender ninguém, não disse que ia fazer nada de mais. Eu apenas disse que, ao terminar o meu mandato, [se] cada brasileiro ou brasileira tiver o café da manhã, o almoço e a janta, eu já estarei realizado. Hoje eu tenho a convicção de que nós conseguimos conquistar muito mais do



que isso, e certamente que o Brasil está preparado para conquistar muito mais do que isso.

Na crise econômica – e é um motivo de orgulho, talvez tenha acontecido o mesmo na Argentina e em quase todos os países da América do Sul –, na crise econômica, quem segurou a economia do meu país foi a parte mais pobre da população, que atendeu a um apelo do Presidente da República feito em rede nacional de rádio e televisão para que o povo consumisse, consumisse com responsabilidade, mas que consumisse, porque se ele não consumisse, as empresas não iam produzir, o comércio não ia vender e aí, sim, ele, que não estava consumindo com medo de perder o emprego e não poder pagar a sua dívida, iria perder o emprego definitivamente, porque a economia seria um desastre.

Essa foi uma lição, meu caro Durão Barroso, que deveria servir para a Europa, porque na crise econômica, em 2008, muitos países ricos se encolheram, diminuíram o consumo, diminuíram o crédito, e o que aconteceu é que a economia foi se atrofiando.

Nós, na América do Sul... eu não sei se o Evo Morales está aqui, mas vocês podem fazer um estudo sobre a economia da Bolívia: precisou um índio chegar ao governo da Bolívia para o povo pobre da Bolívia ter um aumento na sua renda e ter um aumento na participação da renda nacional. E pela primeira vez, desde 1940, Barroso, a Bolívia tem reservas, mais de 10 bilhões de reservas, e tem o maior superávit da história da Bolívia. É uma coisa extraordinária. Demonstra que muito mais do que apenas curso de doutor, as pessoas precisam ter curso de inteligência e de possibilidades para bem dirigir o seu país.

Por isso, muito obrigado a todos vocês. Muito obrigado. Vou fazer por merecer este prêmio. Vou fazer por merecer este prêmio porque eu me sinto orgulhoso de ser reconhecido. Tem gente que pensa que não: “Ah, eu não gosto”. Eu sou muito humilde, mas eu tenho noção do que é importante para



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

mim, e este prêmio é muito gratificante para mim.

Obrigado.

(\$211B)



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após sessão plenária da 10ª Cimeira Luso-Brasileira

Lisboa-Portugal, 19 de maio de 2010

Meu caro companheiro, primeiro-ministro Sócrates,
Companheiros ministros de Portugal, ministros do Brasil,
Companheiros que vieram de tantos lugares do Brasil para assinar acordos com Portugal,
Companheiros da imprensa brasileira e da imprensa portuguesa,

Eu penso que o século XXI é o século dos países que não tiveram chance no século XX. Eu lembro que uma parte do mundo cresceu muito no século XIX, outra parte cresceu muito no século XX, e eu firmei a convicção, Sócrates, de que o século XXI o Brasil não jogaria fora, o Brasil iria aproveitar o século XXI para se transformar em uma grande economia. O Brasil, desde que eu me conheço por gente, o Brasil sempre foi o país do futuro, mas quando a gente vai adquirindo consciência política, a gente vai ficando preocupado porque o futuro demora muito a chegar para o Brasil.

De 1950 a 1980, a economia brasileira foi a economia que mais cresceu no mundo. Entretanto, quando chegou aos anos 80, o que nós percebemos era que os ricos tinham ficado mais ricos e os pobres tinham ficado mais pobres. Então, era preciso tentar diminuir essa distância e garantir que os pobres pudessem subir um degrau na escala social do nosso país. O Brasil hoje vive um momento, eu diria, mágico na sua economia. Dizem que eu tenho sorte, porque tudo dá certo, mas também trabalho muito. Eu, você percebe que eu estou com a cara cansada porque estamos há oito dias andando pelo mundo, tentando comprar e vender as coisas para o Brasil. Eu não tenho nenhuma vergonha de fazer propaganda de qualquer empresa brasileira, em qualquer



lugar do mundo. Uma vez eu estive com um presidente, no Brasil, e ele não quis sentar em um carro porque o carro, ele não queria fazer *merchandising* de um carro. Eu falei: pois eu sento nos dois, pode tirar foto minha aqui, como vendedor de carro, que eu estou satisfeito.

O Brasil tem vivido este momento excepcional. Quando eu terminar o meu mandato agora, Sócrates, nós vamos ter gerado pelo menos 14,5 milhões de empregos novos; nós vamos ter feito 14 universidades federais; nós vamos ter feito 214 escolas técnicas; nós vamos ter mudado um pouco a cara do nosso país – 31 milhões de brasileiros entraram na classe D, ou melhor, na classe C, e 21 milhões de brasileiros saíram da pobreza absoluta –, a economia brasileira está crescendo.

Eu, durante a crise econômica de 2008, eu ousei dizer que a crise no Brasil era só uma marola, uma pequena onda, que não ia acontecer no Brasil o que aconteceria nos países ricos, e até nisso eu tive sorte. Nós fomos o último país a entrar na crise e fomos o primeiro país a sair da crise. Essa é uma crise *sui generis*, porque é uma crise que aconteceu nos países ricos, e toda vez que acontece uma crise nos países ricos ela reflete nos países pobres. E desta vez, na América Latina e na América do Sul, todos os países estão crescendo, diferentemente dos países ricos, que enfrentaram a crise de forma mais dura. E quando a gente tem crise, a gente também tem que tomar medidas duras.

O ajuste fiscal que eu fiz em 2003 foi, possivelmente, o ajuste fiscal mais duro que o governo já fez. Entretanto, nós tínhamos consciência de que, se não fizéssemos aquele ajuste fiscal, a gente não conseguiria atravessar o oceano. E foi graças à coragem que nós tivemos em 2003 é que nós conseguimos hoje estar em uma posição altamente confortável. Aqui tem muitos amigos meus, do meu partido e do governo, que ficavam nervosos comigo, que diziam para mim: “Não é possível, isso é um programa de direita, isso é um programa...”. Mas fui obrigado a fazer o programa para poder colher o que nós estamos colhendo hoje.



Eu sei que a crise vai exigir sacrifício. Lamentavelmente, os mais ricos, que são responsáveis por essa crise, não pagarão a dívida. Eu, sinceramente, não conheço nenhum economista que me explique porque a União Europeia demorou três meses para tratar a questão da Grécia; eu não consigo compreender porque deixaram o Lehman Brothers quebrar, que ficaria muito mais barato tentar encontrar uma saída enquanto ele estava funcionando; eu não consigo entender porque os países ricos não têm uma regulamentação do sistema financeiro mais dura como, por exemplo, no Brasil, onde o sistema financeiro não pode alavancar mais de dez vezes o seu patrimônio líquido.

Eu faço parte do G-20, Sócrates, e as coisas têm sido muito lentas, ou seja, as nossas decisões não são implementadas porque nós não temos uma governança global, nenhuma instituição multilateral que possa obrigar que as coisas sejam cumpridas, cada um volta para o seu país e faz a mesma coisa que precisa. Ou seja, os prejuízos são globais, as políticas comerciais são globais, as decisões dos bancos centrais – tem decisões que são globais, mas, na verdade, a aplicação dessas medidas é individual e, aí, nós temos mais dificuldade.

É muito importante estar hoje em Portugal, assinando essa quantidade de acordos e protocolos que estão aqui. É muito importante porque, definitivamente, os empresários portugueses já tinham descoberto o Brasil antes de o Brasil descobrir Portugal, com seu empresariado. São 20 bilhões de euros investidos no Brasil por empresários portugueses, por mais de 600 empresas portuguesas. E há muito tempo nós fazemos discurso de que Portugal é, pela nossa relação histórica, a porta de entrada mais importante para os produtos brasileiros no mercado europeu.

Agora, finalmente, as empresas brasileiras estão agindo de forma mais madura e de forma, eu diria, mais de reconhecimento daquilo que Portugal já fez pelo Brasil. Nós, recentemente, tivemos duas empresas brasileiras, a Camargo Corrêa e a Votorantim, que compraram por volta de 52% da maior



cimenteira de Portugal e, portanto, são grandes investimentos. Nós estamos, com a Embraer, montando duas fábricas aqui em Portugal, e é importante que é a Embraer, porque a Embraer é alta tecnologia e, portanto, é muito valor agregado. Nós estamos percebendo a parceria na área de ciência e tecnologia com o Brasil, o que é uma coisa extremamente importante. Hoje eu descobri, finalmente eu descobri um país onde uma empresa se cria em 30 minutos. Ou seja, o nosso Ministro da Indústria e Comércio e o nosso Ministro do Planejamento vão ter que vir aqui para aprender, porque o que as pessoas mais se queixam, no Brasil, é que demora muito para abrir uma empresa. Melhorou bastante, melhorou bastante com as mudanças que nós fizemos, mas, certamente, ainda não é em 30 minutos, e para fechar elas demoram muito mais tempo.

Então, nós queremos aprender com Portugal. Portugal está nos ajudando na área de saneamento básico, sobretudo em função da Copa do Mundo e em função das Olimpíadas, e nós somos agradecidos porque Portugal já viveu essa experiência.

Mas uma coisa me chamou a atenção, que foi o acordo da Galp e da nossa empresa de biodiesel. Eu tive o prazer de estar com a direção da Petrobras e também com a direção da Galp no coração da selva amazônica, numa plantação de palma africana, que é originária da própria região e, portanto, nós estamos utilizando áreas degradadas. Além de produzir um combustível limpo, nós vamos recuperar áreas degradadas, gerar empregos. Uma parte desse óleo será utilizada pela Petrobras, numa refinaria lá mesmo, no estado do Pará, para atender a região Norte do país, mas a grande parte virá para ser refinada aqui em Portugal, para que Portugal possa vender ao mercado europeu e, sobretudo, aos nossos amigos espanhóis que estão aqui, bem mais próximos de nós. Ou seja, quando ligarem um carro com biocombustível, vocês não vão sentir aquele cheiro insuportável do óleo diesel, mas vão sentir o cheiro de um óleo mais gostoso, muita gente vai pensar até



que está fritando uma batatinha. Eu acho que... Eu sinto orgulho, porque esse é um programa que eu sonhei, esse é um programa que foi patenteado no Brasil, em 1975, mas somente em 2003 nós resolvemos adotar o biocombustível como uma parte da matriz, da nossa matriz energética no Brasil, acho que foi muito importante. Então, quando eu vi a Galp assinar o acordo, eu fiquei muito, mas muito, muito, muito feliz, porque acho que foi um acordo extraordinário.

Uma outra coisa importante que eu vi aqui... Uma outra coisa que eu vi aqui, muito importante, foi o acordo da Petrobras com a Galp também, para tentar pesquisar e ver o que é possível que tenha no fundo do mar aqui, perto de Portugal. No Brasil, nós encontramos a 7 mil metros de profundidade aquele petróleo que faltava para nós em terra, e é preciso muito investimento em tecnologia para a gente conseguir tirar um petróleo que tem 2 mil metros de lâmina d'água, 2 mil metros de rocha, 2 mil metros de sal, para você poder chegar lá. Nós estamos tomando todo o cuidado do mundo para que a gente não traga um japonês lá na sonda, porque está quase chegando do outro lado do mundo. Eu acho que a Petrobras é uma empresa de excelência na área de tecnologia, eu acho extraordinário que essa parceria com a Galp se transforme em uma parceria muito forte.

Nós temos a Portugal Telecom, com forte investimento no Brasil. Eu acho que no Brasil sempre há espaço de crescer. Acho que era importante que a gente discutisse com a Brasil Telecom como a gente crescer no mercado africano também, crescer no mercado brasileiro, crescer no mercado latino-americano. Nós, agora, aprovamos... criamos uma empresa para investir em banda larga, nós queremos levar banda larga a todos os rincões do nosso país, nós queremos transformar a banda larga em um direito de cada cidadão e não em um privilégio de quem tem dinheiro para pagar, ou seja, é preciso que a gente consiga vender isso mais barato para o povo brasileiro e, obviamente, isso vai contar com a parceria dos companheiros portugueses.



Eu quero dizer ao meu amigo Sócrates que é sempre uma alegria vir a Portugal. Lamentavelmente, hoje eu vim em uma correria muito grande. Um presidente da República nunca pode dizer que está cansado, porque político tem sempre a impressão de passar a ideia de que ele é forte, de que ele não cansa nunca. Eu estou cansado, muito cansado, eu deveria ter chegado aqui mais cedo, trabalhado mais cedo, mas também não pude chegar porque estamos em uma viagem que começou na Rússia, em Moscou, depois Catar, depois o Irã, depois a Espanha e agora Portugal, mas eu estou feliz. Estou feliz porque, finalmente, Brasil e Portugal se reencontraram. Não é mais aquela coisa só sentimental, é uma coisa muito verdadeira de compreender a posição estratégica, do ponto de vista geográfico, que está Portugal para o Brasil e o potencial que o Brasil tem para ajudar a alavancar a economia portuguesa. Eu tenho certeza de que se a gente continuar crescendo, como estamos pensando que vamos crescer, nós poderemos ter muito mais parceria com Portugal.

Portanto, eu quero agradecer mais uma vez o carinho do meu companheiro e amigo Sócrates e dizer que eu espero que a gente se encontre muitas vezes e que façamos muitos acordos até o dia 31 de dezembro, quando termina o meu mandato na Presidência do Brasil.

Muito obrigado, gente.

(\$211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante almoço-conferência do seminário “Brasil: Parceria para uma Nova Economia Global”

Madri-Espanha, 19 de maio de 2010

Meu caro amigo Felipe González, ex-presidente de Governo da Espanha,

Senhora Cristina Garmendia, ministra de Inovação, Ciência e Tecnologia, por meio de quem cumprimento todos os ministros e autoridades espanholas aqui presentes,

Meu caro companheiro Franklin Martins, ministro da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, por meio de quem cumprimento os ministros brasileiros que estão aqui,

Caro companheiro Enrique Iglesias, secretário-geral ibero-americano, Senhor Ignacio Polanco, presidente do grupo Prisa, por meio de quem cumprimento todos os funcionários do Grupo,

Nossa querida companheira Vera Brandimarte, diretora do jornal Valor Econômico, por meio de quem cumprimento toda a equipe de jornalistas do Valor,

Companheiros empresários,
Amigos do El País,

Eu fiquei numa dúvida quando vi a apresentação do Guido e do Paulo Bernardo, com aquela quantidade de números, mas quem melhor defendeu o governo foram os empresários. Os empresários são menos exigentes do que nós mesmos, e eu vou contratar o Trabuco para fazer palestra sobre o governo.

Eu quero agradecer a todos as palavras elogiosas ao Brasil, e dizer para



vocês algumas poucas coisas. Tem uma coisa que o Felipe González disse, uma palavra que parece mágica e que parece uma palavra comum mas, na arte de governar, ela ganha uma importância incomensurável, que é a palavra “previsibilidade”, ou seja, todo mundo adora saber o que vai acontecer amanhã, depois de amanhã e, se possível, gostaria de prever o que vai acontecer durante os próximos dez, 15 ou 20 anos.

Mas tem uma outra palavra que os políticos esqueceram, que é a palavra “óbvio”. Se nós, políticos, fizéssemos apenas o óbvio e não tentássemos inventar tanto, seria muito mais fácil governar o mundo. É uma palavra pequena, mas ela é muito necessária na arte de governar. Tudo fica menos complicado quando a gente pratica apenas o óbvio. Um inventor pode tentar fazer qualquer coisa, mas o político precisa fazer o óbvio. O óbvio é você cuidar do seu país, é você cuidar da sua gente, é você definir quais as prioridades, é definir quais as que você vai focar e começar a tomar as decisões.

Não é complicado. Muita gente fala: “é complicado governar”. Eu acho que complicado é você não governar e não fazer apenas o óbvio, e não permitir que aqueles que você quer atrair para fazer investimentos no seu país tenham previsão do que vai acontecer.

Não existe, na verdade, nenhuma mágica no que está acontecendo no Brasil. O que existe é previsibilidade e a utilização apenas da decisão de fazer o óbvio. Vou dar um exemplo: o Brasil, que é um país de economia capitalista, precisava ter capital – não é possível um país capitalista sem ter capital. Segundo, não era possível um país capitalista sem ter financiamento, e não era possível você aplicar o capitalismo sem ter crédito. Quando nós entramos no governo, todo o crédito disponibilizado era de apenas R\$ 380 bilhões. Hoje, nós estamos com mais de R\$ 1,5 trilhão de crédito.

O BNDES era o banco de financiamento da indústria e não tinha dinheiro, o máximo que ele emprestava era \$ 30 bilhões. E qual era a mágica



de não emprestar? Era dificultar as exigências, não é? Quando alguém precisava de um empréstimo do BNDES, o BNDES exigia tanto, que só pegava dinheiro emprestado no BNDES quem não precisava de dinheiro, porque a garantia e a exigência eram de uma magnitude, que o cidadão... se o cidadão pudesse cumprir as exigências do BNDES, ele não precisaria pegar dinheiro no BNDES. E assim valia para o Banco do Brasil, assim valia para a Caixa Econômica Federal e assim valia para os bancos públicos... para os privados também.

Eu lembro que uma vez – o Trabuco não era ainda presidente do Bradesco – eu fui a uma reunião da Febraban, e lá eu perguntei a um amigo nosso por que os bancos privados não financiavam casa, ou por que os bancos privados não abriam crédito para as pessoas de baixa renda. E a resposta foi simples, verdadeira. Ele disse o seguinte: “Olha, ô Lula, nós não podemos financiar porque as pessoas podem não pagar, as pessoas podem ficar inadimplentes. Então, nós não temos garantia para emprestar. Nós não podemos financiar casa porque se a pessoa não pagar, nós não podemos tomar a casa de volta. A lei não permite tomar a casa de volta”. Então, dava a impressão de que você estava garantindo à pessoa o direito de ter a sua casa e não ser tomada, quando, na verdade, você estava negando o direito de a pessoa ter a casa porque você não financiava casa.

Eu, agora, queria fazer um programa de financiamento de caminhões. Eu estou, há mais de cinco anos, pensando em como renovar a frota de caminhões do Brasil. Primeiro, para ativar a indústria automobilística do setor de caminhões. Segundo, para permitir ao motorista autônomo ter um caminhão novo, poluir menos e ele ter a sua vida facilitada. A lei não permite que o motorista autônomo dê o seu caminhão como garantia. Eu compro um carro, se eu não pagar, a empresa vai lá e me toma o carro de volta. O caminhão não pode, porque a lei prevê que é um instrumento de trabalho e, portanto, o cidadão não pode dá-lo como garantia. Maravilhoso! Só que esse cidadão não



vai poder comprar um caminhão novo, porque se ele não tem garantia para dar, ninguém vai vender o caminhão. E ainda não encontramos a solução. O Guido apresentou uma proposta para mim. Ainda está atendendo a pequena e micro empresa, mas não está atendendo ainda o motorista autônomo. Pois bem, então o Brasil... O Brasil era assim: o Brasil se contentava em governar o país para 30% da população ou 40% da população. Aliás, eu acho que o Estado brasileiro governava para a parte da sociedade que não precisava do Estado. Vamos ser francos, a classe média brasileira, representada por nós aqui, ela precisa pouco do Estado, ela precisa pouco. Agora, quem é que precisa do Estado? É a parte mais vulnerável da sociedade. No caso do Brasil, só para você ter ideia, Felipe González, eram 50 milhões de brasileiros que viviam abaixo da linha da pobreza. Não era pouca gente, era “uma Espanha” que vivia abaixo da linha da pobreza.

Ora, quando nós chegamos ao governo, eu tomei a decisão de que nós precisaríamos provar algumas coisas nos debates econômicos, até então, feitos no Brasil. Eu não sou economista, mas eu debato muito Economia, quando eu era sindicalista, depois quando eu era candidato... Esse negócio de você perder três eleições me ajudou muito, porque você tem que fazer programa, você tem que se preparar para debate na televisão... Eu estou quase especialista em Economia! Eu tinha comigo a convicção de que era preciso provar que nós não tínhamos que esperar a economia crescer para distribuir renda, que era compatível você fazer a economia crescer e você distribuir renda.

Depois, nós tínhamos que provar uma outra coisa que, no Brasil, não era habitual: quando o Brasil decidia exportar, o Brasil asfixiava o mercado interno; quando ele decidia alimentar o mercado interno, ele asfixiava as exportações, como se fossem duas coisas antagônicas. Nós provamos que era preciso... era possível distribuir e crescer e provamos que era possível exportar e fortalecer o mercado interno. E provamos uma outra coisa que eu considero tão importante



quanto essas outras duas: que aumentar o salário-mínimo, nem quebrava a Previdência Social, nem era inflacionário.

Essas três coisas foram feitas simultaneamente, as três deram certo, e a inflação está controlada e a economia cresceu. Porque quando você toma essas atitudes, você está fortalecendo o mercado interno. Uma outra coisa importante: eu fiz debate com economistas, com meus companheiros há mais de vinte anos, eu nunca tinha ouvido falar as palavras “crédito consignado”.

Você sabe que o debate político, Felipe, dos anos 90, no Brasil, pelo menos... os meus amigos assessores falavam assim para mim: “ô Lula, o Brasil está quebrado. O Brasil não tem jeito. O Brasil está com uma dívida insuportável, o déficit público...”. Eu ia para casa, eu falava: esses companheiros querem que eu seja presidente e dizem que o Brasil está quebrado! No mínimo, eu estou entrando em uma jogada errada. Quando, na verdade, o Brasil precisava de crédito. Nós criamos um crédito, dando como garantia a folha de pagamento: o trabalhador dava o seu salário... e garantimos que os sindicatos é que faziam os acordos com os bancos. Não era o governo, o governo não se metia nisso. Conclusão: hoje nós temos, de crédito consignado, R\$ 120 bilhões fomentando o mercado. Ou seja, pessoas aposentadas, que jamais teriam direito de entrar em um banco a não ser para receber o seu salário, que estão tomando dinheiro emprestado para viajar, que estão tomando dinheiro emprestado para comprar outras coisas. Para sair, inclusive, da compra à prestação, porque ele compra mais barato se ele comprar à vista.

Bom, isso fez com que o Brasil elevasse 31 milhões de brasileiros das classes D e E para a classe média. E isso garantiu que nós tirássemos 20 milhões de brasileiros da linha da pobreza. E isso fortaleceu... Todo mundo aqui, pode ficar certo o pessoal da Telefônica, de que todo mundo tem um celular, pode ficar certo; da Iberdrola, pode ficar certo de que todo mundo tem energia, já, na sua casa.



Porque isso permitiu que essa gente, que era marginalizada, virasse consumidora. Essas pessoas passaram a entrar em shopping, essas pessoas passaram a sonhar com televisor colorido, essas pessoas começaram a ter coisas que, até então, eram só da classe média. E é engraçado, porque isso não precisaria ser nenhum grande economista para pensar nessas coisas. Eu vivi no movimento sindical muito tempo, eu briguei muito, e eu dizia para os empresários: por que vocês não copiam aquilo que Henry Ford dizia: ele tem que pagar aos seus funcionários um salário que lhes permita comprar o carro que eles produzem, porque se não venderem o carro, não vão a lugar nenhum.

Então, nós conseguimos fazer com que o Brasil começasse a recuperar a sua autoestima. Eu acho que tem pouca gente no mundo, hoje, orgulhosa como o povo brasileiro. Eles aprenderam a gostar de si próprios. Quem está investindo no Brasil sabe que tem poucos trabalhadores criativos e trabalhadores, como o povo brasileiro. Aquele povo passou séculos, Guido, precisando de uma oportunidade, porque nós, nós, no Brasil, tínhamos aprendido, por doutrina, por termos sido colônia, que nós éramos insignificantes. Tudo o que vinha de fora era melhor. Se viesse dos Estados Unidos, então, era *top*. Se fosse... é... se fosse de alguns países europeus, também. Nós não nos respeitávamos, nós nos achávamos de segunda categoria, e nenhuma nação vai para a frente se não gosta de si mesma.

Então, a primeira coisa que nós fizemos foi recuperar... fizemos até uma campanha de publicidade para recuperar a autoestima do brasileiro, quando a gente dizia: "Eu sou brasileiro e não desisto nunca". A primeira coisa que nós fizemos foi uma campanha de recuperação da autoestima. Eu, quando via um filme americano, mesmo aqueles enlatados de pior qualidade, numa TV a cabo, a bandeira americana aparece lá, orgulhosamente. E, no Brasil, nós tínhamos vergonha de dizer que éramos brasileiros. Hoje o brasileiro é um povo orgulhoso.

Os embaixadores brasileiros, todos andam de cabeça erguida, porque



antigamente eles tinham vergonha de serem embaixadores nos países. Hoje eles sabem que eles são levados em conta em cada país que eles estão, e que discutem com mais seriedade. Essa é uma coisa importante.

A outra coisa importante que nós conseguimos fazer no Brasil foi fazer com que acabasse uma discussão equivocada, atrasada, dos anos 80, que era a briga entre o público e o privado: quem prestava mais. Se o Estado era importante ou não, se o Estado... Uma briga da década de 80: o Estado máximo ou o Estado mínimo; se era melhor a empresa privada ou a empresa pública. Na verdade, o que nós fizemos foi trabalhar corretamente com os dois. O Banco do Brasil é extraordinário, mas o Bradesco também é extraordinário.

Mas o governo precisa ter instituições públicas porque numa crise como essa, se o governo não tiver um instrumento de manejo da economia ele quebra a cara, como alguns países quebraram a cara. Quando a crise veio, o nosso companheiro Trabuco sabe, nós tivemos um problema com carro usado. Para comprar um carro novo, era preciso a pessoa vender o carro velho. E nós não tínhamos banco para financiar porque o banco que financiava carro usado estava com a corda no pescoço. Eu chamei o Banco do Brasil e o companheiro Guido, e nós queríamos que o Banco do Brasil assumisse o financiamento de carro usado. O Banco do Brasil nos colocou... nos disse: “Nós não temos *expertise* para financiar carro usado”. Eu pensei: o que fazer? Como é que eu vou formar um especialista? A crise não vai esperar. Eu lembro de uma coisa que você me falou, Felipe, em 1989, eu não sei se você está lembrado. Eu vim... eu era candidato a presidente, eu vim aqui, e o Felipe perguntou para mim: “Como é que você vai conviver com as Forças Armadas?” Eu falei para o Felipe: ah, nós vamos democratizar as Forças Armadas. Aí, o Felipe falou: “Você sabe quanto tempo demora para uma pessoa virar general? Quarenta anos. Você só tem quatro anos de mandato, como é que você vai democratizar as Forças Armadas?” Como é que eu ia esperar formar alguém do Banco do Brasil em *expertise* para financiar carro usado, se a crise estava pegando no



nosso pé?

Então, nós tomamos a decisão de comprar um banco, e compramos 50% de um banco privado, que era o banco mais financiador de carro usado. Tivemos um problema de financiamento de motocicleta - acho que o Bradesco não estava com garantia para financiar motocicleta. Eu disse ao Guido Mantega: eu não sei se é o Bradesco ou quem quer que seja, mas você me arruma um banco para financiar motocicleta, porque se não financiar, não vende! E ninguém dá garantia de motocicleta, ninguém dá garantia. O Guido arrumou, e voltou à normalidade o mercado de motocicletas, ou seja, apenas o óbvio, nenhuma grande novidade.

Pois bem, nós, companheiros e companheiras, na apresentação feita pelo Paulo Bernardo e pelo Guido, pelo Luciano Coutinho e pelos empresários, está claro que os números do Brasil são sólidos, está claro que o Brasil tem previsibilidade e está claro que o Brasil quer ser um ator global. Primeiro, porque nós não concordamos com a atual governança global. A governança global de hoje, se a gente quiser ela representada pela ONU, ela representa o mundo político de 1945, mas não representa o mundo político de 2010. É preciso mudar, é preciso levar em conta a existência da África, é preciso levar em conta a existência do Oriente Médio e todas as suas confusões, é preciso levar em conta a América Latina, é preciso levar em conta a Índia, é preciso levar em conta o Japão, é preciso levar em conta outros continentes. E nós estamos brigando com isso há mais de 17 anos.

Apesar de 140 países terem assinado pela reforma das Nações Unidas, quem já está lá, sentado na cadeira, não quer mudar. E aí, poderíamos falar das confusões que não são resolvidas, porque tem gente que defende que quanto mais fraca forem as Nações Unidas, mais as decisões serão unilaterais e, aí, predomina a ideia de quem tem mais força. E nós achamos que não é possível continuar assim. Achamos que não é possível, numa crise econômica como essa que nós tivemos, você não ter uma instância multilateral que



chamasse à discussão. Porque o G-20 funcionou num primeiro momento. Mas, na verdade, o poder de decisão do G-20 é muito escasso, porque as pessoas não cumprem, cada um volta para o seu país e faz o que bem entender. Qual é o organismo multilateral que nós temos de fiscalização do sistema financeiro? Qual é o sistema multilateral que nós temos para evitar o funcionamento de paraísos fiscais?

Eu temo que as pessoas pensem que a crise já acabou. A crise não acabou e nós não sabemos quais os efeitos dela. A crise está que nem esse vulcão, que está aí na Islândia, todos os dias soltando um pouquinho de fumaça negra, atrapalhando o trânsito aéreo. Alguém poderia me responder por que a Alemanha demorou tanto tempo para ajudar a Grécia? Como é que pode a Europa, tão poderosa, demorar três meses para resolver o problema da Grécia? É porque os países perderam o poder de fazer política monetária e estão dependendo de uma decisão coletiva que, de coletiva, não tem nada. É quase individual, porque quem tem mais dinheiro termina tomando a decisão. Me disseram ontem, Felipe, que a Alemanha dizia assim: “Todo mundo sabe que eu quero ajudar a Grécia, mas eu só posso dizer isso no apagar das luzes”. E levou ao pânico, que pode se espalhar por outros países, e nós não sabemos como é que pode continuar o mundo sem essa governança global. Por exemplo, o desaparecimento do crédito, Felipe. Uma empresa como a Petrobras, uma empresa como a Petrobras, que nunca teve problema de financiamento no mundo, não conseguia US\$ 1 bilhão emprestado em nenhum banco do mundo. Teve que se voltar para o mercado interno e disputar o crédito dos outros empresários que não tinham condições de pegar no exterior, no BNDES e na Caixa Econômica Federal, porque o crédito simplesmente desapareceu e você não tinha nenhum instrumento porque na verdade, na crise, o que os países mais ricos deveriam ter feito era ter disponibilizado crédito para que as pessoas continuassem consumindo, para reativar a produção. E isso não aconteceu.



No Brasil, nós tomamos todas as medidas que tínhamos que tomar em três meses, todas. Eu fiz uma coisa, Felipe, que eu jamais imaginei fazer. Porque a imprensa, no desejo de informar a sociedade, publicava manchetes: “Quebraram os Estados Unidos, quebrou a Alemanha, quebrou não sei quem, quebrou a Espanha, quebrou... e vai quebrar não sei quem, e quebra tal banco. O consumidor não está consumindo porque ele vai perder o emprego, o trabalhador não quer comprar porque ele não quer fazer dívida, ele vai perder o emprego.” Eu falei: bom, o mundo acabou! Eu tive que ir para a televisão, em rede nacional, fazer apologia ao consumo para o povo brasileiro, dizer exatamente o seguinte: se você não está comprando porque está com medo de perder o emprego, trate de comprar, porque se você não comprar, aí sim, é que você vai perder o emprego, porque a fábrica não vai produzir, a loja não vai vender e aí, sim, todo mundo vai ficar desempregado. Compre. E foi essa parte pobre da população que foi comprar. Os indicadores do comércio brasileiro mostram que nas regiões mais pobres do país, as classes D e E consumiram mais do que as classes A e B do Centro-Sul do país.

Então, a economia brasileira está sólida porque a sociedade brasileira está ficando sólida, porque a sociedade brasileira está participando do mercado, porque nós criamos em oito anos de mandato, Felipe... vamos terminar o mandato com 14,5 milhões de novos postos de trabalho criados... com trabalhos formais. Talvez, só a China e a Índia tenham algo similar. São 14,5 milhões de novos consumidores, pagadores de impostos, para o Guido poder arrecadar bem, pessoas dentro da Previdência Social. E o Guido, que é o meu ministro da Economia, e os ministros, sabem o seguinte: não existe hipótese de a gente tratar a economia com mágica, não existe hipótese. O Brasil aprendeu a ser sério. Porque houve um tempo em que ninguém acreditava no Brasil, ninguém acreditava que o Brasil seria capaz de cumprir o que assinasse ou o que falasse. Aliás, tinha gente que adorava fazer acordo, assinar, e não cumprir. E aí, as pessoas achavam bonito, mas ninguém levava



o Brasil a sério. Hoje as pessoas estão percebendo que o Brasil tem previsibilidade, que o Brasil tem projeto de longo prazo. O nosso projeto de desenvolvimento... Nós fizemos, agora, um projeto até 2014, que é para poder comprometer verba e não permitir que entre um presidente novo e comece a pensar... Ele já perde um ano, se não tiver as coisas prontas.

Então, eu queria dizer aos empresários espanhóis que é a segunda ou terceira vez que eu venho aqui pedir para que os senhores acreditem no Brasil e invistam no Brasil. Acho que está na hora dos empresários brasileiros começarem a pensar, também, em investir na Espanha, porque essa coisa de investimento, essa coisa de mercado sempre tem que ser uma via de duas mãos, sempre tem que ser uma via de duas mãos. Então, como o Brasil, agora, tem muitas empresas brasileiras virando multinacionais, o Brasil não tem mais vergonha de ter empresa grande, de fazer investimento, eu acho que é importante que os empresários brasileiros pensem em construir parcerias com empresas espanholas, para fazer investimentos aqui. Por que a nós interessa, quanto mais crescer a economia da Espanha, mais investimentos espanhóis nós vamos ter no Brasil. Quanto mais encolher a economia espanhola, menos investimento espanhol a gente vai ter no Brasil. Então, é uma espécie de ajuda mútua que nós temos que fazer. Nós temos relações excepcionais, somos dois países de muita tradição; até o meu time, em São Paulo, o Corinthians, foi fundado por espanhóis em 1910. Portanto, nós temos história em comum para podermos estabelecer essa relação de confiança entre Espanha e Brasil.

Nós temos um comércio pequeno – eu acho que é pequeno, pelo potencial dos dois países -, nós precisamos fazer muito mais e acho que temos condições de fazer. A gente faz um seminário como este aqui, mas temos que fazer um outro seminário no Brasil. E fazer com que o Brasil não espere 2025, 2020, ou seja, o Brasil pode se transformar na quinta economia nos próximos dez anos. Nós temos público para isso, temos mercado para isso e temos potencial para isso.



Para terminar, uma coisa importante... o Felipe também falou uma coisa que me chamou a atenção, que a gente não costuma falar: formação de capital humano. Pois, meu caro Felipe González, eu já sou, na história do Brasil, o presidente que mais fez universidades. Nós vamos terminar o meu mandato com 12 universidades novas entregues e duas – uma latino-americana e outra afrodescendente, afro-brasileira – que já foram aprovadas pelo Congresso. Nós, com o programa do ProUni, já colocamos 726 mil jovens da periferia na universidade, pobres da periferia que jamais conseguiriam entrar na universidade se não fosse um programa criado pelo governo. E um programa inteligente: nós fizemos isenção de impostos para as universidades privadas, e o equivalente ao imposto nós pegamos bolsas de estudo para os pobres da periferia. São 726 mil jovens, já, na universidade. Além disso, nós dobramos o número de vagas nas universidades federais. Saímos de 113 para 227 mil vagas nas universidades federais. Em oito anos, Felipe, nós fizemos uma vez e meia o que foi feito em cem anos, em nível de escola técnica.

Eu tenho a convicção de que o resultado disso aparece dentro de quatro ou cinco anos. O Brasil... todo mundo aqui sabe que o Brasil estava com... está com falta de engenheiros, porque durante muito tempo, durante muito tempo o Brasil ficou sem investimentos. Aliás, o último presidente que tentou fazer investimento, e endividou o Brasil, foi o governo Geisel, que terminou em 1979. De [19]79 até 2003 tinha poucas obras no Brasil. Então, os engenheiros que eram formados nas nossas universidades iam ser analistas econômicos. Formavam-se em Engenharia e iam fazer comentários da situação financeira, os chamados especialistas em finanças; eram todos engenheiros.

Então, nós estamos num processo de formação de novos engenheiros, porque não tínhamos. Aliás, no Brasil hoje está faltando pedreiro, está faltando eletricitista, está faltando gente para colocar azulejo. E as empresas têm dado uma contribuição extraordinária, porque muitas empresas estão formando os seus funcionários. Nós, agora, inauguramos um estaleiro em que a maioria dos



trabalhadores do estaleiro eram trabalhadores cortadores de cana-de-açúcar. Levamos um ano e meio formando eles para poderem trabalhar no estaleiro. A Petrobras tem 17 mil jovens aprendizes sendo preparados para trabalhar no setor de petróleo.

Este é um país que pode fazer um programa de cinco anos. Nós estamos, agora, trabalhando o Brasil para dizer a vocês, espanhóis, e ao mundo o que nós queremos do Brasil em 2022, quando nós completarmos 200 anos de Independência.

E vai ter eleições no Brasil, agora. Vai ter eleições no Brasil e eu tenho a convicção de que vou eleger a minha candidata. De qualquer forma, de qualquer forma, eu quero dizer para vocês que não existe mais aquele discurso dos anos 80, de que “se o Lula ganhasse as eleições o Brasil ia acabar, se o Lula ganhasse as eleições seria o fim do mundo, os empresários iriam embora para Miami, se o Lula...” Isso não existe mais. Hoje, embora tenha diferença de programa, tenha diferença de candidato, eu acho que será muito difícil, quem ganhar as eleições, mudar para que o Brasil volte a ser o que era antes. Não existe espaço, não existe espaço. O Brasil aprendeu a ser sério, e vocês, empresários espanhóis que estão investindo no Brasil, são testemunha.

Me dizia um companheiro, que eu não vou dizer quem é, que a primeira vez que foi ao Brasil, o gabinete dele aqui na Espanha fez um dossiê para ele ir conversar com a ministra Dilma, e no dossiê estava assim: “ex-guerrilheira”. Pois essa ex-guerrilheira pode ser a próxima presidente da República do país, porque o Brasil não aceita mais esse preconceito, esse debate. Todo mundo sabe que nós aqui... todo mundo que está aqui, nós temos relação com os outros candidatos. Uma das candidatas, a Marina, era do meu partido e foi minha ministra do Meio Ambiente até outro dia. O José Serra, embora seja do PSDB, é amigo de todo mundo aqui. E temos divergência política, essa divergência vai ser explicitada na campanha. E eu acho que nós temos condições de ganhar as eleições. Essa é uma coisa que eu acho muito



importante, que foi uma conquista da democracia brasileira. Nós nunca tivemos um processo eleitoral tão tranquilo como nós temos agora, sem nenhum jornal e nenhum empresário ter medo de quem vai ganhar. Ninguém se preocupa com quem vai ganhar na Alemanha, quem vai ganhar... ninguém se preocupa. Por que é que se preocupa, no Brasil? Eu acho que essa é a novidade no Brasil, companheiros, essa é a novidade no Brasil. Esses meninos sabem que não podem errar, sabem que não podem errar – nem Guido Mantega, na Fazenda; nem Paulo, no Planejamento –, sabem que não podem inventar números.

Então, eu queria dizer para vocês que nós temos um programa de investimento muito grande. Nós temos um programa que ultrapassa 1 trilhão nos próximos anos, entre empresa pública, empresa privada, entre hidrelétrica, plataforma, navio, sonda, ferrovia, rodovia, hidrovía, e nós, obviamente que gostaríamos de ter os espanhóis como parceiros. Não precisam investir sozinhos; façam parceria com os empresários brasileiros, porque eu acho que é a chance de quem quiser fazer bons investimentos e ganhar um bom dinheiro. O Brasil é o país da hora, é o país da vez, e nós sabemos que só vamos continuar incentivando os empresários a investirem lá se vocês continuarem ganhando dinheiro e falando bem do Brasil. Só espero que não falem tão bem na minha presença. Na minha ausência também vocês tratem de falar bem, porque senão o El País publica, eu fico sabendo, e aí nós vamos ter problemas depois.

De qualquer forma, eu sou agradecido. Agradecido porque os empresários espanhóis acreditaram no Brasil, investiram no Brasil, estão ganhando dinheiro no Brasil, é verdade, e ganhando bastante dinheiro no Brasil. Eu sou da tese que quando me perguntam “Por que um banco está ganhando muito dinheiro no governo Lula?”... Chegam a dizer para mim: “Ô Lula, nós estamos ganhando mais dinheiro agora do que no governo Fernando Henrique Cardoso. Você não acha que é uma contradição, um operário deixar



os banqueiros ganharem dinheiro?” Eu falo: eu quero que eles ganhem dinheiro, porque se não ganharem dinheiro eles quebram, eu vou ter que tirar um Proer outra vez e vou ter que colocar dinheiro do Estado para salvar os bancos. Então, eu quero que eles ganhem dinheiro, quero que eles emprestem dinheiro, quero que financiem a produção, que gerem emprego, que gerem renda, que gerem riqueza, porque é tudo isso o que um ex-dirigente sindical pode querer quando vira governante.

Eu estou convencido, Felipe, estou convencido... Eu que acompanhei a tua trajetória no governo da Espanha, eu que vi quantas vezes você foi crucificado, eu que estou vendo, agora, o Zapatero pagar por uma crise que ele nada tem a ver com ela. Essa crise é mais profunda, os responsáveis dessa crise fingem que não é com eles a crise, e países como Espanha e Portugal sofrem mais porque são menores, em uma Europa poderosa, rica, fragilizada na falta de controle do seu sistema financeiro. Eu acho que todos nós...e agora vamos para o G-20, em Toronto, com a disposição de definir qual é a validade, qual é o poder de decisão do G-20, porque não dá para a gente continuar nessa incerteza que estamos vivendo no mundo.

O Brasil está bem, a América Latina vive o seu melhor momento, a América do Sul vive o seu melhor momento. Nós nunca tivemos a quantidade de países vivendo uma democracia efervescente, como nós temos agora.

Ontem, a Presidenta da Argentina disse uma coisa importante, foi a primeira vez que um presidente da Argentina fez um discurso elogiando um presidente brasileiro. Isso parece pouco, mas para nós, brasileiros, que víamos a Argentina considerar a gente o inimigo, e nós considerarmos a Argentina o inimigo, saber que nós viramos parceiros e que nós dependemos um do outro para crescer, é uma coisa extraordinária.

A América Latina vive um bom momento, a América do Sul vive um melhor momento, e tudo que acontece lá, pode ficar certo, Felipe, que é excesso do exercício da democracia, e nós temos que entender isso como uma



coisa boa para a América do Sul, melhor do que no tempo em que a gente não tinha democracia na América do Sul.

Então, eu quero agradecer mais uma vez agradecer ao El País, agradecer ao Valor, agradecer aos empresários, e dizer para vocês que o Brasil não tem retorno, o Brasil se transformará numa grande potência econômica, e queremos também nos transformar num grande agente político, porque o negócio do Irã, o negócio do Irã foi... Você sabe bem que nós fizemos exatamente o que os Estados Unidos queriam fazer cinco, seis meses atrás. Qual era o grande problema do Irã? Era que ninguém conseguia fazer o Irã se sentar à mesa para negociar, e o Irã conseguiu fazer. Por quê? Porque você, que é um político, sabe que essas decisões, às vezes, são tomadas em função de uma relação de confiança. Então, o Irã aceitou sentar à mesa para negociar. O Brasil e a Turquia não tinham poder para negociar acordo nuclear, nem nós queríamos. A única coisa que nós queríamos era convencer o Irã de que ele deveria assumir compromisso com a Agência, deveria negociar e deveria depositar o seu urânio na Turquia. Tudo isso foi concordado. Agora depende do Conselho de Segurança da ONU se sentar com disposição de negociar, porque se sentar sem querer negociar, vai voltar tudo à estaca zero.

Da mesma forma, eu acho que os conflitos do Oriente Médio, enquanto tiver apenas um país querendo resolver aquilo, sem envolver todos os problemas, colocar em uma mesa todo mundo, nós não vamos ter tranquilidade no Oriente Médio. Então, é preciso mais atores, é preciso mais negociadores e é preciso mais disposição política. Eu acho que o mundo caminha para isso. Uma nova governança global, a ONU bem fortalecida, é o que vai dar resultado nesses próximos dez, 15 ou 20 anos. Se a ONU continuar assim, nós vamos ter problemas sérios de governança global no mundo.

Então, muito obrigado. Eu queria dizer que saio da Espanha daqui a pouco, para Portugal, com a consciência tranquila de que os espanhóis têm sido parceiros extraordinários em tudo que tem acontecido de bom no nosso



país. Eu espero que a recíproca seja verdadeira e que os empresários brasileiros possam merecer, do governo espanhol, o mesmo elogio que eu posso fazer aos empresários espanhóis quando os brasileiros estiverem investindo aqui.

Bom almoço.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de entrega do Prêmio Camões**

Lisboa-Portugal, 19 de maio de 2010

Senhor Cavaco Silva, presidente da República portuguesa, e sua
senhora, Maria Cavaco Silva,

Excelentíssimo senhor José Sócrates, primeiro-ministro de Portugal,

Senhor Arménio Vieira, agraciado pelo Prêmio Camões de 2009,

Senhora Gabriela Canavillas, ministra da Cultura de Portugal, na pessoa
da qual saúdo os demais ministros portugueses,

Meu caro Juca Ferreira, ministro da Cultura do Brasil, na pessoa do qual
saúdo os demais ministros brasileiros que me acompanham,

Senhora Helena Buescu, representante do Conselho do Júri do Prêmio
Camões,

Senhoras e senhores,

É um grande prazer participar, pela terceira vez, da entrega do Prêmio
Camões. Criada em 1988, esta premiação já é uma referência internacional.
Reconheceu escritores de Angola, Moçambique, Portugal e Brasil, países que
espelham toda a rica diversidade de nossa cultura comum.

Mas o Prêmio não é um marco apenas para o mundo da língua
portuguesa. Muitos desses agraciados são renomados escritores além de suas
fronteiras, numa demonstração definitiva do universalismo da civilização
lusófona. Ela expressa sentimentos e comunica valores que tocam a nossa
humanidade comum.

Premiar este ano, pela primeira vez, um escritor de Cabo Verde é fazer
justiça a uma tradição literária que exprime essa abertura ao mundo. Como
arquipélago, Cabo Verde e seu povo sempre tiveram o mar e o além-mar como



vocação natural.

Arménio Vieira, nascido na cidade da Praia, é poeta, escritor e jornalista. É tão versátil quanto a palavra, que é seu instrumento de trabalho. É autor de uma obra inovadora que muito diz sobre as lutas e os sonhos de nossos povos. Arménio Vieira é um artesão da liberdade. Cantou os valores comuns que uniram nossos povos ao longo da história na luta anticolonial, a busca da paz, da justiça e do desenvolvimento, mas também enalteceu a liberdade do homem. A saudável rebeldia e o inconformismo de Arménio Vieira andam de mãos dadas com uma profunda sensibilidade pela dor e injustiça do outro, como em João Cabral de Melo Neto, a quem tanto admira. Nem por isso a poesia e a prosa de Arménio Vieira são marcadas pela lamentação. Elas se nutrem, sobretudo, de um forte sentimento de esperança.

Como você, Arménio, sonhamos e trabalhamos para que os quatros continentes em que viceja a língua portuguesa estejam, um dia, à medida dos nossos sonhos de liberdade.

Meus parabéns, Arménio Vieira, e muito obrigado por sua inestimável contribuição à nossa língua e à nossa cultura.

Muito obrigado.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a
13ª Marcha a Brasília em Defesa dos Municípios**

Brasília-DF, 20 de maio de 2010

Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República,
Meu caro deputado Marco Maia, presidente em exercício da Câmara dos
Deputados,

Minha querida companheira Erenice Guerra, ministra-chefe da Casa
Civil,

Ministros Alexandre Padilha, da Secretaria de Relações Institucionais;
Luiz Paulo Barreto, da Justiça; Wagner Rossi, da Agricultura, Pecuária e
Abastecimento; Fernando Haddad, da Educação; Carlos Gabas, da
Previdência Social; Márcia Lopes, do Desenvolvimento Social e Combate à
Fome; Márcia Bassit, interina da Saúde; Márcio Zimmermann, de Minas e
Energia; Paulo Bernardo, do Planejamento, Orçamento e Gestão; Sergio
Rezende, de Ciência e Tecnologia; Izabella Teixeira de Melo [Izabella Teixeira],
do Meio Ambiente; Luiz Barretto, do Turismo; João Santana, da Integração
Nacional; Marcio Fortes, das Cidades; Jorge Félix, do Gabinete Institucional de
Segurança [de Segurança Institucional]; Ottoni Fernandes, interino da
Comunicação Social; João Carlos Nogueira, interino de Políticas de Promoção
da Igualdade Racial,

Deputados Elismar Prado, Manoel Júnior, Milton Monti e Sandra
Rosado,

Meu querido João Coser, prefeito da cidade de Vitória e coordenador
dos prefeitos das capitais,

Companheiro Paulo Ziulkoski, presidente da Confederação Nacional de
Municípios,

Minha querida Maria Fernanda Coelho, presidente da Caixa Econômica



Federal,

Companheiro Paulo Okamoto, presidente do Sebrae,
Senhor Sérgio Nazaré, vice-presidente do Banco do Brasil,
Meus companheiros da imprensa,
Companheiros prefeitos,
Secretários,
Vereadores,
Secretárias,
Adjacências aqui presentes,

Primeiro, Paulo Okamoto, lembrar você de uma coisa: ontem eu fiz uma reunião - nossa querida governadora Wilma Faria - ontem, companheiro Paulo, nós fizemos uma reunião com o primeiro-ministro Sócrates e ele me disse uma coisa extraordinária, que eu gostaria que o Sebrae – já pedi para o Miguel Jorge ir atrás... é que eles criaram um sistema de legalizar fábrica em meia hora. O mesmo tempo que um aposentado, hoje, consegue uma aposentadoria na Previdência Social em meia hora, lá em Portugal eles conseguem legalizar uma empresa exatamente em 37 minutos. Eu perguntei quanto tempo demora para fechar, demora um pouco mais. É o caso do Brasil.

Mas eu acho que era importante dar uma estudada como funciona lá, porque eles têm um balcão de venda de empresa. Eles preparam os projetos, eles vendem...Então, é importante ver isso, porque tem uma queixa aqui, que nós... Eu, na verdade, uma coisa que eu deixei de fazer e não quis fazer este ano, por causa da questão eleitoral, era criar o Ministério da Micro e Pequena Empresa, no Brasil. Não é compatível que o Ministério da Indústria e Comércio seja o representante da micro e pequena empresa. Mas, aí, os meus companheiros da imprensa iriam dizer que era questão eleitoral, e eu resolvi deixar para que quem vier depois de mim faça ou não faça.



Queria dizer para vocês que houve uma coisa importante que nós temos que valorizar: quando eu tomei posse, em 2003, eu dizia que uma das coisas que precisaria mudar, e seria um legado importante que eu queria deixar para o país, era a mudança na relação entre Estado e sociedade, entre o governo e sociedade, entre o governo e os entes federados. Por que a diferença fundamental é que, antes do meu governo, vocês faziam marcha de protesto, e nós criamos o hábito de fazer marcha de construção, marcha de reivindicação, marcha em que...

O governo federal pode não querer atender uma reivindicação por “N” razões, mas o governo federal não pode ver um prefeito ou uma instituição que representa os prefeitos que reivindica uma coisa, como se fosse um adversário, um inimigo, um cara que a gente não pode receber. Não é assim que a gente faz política. Política é, sobretudo, diálogo, conversa, ouvir os pensamentos contrários à gente.

Vamos ver o que aconteceu, agora, no Irã. Há quantos anos vocês ouvem essa briga entre Estados Unidos e Irã, Conselho da ONU e Irã? O que eles queriam? Queriam apenas colocar o Irã na mesa para sentar, para negociar, que o Irã assumisse compromisso com a Agência de armas nucleares. O que aconteceu? Nós fomos ao Irã e conseguimos, depois de dezoito horas de reunião, depois de duas viagens do Celso Amorim ao Irã, nós conseguimos que o Irã fizesse aquilo que o Conselho de Segurança queria que fosse feito há seis meses... E foi feito. É muito engraçado, é muito engraçado que algumas pessoas não gostaram que o Irã aceitasse uma proposta que, anteriormente, era dos que não gostam agora. Porque tem gente que não sabe fazer política se não tiver um inimigo, e eu sou daqueles que só sabem fazer política construindo amigos.

Bem, eu fico triste porque no Brasil nós temos um complexo de inferioridade na cabeça de muita gente. É triste isso. País colonizado, que conseguiu a sua independência em 1822, já era para ter perdido o complexo de



inferioridade, já era para ter perdido. Nós temos uma parte da nossa elite política, a parte da elite que escreve colunas neste país, que fica dizendo: “Mas o que o Brasil tinha que se meter? Aquilo não é coisa do Brasil”. Mas quem é que disse que era coisa dos Estados Unidos também? Onde é que foi aprovado? Ora, na verdade, nós demos uma contribuição ao multilateralismo, que deveria ser levada em conta, e esse é o jeito do Brasil fazer as coisas, por causa da nossa origem. A miscigenação do povo brasileiro é que permite que a gente tenha a versatilidade que eles não têm.

Eu aprendi a educar cinco filhos sem nunca dar um tapa na bunda deles, porque se bater resolvesse, a gente não tinha tanto bandido neste mundo, a gente não tinha. O que resolve é um processo de conversa, de educação. É isso que nós fizemos, discutindo com muita seriedade, junto com a Turquia, José Alencar. Não foi uma tarefa fácil. Aquela francesa, há quatro meses e meio a gente estava discutindo com o Irã para libertá-la. Ninguém soube. Só eu e o Celso sabíamos, até o dia em que ela foi libertada, porque você não precisa fazer política pela imprensa. Para a imprensa, você anuncia o resultado.

Houve um avanço extraordinário e vamos esperar agora o que vai acontecer. A verdade nua e crua é a seguinte: o Irã, que era vendido para todo mundo, como se fosse o demônio, e que não queria sentar. O Irã resolveu sentar à mesa de negociação. Eu quero ver se os outros vão cumprir aquilo que queriam que o Irã fizesse.

Eu aprendi também, Paulo e Zé Alencar, que quem quer fazer política não coloca a política como uma questão de honra. Quem quiser tratar a política como uma questão de honra é melhor não ir para a política. Política é, sobretudo, uma questão de compreender os momentos em que você deve ou não tomar decisão; em que você deve avançar ou você deve recuar; que você deve ganhar ou deve perder; é assim que as pessoas deveriam aprender a fazer política. Eu acho que o Brasil não tem que pedir licença a ninguém para



conversar com quem quer que seja, porque nós temos maioria e temos competência para isso.

A segunda coisa que eu aprendi nesses oito anos, convivendo com vocês, é que podem estar certos do que eu estou falando. Não será mais possível na história deste país um governante ser eleito presidente da República, em qualquer época, e achar que ele pode prescindir do trabalho conjunto com as cidades e com os prefeitos. Não será possível, porque a verdade é que ele pode até querer, mas o carro não anda e, portanto, a coisa não vai funcionar. Um tempo desses eu tive uma conversa com o meu companheiro Fernando Haddad, há uns oito meses. Nós temos um problema, sempre que a gente discute o analfabetismo no Brasil, nós temos um problema. Nós conseguimos universalizar a entrada das crianças nas escolas, mas tem um estoque de pessoas acima de 20, de 30 e de 40 anos que estão analfabetas. É muito difícil você chegar a essas pessoas, e nós nunca chegaremos via governo federal.

No Brasil, eu lembro que na década de 80 tinha muitos educadores que disputavam, disputavam nos encontros quem era que alfabetizava em menos horas – 30 horas, 40 horas, 28 horas, 18 horas –, o método Paulo Freire, o método Lula, método Fernando Haddad, método João Carlos Coser, método Paulo Ziulkoski, ou seja, tinha método para tudo quanto é jeito. O dado concreto é que a gente continua com um percentual alto de pessoas acima de 30 anos analfabetas. Tem diminuído. Eu disse ao Fernando Haddad: Fernando, eu acho que a gente não conseguirá alfabetizar essa gente, se a gente não passar recurso e responsabilidade para os prefeitos, porque no fundo, no fundo é o prefeito que sabe onde está. Vamos pegar uma cidade. Para pegar uma cidade grande, mas que é... Santarém. Pegar uma cidade que tem um território de 27 mil quilômetros quadrados. Imaginem uma cidade com 27 mil quilômetros quadrados, é maior do que muito país europeu! Então veja, tem uma diferença muito grande entre aqueles que moram no perímetro urbano e



aqueles que você tem que adentrar e entrar horas de carro, para saber que ele está lá no meio do mato. Quem vai buscá-lo? Não é o governo federal, é exatamente o prefeito. Então, nós precisamos construir uma discussão para que a gente possa atender essas pessoas.

Eu descobri, também, no Brasil Sorridente. Quando eu fui inaugurar o primeiro Brasil Sorridente, eu fui à cidade de Sobral, lá no Ceará, e inauguramos um ambulatório extraordinário para cuidar das pessoas pobres de Sobral. Depois, eu fui inaugurar um segundo na cidade de Londrina, que é uma cidade rica, uma cidade bonita, mas também tem gente pobre e também tem direito de ter o Brasil Sorridente. Eu fique pensando: o pessoal que mora no interior dessa cidade tem condições de pegar um ônibus e ir até o dentista? Não tem. Às vezes ele nem sabe que tem um dentista de graça para ele, para fazer tratamento de canal, fazer ortodontia, fazer prótese de graça, nem sabe.

Eu peguei um cidadão de Pernambuco, lá do Porto de Suape, não sei se aqui tem prefeito de Pernambuco, tem? Uma ocupação de terra no Porto de Suape chamada de Fazenda dos Trabalhadores. Eu recebi uma delegação deles aqui, e tinha um baixinho que só tinha um caquinho de dente na boca. E eu falei: como é que você come, companheiro? Ele falou: “Ah, só caldinho, ou engulo o feijão inteiro, não tem como mastigar. Fico só com esse dentinho, tentando acertar: poc, poc, poc, para quebrar...” Parece que está prospectando petróleo. Aí, eu peguei o Governador e falei: Governador, leva o companheiro ao Brasil Sorridente e vamos tratar. Menino, eu fui agora ao Porto de Suape, ele está...! Falou para mim: “Presidente, estou comendo até castanha”. Eu falei: muito bem, parabéns. Ele falou: “Presidente, mas eu preciso de um outro favor seu”. Eu falei: o que é? “Agora, eu quero um carrinho, mesmo que velho. Um carrinho, um carrinho para eu andar por aí”. Eu falei: olha, o dentinho, deu para colocar; o carrinho, você peça para outro.

Eu fui para a Alemanha, fui para a Alemanha. O MDA me deu uma fotografia, uma revista bem feita, bonita, colorida, a coisa mais extraordinária,



orgulho nacional. Aí eu estou lá folheando, para mostrar para um presidente de um país europeu, estou lá folheando, quando eu vejo uma mulher e um homem no meio de uma plantação, não sei se de milho, não sei de outra coisa, uma mulher que devia ser descendente de italiano ou de alemão, devia ser no Rio Grande do Sul a foto, e um negro com um dente só na boca, rindo maravilhosamente. Eu fiquei tão nervoso! Eu falei para o meu companheiro Guilherme: Guilherme, não dava para colocar um dente nesse companheiro, antes de tirar essa foto? Esses dias me trouxeram a foto do companheiro, com uma dentadura nova, está uma maravilha!

Bem, aí eu descobri que era preciso que a gente tivesse duas políticas: uma é você manter os centros odontológicos nas cidades para cuidar do povo pobre da periferia. Mas é tão bom o Brasil Sorridente, que a classe média está usando, e é bom usar! Mas então, estamos contratando... Comprando 160 ambulâncias, para que a gente possa colocar ambulâncias nas cidades que pertencem aos Territórios da Cidadania - que são as cidades com menos IDH - para que essas ambulâncias, equipadas com tudo o que for necessário que tem em um laboratório para cuidar de odontologia, [sejam usadas] para andar na periferia pegando as pessoas, limpando os dentes da pessoa, tirando moldes, colocando prótese, obturando dentes. Por que o pobre do Brasil não tem o direito de ser tratado com dignidade?

Então, nós vamos agora... Eu penso que até o final do ano estarão prontas as ambulâncias que nós estamos entregando. E isso só é possível fazer se a gente tiver uma extraordinária relação com os prefeitos. Se a gente não tiver relação com os prefeitos, você define a política aqui em cima, ela não passa sequer pelos estados.

Não pensem que foi fácil a gente transferir dinheiro diretamente para as prefeituras. Na época era o Trevas, ele sabe o quanto foi difícil. Não pensem... Por que a Emenda 29 não passa? Não é porque o Presidente da República não quer. Quando eu sair daqui, perguntem ao Presidente da Câmara por que



não querem, por que não passa? É uma vergonha, é uma vergonha! Tem gente que faz um campo de futebol e fala que é dinheiro da Saúde. É, e isso está muito claro, já, todo mundo sabe. Já faz dois anos que a gente mandou para ser votada – três anos, na verdade – e não votam.

Então, eu penso, eu penso que... eu não sei se vocês vão mudar de hábito, mas eu acho que a Marcha, ela tem que vir aqui no governo federal reivindicar o que é do governo federal; depois ela tem que sair daqui e ir ao Congresso Nacional reivindicar o que é do Congresso Nacional; depois ela tem que voltar para o estado e reivindicar o que é do governador. São três movimentos que vocês precisam fazer. Eu estou muito à vontade para dizer isso para vocês porque eu tenho consciência de que quando eu deixar a Presidência, eu vou continuar vendo mais prefeitos do que governadores e presidente, porque os prefeitos estão mais próximos de mim. Onde eu pegar um carro e andar, eu vou encontrar um prefeito. Um presidente, só quando ele me chamar, ou um governador, só quando ele me chamar. Estão mais distantes.

Então, eu penso que essa foi a grande conquista que nós tivemos neste país, companheiros. Foi essa interação entre os entes federados, que ainda está truncada, porque eu acho que falta aprimorar a relação com o Congresso... Eu acho que, por exemplo, numa viagem a Brasília, a Frente e a (incompreensível) deveriam pedir uma reunião com o Colégio de Líderes do Congresso, o Colégio de Líderes, e falar o seguinte: olha, nós já entregamos a nossa pauta para o governo federal, agora queremos entregar a nossa pauta para a Câmara dos Deputados, para o Senado, e depois nós vamos entregar para o governador. Se for o caso, ir até Roma e entregar para o Papa. A verdade é essa, companheiros, a verdade é essa. Eu aprendi isso na minha vida, e por isso eu cheguei a presidente. Eu tenho consciência que quanto mais conquistas vocês tiverem, mais vocês vão querer conquistar. É assim a vida, é assim. Quando eu era dirigente sindical e eu fazia greve, o cara me dava 10,



na outra eu queria 11; ele me dava 11, na outra eu queria 15.

Então, eu tenho consciência, companheiros, do que nós construímos neste país na relação entre os entes federados brasileiros. Saio depois de oito anos com a consciência de dever cumprido, mas, ao mesmo tempo, saio com a consciência de que poderia ter feito muito mais. Esse negócio de governar é que nem amor que a gente tem com a família da gente: muitas vezes a gente é rude com o pai da gente, muitas vezes a gente não dá a atenção necessária, muitas vezes a gente casa e não passa o final de semana mais com o pai, não passa mais com a mãe, a gente constrói a vida, e a gente só vai perceber a importância que eles têm quando eles não existem mais.

Então, nós construímos um legado que eu tenho certeza absoluta que ninguém vai poder desmontar. Ninguém vai poder desmontar porque eles têm um paradigma agora. Qual é o paradigma? Foram os oito anos do meu governo. Ora, se um metalúrgico, quase analfabeto, que não era para ganhar as eleições e ganhou, consegue fazer isso com a gente, por que alguém que tem diploma universitário não pode fazer mais? Por que vocês não podem cobrir mais?

Então, eu acho que tem um campo aberto extraordinário para vocês conquistarem mais coisas, e eu estou convencido de que é a forma mais justa de a gente fazer política, é a forma mais justa: é a gente transferindo responsabilidade mas, junto com a responsabilidade, transferindo dinheiro para as pessoas poderem cumprir com aquela responsabilidade.

E aí entra, para terminar, a questão do crack. O crack é uma coisa ainda nebulosa. Nós já sabemos os efeitos que ele causa, já sabemos a dureza para quem utiliza o crack, da família, mas cientificamente tem poucos estudos ainda sobre a questão do crack. O que a gente sabe é que o crack não é uma droga de rico, é uma droga mais para pobre, e a gente sabe que ela está sendo utilizada não nos grandes centros urbanos, está sendo utilizada nas pequenas cidades, inclusive com criança em escola. O que é grave é que o crack mata e



o efeito do crack, segundo eu fui informado, me parece que é entre cinco e 15 minutos de duração o efeito do crack. Então, a pessoa que acende o crack vai estar sempre querendo acender outro cachimbinho daquele porque o efeito é violento e muito curto.

Bem, veja que coisa... se eu estiver contando uma mentira aqui, o Ministério da Justiça me corrija, ou especialista: o aparecimento do crack, ele se deve pelo combate à cocaína. Na medida em que você começou a diminuir a venda de acetona, de éter para fazer o processo de transformação na cocaína, o pessoal começou a vender a pasta bruta, e essa pasta bruta é exatamente o crack. É barato e qualquer um pode utilizar, e ela está tendo um efeito devastador.

Eu pedi ao ministro Felix que reunisse todo o pessoal que cuida dessa questão de droga no país, e nós vamos tentar encontrar um jeito de jogar muito duro para combater o crack. Nós queremos utilizar a parceria com os prefeitos. Para isso, nós vamos querer que os prefeitos, os governadores, os sindicatos, as igrejas, que todos participem, porque nós queremos enfrentar isso, eu diria, de modo decisivo, especialmente... a questão de todas as drogas, mas a questão do crack, que eu acho que nós só vamos combater se nós tivermos medidas com muita eficácia para a gente adotar. Aí precisa prefeitos, governadores, igreja católica, igreja evangélica...

O consumo do crack já não está restrito às populações mais fragilizadas, como os moradores de rua. Os traficantes procuram envolver, como apoio para as suas atividades ilegais e como consumidores, crianças e adolescentes, que assim podem entrar em um caminho sem volta, dado o poder letal do uso da droga, justamente em um momento de tantas e boas perspectivas para a juventude brasileira. Nós não vamos deixar uma geração de jovens brasileiros perder um futuro cada vez mais promissor. O que nós temos que agir é agora. O Plano Integrado, do governo federal, de Enfrentamento ao Crack e outras Drogas, que será detalhado hoje à tarde pelos ministros das áreas diretamente



envolvidas... Vai ter um debate aqui hoje para os prefeitos. Era importante que os prefeitos participassem porque é primordial a participação dos prefeitos, e nós não estamos querendo que os prefeitos assumam mais uma tarefa. O que nós queremos é que os prefeitos participem de mais uma política onde nós, do governo federal, em função do projeto apresentado pelo prefeito, vamos financiar a política adotada na cidade para combater o uso do crack.

Nós vamos investir, este ano, entre... A gente está decidindo agora, quando... Vamos colocar R\$ 410 milhões este ano para que a gente possa (incompreensível). Nós vamos treinar... O Plano vai envolver treinamento de profissionais na rede pública de saúde e assistência social para atender os usuários e a família, permitirá a prevenção, o tratamento de usuários e a reinserção social e ocupacional. Além disso, o Plano contempla ações de caráter estruturante com estudo aprofundado, em conjunto com universidades e centros de pesquisa, dos efeitos do uso da droga sobre os usuários e os seus danos econômicos.

Nós precisamos acabar com o “achismo” e entender com precisão o problema do crack. O Plano de Enfrentamento do uso do Crack prevê a coordenação e integração das ações em áreas como saúde, educação e assistência social. Também prevê a coordenação das ações na área de segurança pública, com planejamento e ações conjuntas para combate ao tráfico envolvendo a Defesa, a Justiça e a Receita Federal. Temos que, em conjunto com as autoridades de segurança dos estados, manter, mapear com precisão a rota dos tráficos e reprimi-la de maneira decidida. O Plano anticrack também prevê ações de mobilização da sociedade civil organizada e este será o fator decisivo do sucesso.

O Brasil tem dado prova de que as ações mobilizadoras dão resultado. Foi assim com o Programa Nacional Antiaids, lançado no começo dos anos 90 e aprimorado por sucessivos governos e pela sociedade. Da mesma forma, o sucesso do combate ao tráfico e à violência no Rio de Janeiro, com ações



sociais e de infraestrutura nas regiões carentes e a implantação de Unidades de Polícia Pacificadora e os Territórios da Cidadania, do Pronasci. Comprovo com o esforço republicano planejado e bem articulado e a mobilização da sociedade.

Bem, companheiros, eu não sei se vocês... Acho, Paulo, que você e o João Carlos Coser, depois, independentemente da exposição dos ministros aqui, Felix, seria importante, depois, fazer uma reunião com as entidades para que a gente pudesse decidir o engajamento, que eu acho que se os prefeitos não tiverem o compromisso de tomar conta da sua cidade... eu sei que isso custa dinheiro, e nós temos que colocar o dinheiro. Eu não quero ser daqueles que querem passar apenas mais responsabilidade. É uma tarefa e o dinheiro para cumprir aquela tarefa, é outra tarefa e o dinheiro para cumprir aquela tarefa, para que as coisas possam funcionar.

E o exemplo mais vivo que nós temos é o programa de combate ao desmatamento. Nós passamos a vida inteira brigando – governo federal, governos estaduais e prefeitos da Amazônia – porque desmatavam lá no Mato Grosso do Sul. Nós criamos um programa, envolvemos o prefeito, envolvemos o governador, já há dois anos consecutivos nós temos o maior desmatamento que já foi medido na história deste país, numa demonstração... ou melhor, o menor desmatamento que nós já tivemos no Brasil, numa demonstração de que se a gente construir parceria, vocês compreenderem a seriedade do governo federal, o governo federal compreender a seriedade dos projetos de vocês, nós poderemos estar dando o exemplo ao mundo de que este país vai combater o crack com a perfeição que nenhum outro país até agora conseguiu fazer.

No mais, meus companheiros, eu quero, eu quero... no mais... Deixa eu dizer uma coisa para vocês: eu fico até constrangido de discutir o pré-sal, porque essas coisas a gente não poderia discutir num ano eleitoral. Essa coisa, na verdade, nós mandamos um projeto para o Congresso Nacional, nós



mandamos uma coisa bem partilhada – dois projetos – [para] cuidar das cidades que não têm o petróleo, dos estados que não têm o petróleo, cuidar dos que têm, e mandamos uma coisa muito madura, muito (incompreensível), depois de horas de discussão.

Lamentavelmente, lamentavelmente, muitas vezes a gente manda para o Congresso Nacional um projeto e lá, na discussão da sobrevivência do mandato de cada deputado, eles fazem coisas que nem sempre contribuem, não é isso, Milton? Nem sempre contribuem.

Então, eu, no fundo, no fundo, gostaria que a gente pudesse ter um tempo para que a gente pudesse sentar com as entidades, sentar com a Petrobras, sentar até com os governadores e discutir, porque é uma coisa de interesse de todos. O que nós não queremos é que o dinheiro entre no ralo comum, como entrou com o *royalty* logo no começo, e que você não cria uma coisa... um carimbo para dizer o seguinte: você vai cuidar da educação? É da educação. Vai ser dez anos? Vai ser dez anos. Mas, enquanto a gente não tiver uma educação de qualidade neste país, o dinheiro vai ser para a educação, não vai ser para outra coisa. Se a gente não define isso, o dinheiro vai entrando e a gente vai gastando. Então, nós pensamos nisso, nos preocupamos, fizemos a proposta, lamentavelmente... Vamos ver o que vai acontecer. Eu gostaria que prevalecesse a nossa proposta de deixar para um outro momento, fora do debate eleitoral.

Vocês viram, agora, a votação da Previdência, do fator previdenciário. Tem gente que acha que ganha voto fazendo isso, tem gente que acha que ganha voto. Quando, na verdade, se o povo compreender o que significa isso, essas pessoas podem até não ganhar o tanto de votos que pensam que vão ganhar.

Como presidente da República, e vocês como prefeitos, a gente tem que agir com a maior responsabilidade porque se a gente quebrar a prefeitura, o estado ou quebrar o governo, a gente não recupera no curto prazo, não.



Então, eu só queria que vocês tivessem a certeza do seguinte: eu... não pensem que eu vou sair do debate do pré-sal porque vou sair da Presidência, não pensem. Eu... eu vou, vou continuar tendo muita disposição de continuar debatendo porque eu vejo no pré-sal a possibilidade de a gente consertar este país neste século XXI. A gente não pode é permitir que o dinheiro seja tratado por interesse pessoal. Então, eu só quero que vocês tenham certeza do seguinte: nós fazer o melhor, eu tenho certeza de que vamos fazer o melhor, porque este país não pode perder a seriedade que conquistou. Eu acho que tudo o que nós conquistamos até agora é uma coisa extraordinária, que é uma conquista do povo brasileiro, e a gente não pode jogar fora esse patrimônio que nós construímos.

Aqui, antigamente, todo prefeito vinha para cá, a gente vinha até com uma certa desconfiança uns dos outros. Hoje nós sabemos o seguinte: cada um tem sua responsabilidade, cada um tem seu partido, cada um tem seu candidato, mas, sobretudo, as nossas responsabilidades são comuns porque o objetivo principal é tratar do povo com respeito e dignidade.

Um abraço, e até a próxima Marcha. Quero, de coração, agradecer a todos os prefeitos pelo tratamento que me dispensaram nesses sete anos. Que Deus abençoe vocês. Vocês têm três anos de mandato ainda, espero que vocês cumpram tudo o que vocês assumiram, de compromisso. Se não puderem, paciência.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de abertura da 4ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia
e Inovação**

Brasília-DF, 26 de maio de 2010

Meu caro companheiro Sergio Rezende, ministro da Ciência e
Tecnologia,

Meu caro companheiro almirante Júlio Soares de Moura Neto, ministro
interino da Defesa e comandante da Marinha brasileira,

Meu caro companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

Meu caro companheiro Márcio Zimmermann, ministro de Minas e
Energia,

Meu caro José Artur Filardi, das Comunicações,

Companheiro Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da
República,

Jorge Félix, do Gabinete de Segurança Institucional,

Altemir Gregolin, da Pesca e Agricultura,

E companheiro Paulinho Vannuchi, ministro-chefe da Secretaria de
Direitos Humanos,

Companheiros e companheiras senadores,

Senadora Ideli Salvati e senador Renato Casagrande,

Deputados federais,

Deputada Angela Amin, deputado Ariosto Holanda, deputado Beto
Albuquerque, deputado Carlos Abicalil, deputada Cida Diogo, deputado Eunício
Oliveira, deputado Gilmar Machado, deputado José Carlos Vieira, deputadas
Luiza Erundina e Tonha Magalhães,

Meu caro Jacob Palis Junior, presidente da Academia Brasileira de
Ciência e Tecnologia, de Ciências.



Marco Antonio Raupp, presidente da SBPC,
Luiz Davidovich, secretário-geral da 4ª Conferência Nacional de Ciência,
Tecnologia e Inovação,
Luciano Coutinho, presidente do BNDES,
Paulo Okamoto, presidente do Sebrae,
Nossos queridos amigos, alunos Luana Carla e Lopes, e meu querido
Lenilton Ribeiro dos Santos,
Pesquisadores agraciados, homens e mulheres da Ciência, jornalistas e
o nosso tradutor aqui,
Boa noite,

Eu, como sempre, estou com um discurso muito longo aqui. Mas eu, primeiro, queria dizer para vocês uma coisa que mostra a ciência de governar, como é difícil. Vocês viram que eu assinei ali um projeto de lei agora, para mandar para o Congresso Nacional, que cria o Centro do Semiárido Nordeste, que cria o Instituto do Pantanal e o Instituto da Mata Atlântica. Na verdade, ontem... Ontem, não, há dois dias, sexta-feira eu recebi o Sergio Rezende, como sempre muito jeitoso, para dizer que precisava de um pouquinho de dinheiro para a ciência e tecnologia, que os cientistas estavam zangados, e para dizer: "Presidente, veja que coisa: eu mandei há dois anos, há oito meses, a criação do Instituto, Presidente, que o senhor foi comigo lá em Campina Grande, na Paraíba, lançar, Presidente. Está parado, Presidente. Não chegou ainda na Casa Civil". Onde está, Sergio? "Ah, está lá no Ministério do Planejamento." Eu liguei, o companheiro Paulo Bernardo não estava e eu falei com o companheiro João Bernardo. Eu falei: companheiro João, deixa eu te dizer uma coisa: o Sergio Rezende está aqui se queixando que tem um projeto aí que não está pronto, e tal, faz oito meses que ele está esperando. Então, meu filho, deixa eu te dizer uma coisa: eu tenho a Conferência na quarta-feira. Então, o que você não fez em oito meses você vai fazer, para que eu possa



assinar o projeto aqui, na terça-feira [quarta-feira]. Ele falou: “Está quase pronto, Presidente”. Porque tem uma coisa, tem uma coisa que eu tenho dito aos ministros: às vezes, um ministro fica brigando com o outro para fazer uma coisa qualquer e os dois vão, em divergência, para a Casa Civil. Chega lá, aquele que não quer fazer o acordo, se ele puder demorar, ele vai demorar um mandato inteiro sem deixar passar, porque é de interesse dele não querer que aconteça tal coisa. Eu não vou nem dizer para vocês quanto tempo eu esperei [para] que o Ministério da Educação e o Ministério da Saúde se colocassem de acordo com relação aos hospitais universitários. Então, chega uma hora – eu digo para eles sempre – chega uma hora em que eles têm que levar para o árbitro definir para que lado a coisa vai pender, porque se depender... Nós fazemos, no mínimo, três reuniões de conciliação. É verdade. Um ministro tem uma divergência com outro, vai à Casa Civil, faz a primeira reunião, se não dá certo faz a segunda reunião, e o ministro que não quer fazer fala assim: “Para que levar isso para o Presidente, gente? É uma coisa tão pequena! Para que incomodar o Presidente, que está pensando coisas tão grandes?”. E essa coisa pequena não é levada para mim, até que, de vez em quando, eu encontro um ministro no corredor: “Puxa vida, Presidente, está difícil, Presidente”. Aí nós conseguimos resolver.

Eu contei esse caso para vocês porque o que nós vimos aqui, apresentado pelo companheiro Sergio Rezende, eu tenho a convicção de que nenhum de vocês tinha consciência da metade das coisas que aconteceram nesses últimos anos; como eu tenho consciência de que os ministros de outras áreas não sabiam o que tinha acontecido na Ciência e Tecnologia, e tenho consciência de que os ministros, Sergio Rezende, não conhecem 20% do que acontece nos outros Ministérios, apesar de nós conversarmos muito, apesar de todo mundo colocar em seu site, apesar de todo mundo estar na internet. A verdade é que nós ficamos prisioneiros do mundo em que vivemos, daquilo que tratamos e não nos preocupamos em nos dar conta do conjunto da obra que



um grupo de homens e mulheres conseguiu fazer neste país.

Eu queria dizer para vocês que em vez de discurso, em vez de ler o que está aqui, eu vou entregar para o Sergio; se interessar, ele publica em alguma revista do Ministério da Ciência e Tecnologia.

É que nós devemos muito a vocês. Eu, na verdade, se fosse um presidente de bom senso, eu chegaria aqui e falaria: “Muito obrigado por tudo o que vocês ajudaram a fazer” e vou embora, porque o que vocês viram aqui, hoje, eu também tenho a consciência de que nenhum cientista, o mais experiente – para não falar “o mais velho” –, nunca viu, neste país, nunca viu.

A fala do nosso querido coordenador da Conferência, a fala do nosso querido presidente do SBPC e a fala do nosso querido presidente da Academia de Ciências, três pessoas importantes que fizeram três pronunciamentos. Mas, combinando com o que o presidente da Academia de Ciências já tinha falado e o presidente da SBPC já tinha falado quando nós lançamos o PAC, por que deu certo, companheiros? Primeiro, Sergio, pela sua capacidade de lidar com as pessoas. Ou seja, a desgraça em política é que quando você coloca um ministro, que ele acha que ele sabe tudo e que os outros não sabem nada, e quando uma pessoa começa a falar com ele, ele fala: “Pode parar, pode parar, já estudei isso aí, já sei, já sei, eu já ouvi”. A tua simplicidade e o teu modo de ser é que fizeram com que pessoas como essas que falaram pudessem assumir, na construção do PAC da Ciência e Tecnologia, a convicção de que nós não tínhamos construído uma proposta de ciência e tecnologia do ministro Sergio Rezende, do reitor de tal universidade, mas a gente tinha convicção de que aquele trabalho apresentado, que está sendo executado, foi um trabalho resultado da competência dos cientistas brasileiros, dos pesquisadores, que ajudaram a construir.

E por que foi feito assim? Porque se o programa fosse apenas do ministro e o ministro caísse, ao cair ele levaria o programa com ele, e o outro que entrasse ia fazer o programa dele, não um programa de interesse da



sociedade brasileira. Esse é um legado, Sergio, que você vai deixar no Ministério, e vai deixar para os cientistas brasileiros.

Eu, eu trago o aprendizado, Sergio, de um cidadão que perdeu muita eleição. Eu perdi eleição para governador em [19]82, eu perdi eleição para presidente em [19]89, em [19]94, em [19]98, e a cada eleição era uma ruma de gente fazendo programa para mim, era programa disso, programa daquilo, era uma... sabe? Que se eu decorasse tudo aquilo eu seria reitor das universidades brasileiras, de tão sabido que eu era. Mas, como você tem que ter um programa, você tem que ter um programa, um programa em que você fala coisas com que você não concorda, é um negócio maluco.

Mas quando você chega ao governo, você tem que executar a política. E o programa, muitas vezes, é um artigo, é um parágrafo, é uma ideia. Nem sempre você consegue destrinchar, num programa de governo, o que é a política de ciência e tecnologia de um país. Quando você está no governo, você para com aquele negócio de “eu acho, eu penso, eu acredito”. Quando você está no governo, ou você faz ou você não faz, e o que vai ficar depois que você sair é o que você fez ou o que você não fez. Se você não fez nada, vai aparecer, na tua cara, uma folha em branco; se você fez, aparece um discurso grosso assim, como este que o Sergio mostrou para todos vocês aqui.

E o Sergio, o Sergio encontrou, nesta pessoa que vos fala, um cúmplice da ciência e tecnologia. Embora eu não entenda muita coisa, pela arte de conversar com muita gente e de palpitar na vida durante muito tempo, você vai aprendendo, pelo menos, os princípios gerais. Não peçam mais do que isso porque eu não sei, não peçam mais do que isso. Mas, eu poderia dizer uma coisa que... eu estava convencido de que nós precisaríamos convencer o governo a colocar mais dinheiro para a questão da ciência. E quando você vai colocar mais dinheiro – não apenas para a ciência, para qualquer Ministério que está aqui –, você tem uma disputa, como se você tivesse R\$ 100, tivesse



dez filhos sentados à mesa, cada um com uma idade diferente – um de dez anos, um de oito, um de 12, um de 15, um de 20 –, e você acha que é fácil falar: “Bom, eu tenho dez filhos, tenho R\$ 100, 10 para cada um”. Se fosse assim, seria fácil. Acontece que o de 18 vai falar para você: “Ô pai, eu estou namorando. Os meus 10 têm que ser 20, pai”. O de 15 fala: “Ô pai, eu tenho que fazer tal coisa”. O de 25, outra. Não dá certo. Ninguém quer ficar com menos, e todo mundo quer ficar com mais. Então, esse foi o primeiro trabalho de convencer o governo de que investir em ciência era uma coisa extremamente importante e gratificante para o país.

Ao mesmo tempo, outra coisa gratificante era fazer com que os ministros aprendessem a investir o dinheiro que estava disponibilizado nas suas pastas porque, vamos ser francos: nós aprendemos muito no segundo mandato. Aprendemos muito porque era um tal de ministro vir dizer para mim: “Presidente, cortaram o meu orçamento, Presidente. Eu preciso de mais dinheiro, Presidente”. Aí, quando você pegava o planejamento e ia destrinchar entre o disponibilizado e o comprometido, ele não tinha comprometido o dinheiro que ele tinha. Então, qual era a tentativa da parte econômica? “Vamos cortar um pouco mais, já que ele não está gastando.”

Vocês estão lembrados que na conferência que nós fizemos, do PAC, eu pedi para vocês: [vocês] têm que criar um mecanismo de os cientistas controlarem o investimento dos recursos que estão disponibilizados, para saber se estão indo correto. Isso aqui não é meu, eu sou passageiro. A política pode ser perene e a política pode ser eterna, até que a gente crie uma outra mais eficaz. E quem é que toma conta? São as instituições, são os cientistas que acompanham, que estão brigando por dinheiro.

Outra coisa que nós descobrimos, Sergio, uma coisa importante – e Paulo Okamoto, presidente do Sebrae: é que os empresários brasileiros também não estavam preparados para a inovação, não estavam. As pessoas, às vezes, aprendem a falar meia dúzia de palavras para fazer crítica, mas na



hora em que você disponibiliza o dinheiro... Eu fiquei horrorizado, que um dia o Celso [Sergio] me procurou e falou: “Presidente, o dinheiro disponibilizado para investimento em inovação das empresas não foi... as pessoas não utilizaram, não apareceram empresários”. Depois eu recebo o Presidente da CNI na minha sala para dizer: “Presidente eu preciso de ajuda, Presidente. O senhor precisa convencer os empresários a utilizarem o dinheiro e a fazerem investimento em inovação”. Eu não vou criticar ninguém, é porque nós não tínhamos o hábito, nós não acreditávamos que era possível a gente fazer isso. No Brasil, historicamente, nós fomos doutrinados a nos considerarmos seres inferiores. A gente, no máximo, disputava com a Bolívia, com o Paraguai, com o Equador. Quando chegava lá no Norte: “Ah, vou disputar com eles? Eles são muito sabidos, eles têm muito dinheiro”. Aí, quando eu vejo um cientista dizer que nós já somos o 13º, que nós já produzimos mais artigos do que a Rússia e do que a Holanda, é motivo de orgulho para nós, é motivo de orgulho para nós, e nós precisamos valorizar isso.

Eu, no domingo, estava vendo um corredor de Fórmula Indy, na televisão, quebrou o carro dele e... Eu não assisto corrida de carros porque é só “vrum, vrum, vrum”, eu não... É um barulho só, é a mesma coisa, é uma música só, e na Fórmula Indy é uma (incompreensível), não tem nem jeito de... se eu quero ultrapassar numa curva... É um (incompreensível) correndo. Mas eu achei uma coisa interessante: quebrou um carro, aí o corredor saiu do carro, passou um tempo, conseguiram arrumar o carro, ele saiu em último lugar, correu, correu, correu, aí foram entrevistar ele, ele falou: “É, porque foi difícil...” Ele deve ser um daqueles brasileiros que moram há muito tempo nos Estados Unidos e fala um pouco, assim, como se tivesse um ovo do lado da boca, sabe? Aquele que a gente não entende bem nem o Português e nem o Inglês. Mas tem bastante gente assim, muita. Não sei se tem muito cientista, mas deve ter. Aí, eu vi ele falar uma coisa fantástica. Ele falou... O cara perguntou, perguntou, perguntou, ele falou assim: “Quer saber de uma coisa? Eu sou



brasileiro e não desisto nunca”. Eu achei isso extraordinário porque isso foi a primeira peça de publicidade que nós criamos em 2003. Está lembrado, que a gente colocava o Ronaldo, da Seleção brasileira, caindo, quando ele jogava no Internazionale de Milão, que machucou o joelho, e aparece até o joelho dele saindo... parece que sai uma peça do joelho dele, e ele... Aquele menino sofreu dois problemas no joelho, se recuperou... Então, a gente fez uma publicidade, dizendo: “Sou brasileiro e não desisto nunca”, para levantar a autoestima do brasileiro, para a gente gostar da gente, para a gente gostar da nossa música, para a gente gostar da nossa ciência, para a gente gostar dos nossos trabalhadores, para a gente gostar das nossas matas, das nossas praias, para a gente admirar a nossa bandeira, para a gente gostar do nosso hino. Era um pouco isso o que a gente queria fazer, para sair daquela mesmice: “Eu sou pequeno, eu não valho nada, ninguém gosta de mim”. É um pouco... uma desgraceira de lamentação, que...

Se eu... quando eu entrei no sindicato, sabe o que o pessoal – os meus amigos do Partidão – dizia para mim? [O pessoal] que tinha muita influência no sindicato... O meu irmão Frei Chico dizia: “Lula, você vai entrar? A estrutura sindical brasileira não vai permitir você fazer nada. Você vai entrar e não vai fazer nada. A estrutura é cópia fiel da *Carta del Lavoro*, de Mussolini. Você não vai fazer nada”. E eu entrei no sindicato. Entrei em [19]75, é isso, Paulo Okamoto? Assumi a Presidência. Em [19]78 a gente tinha mudado a história do sindicato. A gente fez greve, que era proibido fazer pela Lei 4.330, nos perturbaram, nos bateram, e nós fizemos outra; nos prenderam, nós fizemos outra; até que as pessoas aprenderam que era democrático fazer greve. O patrão tinha o direito de dizer “não posso dar aumento”, e a gente tinha o direito de dizer “não posso vender minha força de trabalho”. Uma greve diferente de algumas que acontecem aqui em Brasília, porque nas minhas greves a gente não ganhava dia, não, a gente perdia o dia, e depois... Tem greve que o cara fica três meses [em greve] e recebe salário! Isso não é greve, isso são férias,



são férias. Lá, quando eu faltava um dia, já perdia o domingo. Então, a gente conseguiu mudar um pouco a história sendo teimoso, e eu acho que governar, Sergio, é a arte de ser teimoso. Ser cientista neste país era a arte de ser teimoso. Agora, não. Agora é a arte de fazer ciência num país que tem política de ciência, num país que tem políticas públicas e acredita.

Vocês hão de lembrar, hão de lembrar que o projeto de lei que nós mandamos para o Congresso Nacional, regulamentando a nova Lei do Petróleo, dentre as coisas que nós colocamos no Fundo – que nós queremos ter um Fundo muito grande para acabar com o desajuste deste país –, a prioridade é investimento em educação, e ciência e tecnologia. Essa é a prioridade básica para que a gente tenha consciência de que exportar um *chipzinho* deste tamanho, que cabe dentro de uma caixa do tamanho desta televisão, vale mais do que um navio de 300 toneladas de minério de ferro. Então, nós queremos exportar inteligência, conhecimento, que nós temos e precisamos desencantar, e não ficar exportando apenas produtos *in natura*, que é importante, *commodities*, que é importante, mas nós precisamos sofisticar e colocar... Vocês viram aqui o Ceitec, lá no Rio Grande do Sul. Eu já tive oportunidade de entrar naquele bicho lá. Eita bicho limpo danado! Vocês não sabem quantas coisas a gente faz para entrar lá dentro. Tem até um sugador de micróbio, que chupa a gente assim. A água é tão destilada, que se a gente beber morre, de tão limpa que é. O que é aquilo lá? Aquilo lá é uma fabricazinha de produzir inteligência, produzir um *chipzinho*. Nós vamos, agora, determinar que as empresas públicas brasileiras – Banco do Brasil, Caixa Econômica, BNDES –, quem for do Brasil, que for encomendar *chip* lá fora, passe primeiro pela nossa empresa pública de *chips*, para a gente poder fortalecê-la.

Então, assim o país vai caminhando e nós vamos nos descobrindo. Nós começamos a perceber que nós somos bons, começamos a perceber que nós temos competência, começamos a perceber que nós temos recursos, porque



essa mania de pequenez a que este país foi submetido... Dinheiro para educação era tido como gasto. “Ah, vai gastar, não pode.” Aí chegava uma empresa, pedia... Está aqui o Luciano Coutinho, nosso presidente do BNDES, homem de finíssimas qualidades, dentre as quais uma, a de ser pernambucano que nem eu. Está aqui esta nobre figura, aqui. O BNDES nunca tinha dinheiro. Chegava no final do ano, o BNDES emprestava 30 bilhões, 28 bilhões, não é isso, Luciano, 35 bilhões. No ano passado foram só 139 bilhões, numa demonstração de que tem... O programa de Desenvolvimento Produtivo, que foi coordenado junto com ele, o Ministro da Indústria e Comércio, e com a participação de várias agências do governo e da iniciativa privada, é um programa excepcional, que você precisaria trazer uma cartilha para distribuir aqui para os nossos cientistas, para eles saberem o que nós estamos fazendo em nível de inovação, e provocar a sociedade brasileira a acreditar nela.

Então, eu quero terminar dizendo para vocês o seguinte: dentre essas coisas... O Sergio... vocês viram que ele é muito jeitoso, não é? Está ali, me deu uma luneta que não funciona...(incompreensível) Eu fiquei... Eu confesso a vocês que quando eu vi a luneta... Você viu que está noite de lua cheia. O Presidente não consegue ver lua cheia, porque me colocam... eu trabalho numa sala toda fechada, aí eu saio da sala, me colocam num carro todo escuro, eu chego em casa, desço numa garagem, entro numa sala, acabou o mundo. Então eu estava pensando, quando o Serginho ficou com a luneta ali, eu falei: bom, hoje é noite de lua cheia, vou chegar em casa, convidar a dona Marisa para andar e emprestar a luneta para ela. No fundo, no fundo, ele deve ter pego uma que foi dada e que não funcionou. Ele falou “Como é só simbólica, deixa eu dar para o Presidente”, porque senão... nós estamos em ano político, alguém vai dizer: “O Ministro deu uma luneta para o Lula, luneta que foi comprada para dar para as crianças, deu uma para o Presidente”. Pronto, já está o Lula processado, já está o Ministério Público atrás da minha luneta, já está o Tribunal de Contas procurando qual o crime que eu cometi, já



está a oposição propondo uma CPI da luneta, e aí tudo fica paralisado neste país.

Nós aprendemos a vencer essas barreiras com humor, aprendemos a vencer essas barreiras com humor. Eu já disse ao companheiro Sergio Rezende: diga aos nossos cientistas que nós, até agosto, teremos que apresentar o orçamento de 2011. Então, quem estiver disputando as eleições, dispute, porque na peça orçamentária nós vamos colocar um pouquinho mais de dinheiro para ciência e tecnologia no orçamento de 2011.

No mais, queridos companheiros e companheiras, eu quero, do fundo do coração, agradecer a solidariedade que nós temos tido de vocês e a compreensão de que ainda falta fazer muito, nós estamos apenas começando; um começo excepcional, mas ainda falta muito. E Deus queira que a gente tenha como consciência a seguinte ideia: quanto mais a gente fizer, mais vocês têm que reivindicar, porque no dia em que vocês pararem de reivindicar não haverá motivação para que a gente trabalhe o tanto que estamos trabalhando. É exatamente assim que eu vejo a sociedade, é exatamente assim que eu vejo a relação entre Estado e sociedade, entre governo e sociedade. Às vezes, um ministro fica nervoso: “Presidente, mas eu já dei. No ano passado eu já fiz concessão, Presidente”. Pois é, ele gostou. Isso é que nem criança comendo aquele brigadeiro em festa de aniversário. Vocês viram que... você coloca a mesinha de brigadeiro, as criancinhas vão lá, não esperam nem começar o aniversário, comem tudo. Conquista é assim, conquista é assim. As pessoas conquistam uma coisa hoje, querem outra amanhã, conquistam amanhã, querem outra, e assim nós vamos fazendo com que haja uma evolução neste país.

O dado concreto é que nós hoje temos outro paradigma no país. Quem entrar, tem que saber que não é o paradigma do zero, é o paradigma do cinco, do seis, do quatro, do oito, do nove e do dez. Vocês acompanharam, esses dias, pela imprensa, essa história de eu ir ao Irã? Acompanharam? Vocês



viram que absurdo? Primeiro, as pessoas torcendo para não dar certo. É uma coisa maluca. Eu fiquei acompanhando, assim, pela imprensa, lendo uma coisa, lendo outra, e as pessoas “Ah, não vai dar certo”. A imprensa brasileira, então, dizia: “O Lula? O cara que vem lá de Garanhuns? O cara não fala nem inglês, o cara quer falar com um árabe, com um persa? Não vai dar certo, ele vai quebrar a cara. Aquilo é coisa de gente grande”. E nós estávamos convencidos de que era possível, na medida em que você restabelecesse confiança, você estabelecer uma boa política. O que nós fizemos, o que nós fizemos, e louve-se a diplomacia brasileira, louve-se a política externa deste país, coordenada pelo ministro Celso Amorim – que de vez em quando tem algumas viúvas, do tempo do nada, que reclamam e falam mal –, mas foram 18 horas de negociação para que a gente pudesse construir aquilo que há 31 anos os Estados Unidos querem fazer com o Irã e não conseguem.

Essa proposta que nós fizemos é a proposta de outubro, da Agência Internacional de armas atômicas [Agência Internacional de Energia Atômica]. Eles não conseguiram fazer porque não tinham confiança e as pessoas não se sentavam à mesa. Nós fomos lá, humildemente, estabelecemos uma política de confiança, e quando nós fizemos o acordo, Belluzzo... o acordo é muito mais difícil do que colocar um corintiano e um palmeirense na mesma mesa para comer. Como nós fizemos o acordo, que eu achava que os países que queriam levar o Irã à mesa iam ficar felizes que o Irã estava à mesa, eis que eles não queriam, porque no mundo, no mundo tem gente que não sabe fazer política sem ter um inimigo. Primeiro é preciso criar um inimigo. Esse inimigo tem que ser ruim. Embora possa não ser, mas tem que fazê-lo ruim, a cara tem que ser feia, e nós temos, então, que demonizá-lo. Eu digo isso porque eu fui demonizado por quantos anos? Quantos anos muitos de vocês, sem me conhecer, tinham medo de mim? Vamos ser francos, entre nós aqui. E qual era a grande dúvida de vocês? Era se nós tínhamos ou não capacidade de gerenciar este país. Quem é nordestino sabe: se eu não morri até os cinco



anos, de fome, sobrevivi até os sete, tomando café com uma cuia cheia de farinha, fazendo mingau, e estou aqui forte e bonito, por que é que eu não poderia gerenciar este país?

Então, nós fizemos aquilo que os outros não conseguiram fazer, e, em vez de sermos agraciados... não é isso? Vocês estão acompanhando pela imprensa. Na véspera, que eu estava lá, tinha gente dizendo: “Ah, o Lula é inocente, o Lula (incompreensível) não sabe nada”. Tem gente que, em vez de se sentar a uma mesa para conversar, prefere mostrar “eu tenho força. Ou dá ou desce”. Eu não sou assim. Ninguém dá e todo mundo desce, esse é o meu lema. Vamos tentar fazer com que as coisas sejam resolvidas em conversa franca e aberta.

Eu lembro, quando eu cheguei no governo... eu estou falando de uma... parece uma heresia, parece uma heresia, meu caro Almirante, mas neste país presidente da República não se reunia com reitores. Quando se reunia com um era muito, e tinha que ser do mesmo partido. Eu já me reuni todos os anos com os reitores, todos os anos, construindo política de educação juntos. Nós só temos uma dívida com eles, que é a autonomia das universidades, que nós temos hoje... tem que fazer até o final do ano. E ficou tudo mais fácil de trabalhar neste país. Quando a gente chega no poder e descobre, primeiro, que a gente não tem poder... A gente ganha as eleições, se mata de trabalhar, pensa que tem poder, aí chega um cara do cerimonial: “Essa não é sua cadeira. A sua cadeira é aquela”; chega um segurança e fala: “Não é por ali que você vai, é por aqui”. Então, a gente não tem poder. O poder é construído quando a gente resolve reparti-lo. Se todo político compreendesse o seguinte: felicidade, a gente só vai vivê-la se a gente reparti-la, porque viver sozinho não dá certo e governar, muito menos.

É por isso que hoje nós estamos completando 67 conferências, ouvimos de tudo. Vocês viram a briga que fizeram com o Paulinho Vannuchi por causa daquela conferência de Direitos Humanos? Vocês viram? Eu, por coincidência,



depois de um mês que ele apanhou, dois meses, três meses que ele apanhou, eu fui pegar a conferência de 2002, eu fui pegar a conferência de 1996, quando a gente não era governo, e nos aspectos que ele apanhou, a conferência de 2002 e a de [19]96 eram muito mais sectárias do que ele, muito, muito mais à esquerda do que ele. Entretanto, os algozes que o criticaram disseram amém àquela de 2002 ou à de 2006 [1996], possivelmente porque eles leram, mas não acreditavam que iam ser feitas. E a nossa eles nem leram e já foram contra.

Por isso, companheiros, eu estou feliz. É a última vez que eu me encontro com vocês como presidente da República, numa conferência. Certamente, se o futuro ministro da Ciência e Tecnologia entender que eu possa ser pelo menos um cientista político, e me convidar para vir numa conferência sem ser presidente, cá estarei eu com todo o prazer de contribuir.

No mais, muito obrigado e que Deus abençoe todos nós. E que o Sergio continue trabalhando com o carinho e com a dedicação com que ele tem trabalhado até agora. Um abraço.

(\$211A)



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita do primeiro-ministro da Turquia, Recep Tayyip Erdogan

Palácio Itamaraty, 27 de maio de 2010

Bem, eu quero cumprimentar o nosso amigo, o primeiro-ministro Erdogan, primeiro-ministro da República da Turquia,

Quero cumprimentar os ministros das Relações Exteriores da Turquia e do Brasil e, com isso, cumprimentar a todos os ministros brasileiros e todos os ministros turcos,

E dizer que é uma grande satisfação receber, em Brasília, o Primeiro-Ministro de um país destinado pela geografia e pela história a ser um ponto de encontro entre a Europa e a Ásia, e uma ponte entre o Ocidente e o Oriente.

As relações entre a Turquia e o Brasil são marcadas por sólidos laços de amizade e cooperação e por uma atuação criativa, construtiva e corajosa nas questões mais importantes no cenário internacional.

Acreditamos que é a flexibilidade, não o dogmatismo, que aproxima os povos. É o engajamento construtivo, não o isolamento e a punição que nos leva ao entendimento. É esse o espírito que norteou nossa atuação na negociação com o Irã.

A Declaração de Teerã constitui oportunidade que não pode ser desperdiçada. Ela não resolve todos os problemas de uma única vez, mas estabelece as condições para o diálogo como o caminho mais eficiente, para superar divergências e construir a confiança em torno de um objetivo exclusivamente pacífico do programa nuclear iraniano.

Queremos superar dogmas e temores que empobrecem o convívio entre as nações, reduzem os espaços de cooperação e conduzem o mundo a riscos



inaceitáveis. Por isso também defendemos um mundo desnuclearizado e em paz. Recusamos o mito de que a região está fadada ao conflito, de que seus filhos estão condenados a uma rotina de ódio e sofrimento que alimenta a irracionalidade da guerra.

Turquia e Brasil são exemplos de convivência pacífica e harmoniosa entre (falha no áudio) e judeus, tendo sempre mantido relações fluidas tanto com Israel quanto com o mundo árabe. Somos, também, parceiros na construção de uma ordem internacional multipolar. Estamos em posição privilegiada para fazer ouvir a voz dos países emergentes e contribuir para assim encontrarem respostas concretas aos desafios contemporâneos.

As Nações Unidas e as instituições financeiras de Bretton Woods requerem reformas para deixarem de ser uma sombra distorcida de um passado há muito superado.

Advertimos que não se deve abandonar os compromissos com mudanças profundas ao primeiro sinal de recuperação da economia mundial. Agora que a instabilidade [estabilidade] voltou reafirmamos a urgência de corrigir os desequilíbrios, discriminações e injustiças que levaram à crise. Estas são as mensagens que levaremos juntos ao G-20 de Toronto.

Caro amigo Erdogan,

Essa sintonia de posições encontra expressão concreta no plano de ação da parceria estratégica Brasil-Turquia que hoje firmamos juntamente com outros acordos importantes. A expressiva delegação de empresários turcos que o acompanha, vai nos permitir explorar novas possibilidades para ampliar e diversificar o intercâmbio bilateral. Existem grandes oportunidades para elevar nosso relacionamento a níveis condizentes com a importância de nossos países. Nosso comércio aumentou 330% entre 2002 e 2008, tendo superado, e muito, a casa de US\$ 1 bilhão. Mas o nosso potencial é extremamente maior. Considerando o forte dinamismo de nossas economias nos primeiros meses de 2010, estou seguro de que podemos dar um salto qualitativo no curto prazo.



O Brasil está comprometido com o avanço das negociações comerciais Mercosul-Turquia, com vistas à implementação de uma Área de Livre Comércio. Com flexibilidade e espírito pragmático será possível gerar oportunidades significativas de acesso a mercados e interação econômica com nossa base nesse acordo.

A Turquia também oferece grande oportunidade para negócios com o Brasil, principalmente por seu perfil logístico. Importantes rotas comerciais passam pelo território turco. Existem possibilidades de novas parcerias em vários setores. A Petrobras está instalada na Turquia desde 2006. Ela intensificará o trabalho com sua congênere turca TPAO na prospecção de petróleo em águas profundas na Costa de Sinop e também de gás natural em Kizilirmak. Vamos transformar a exploração do Mar Negro e das reservas do pré-sal brasileiro em modelo de cooperação energética e de competência tecnológica entre países em desenvolvimento. O Brasil também pode ser parceiro importante para a Turquia na diversificação de sua matriz energética. A experiência brasileira na produção de biocombustíveis encontrará campo fértil nesse país. Podemos desenvolver projetos conjuntos para a produção de etanol e de biodiesel. É graças ao conhecimento recíproco que brasileiros e turcos poderão desenvolver estimulantes formas de integração e novos projetos em comum.

A Embratur quer dinamizar o setor de turismo, motivada pela recente inauguração de voos diretos ligando as cidades de Istambul e São Paulo. Para apoiar essa iniciativa contamos com a instalação de consulados gerais em Istambul e São Paulo.

Senhor Primeiro-Ministro,

Vossa Excelência participará amanhã, no Rio de Janeiro, da abertura do 3º Fórum da Aliança das Civilizações, projeto de grande originalidade, nascido de iniciativas conjuntas de seu governo e do governo espanhol, à qual o Brasil se associou desde a primeira hora.



Sua presença no Fórum tem um importante significado simbólico: reafirma, com força, os valores de solidariedade, de tolerância, de abertura de espírito e de promoção do diálogo intercultural. Esses valores sempre marcaram nossas relações e hoje, mais do que nunca, guardam toda a sua relevância. São princípios que nos unem com entusiasmo e com espírito verdadeiramente fraternal. Isso prova que países com autênticas afinidades, apesar da distância, podem e devem trabalhar juntos.

Muito obrigado.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de reinauguração do Theatro Municipal do Rio de Janeiro**

Rio de Janeiro-RJ, 27 de maio de 2010

Prometo ser breve.

Meu querido companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro, e sua companheira Adriana Ancelmo. Faz tchau para mim, Adriana.

Meu caro companheiro Michel Temer, presidente da Câmara dos Deputados,

Companheiros ministros que estão aqui,

Ministras,

Meu caro companheiro Luiz Fernando Pezão, vice-governador do Rio de Janeiro, e sua companheira,

Meu caro companheiro Eduardo Paes, prefeito do Rio de Janeiro, e sua companheira,

Senhoras e senhores atuantes do movimento artístico-cultural,

Amigos e amigas,

Companheiros que merecem o nosso mais profundo respeito, nossos companheiros do BNDES que estão aqui representados pelo seu presidente, Luciano Coutinho, que veio comigo no avião,

Nossos companheiros da Petrobras, José Sergio Gabrielli, que está aí,

Companheiros da Eletrobrás,

Companheiros da Vale,

Companheiros da TV Globo e da Embratel,

A história haverá de reconhecer em vocês os cidadãos brasileiros que tiveram coragem e ousadia de colocar a mão no bolso para promover a devolução, ao Rio de Janeiro, de uma casa de espetáculos, de uma casa de



cultura que jamais deveria ter sido tratada com a irresponsabilidade que nós vimos no documentário que passou aqui.

É bem possível que um governante não tenha dinheiro para fazer uma coisa nova. É aceitável e bastante compreensível. O que não é aceitável e nem compreensível é que um governante permita que seja destruído aquilo que já estava feito, aquilo que era uma casa extraordinariamente bonita como esta, que a Carla Camurati teve a competência, a paciência e a ajuda necessária de todos que eu falei o nome aqui, para permitir que a gente pudesse hoje estar aqui reinaugurando esta casa que nunca deveria ter fechado. Afinal de contas, este país não pode prescindir de um metro quadrado de um espaço cultural, porque é exatamente através da cultura que a gente vai construir a sociedade mais justa, mais humanista que nós precisamos para o nosso país.

Eu tenho um *script* aqui e eu vou ter que cumprir com o meu *script*. Se eu estivesse aqui, eu teria me associado ao *teleprompter* que está aqui na minha frente, desarmado. Uma vez eu estava falando neste bicho aqui num programa ao vivo e, de repente, caiu o negócio do computador, eu não enxergava mais nada e eu não tinha o que falar.

Bem, a reabertura do Theatro Municipal do Rio de Janeiro reflete um momento muito especial pelo qual o país passa. Um momento em que a sociedade brasileira empenha recursos e, sobretudo, esforços para a consolidação de políticas culturais verdadeiramente transformadoras.

Mais de cem anos depois de inaugurado pelo então presidente Nilo Peçanha, o mesmo, Sérgio Cabral, que criou as primeiras escolas profissionais no país, aqui estamos neste belíssimo prédio, totalmente reformado, palco de grandiosos eventos artísticos e de passagens significativas da nossa história.

As obras de restauração e de modernização que foram realizadas neste Theatro sintetizam o entendimento mútuo dos governos e da iniciativa privada sobre a necessidade vital de preservação de nossos patrimônios históricos, artísticos e culturais. Trata-se do tesouro mais valioso que podemos deixar de



herança para aqueles que nos sucederão. Na verdade, esse é o maior legado do ser humano que tem a consciência de pertencer a uma comunidade, a uma sociedade, a uma nação, compartilhando sua existência com os demais.

Zelar pela formação cultural é, também, fomentar e criar espaços de liberdade, espaços que possibilitam a constituição de identidades genuínas e plurais. A cultura, como se sabe, é um instrumento poderosíssimo para a integração, a transformação e a justiça social. E por que a valorizamos, e muito, é que pela primeira vez, nos quase 25 anos de existência do Ministério da Cultura, foi elaborado um programa que estimula a presença do trabalhador nas salas de teatro, nos cinemas e nas livrarias. Estou falando do Vale-Cultura, meu querido Juca, que colocará recursos públicos nas mãos dos trabalhadores de menor renda para que eles tenham a oportunidade de assistir a uma peça, a um show, ver um filme ou comprar livros, CDs e DVDs.

Outra importante ação em curso é a reforma da Lei Rouanet, que fará com que os recursos que financiam a cultura cheguem a um número maior de produtores e que iniciativas da maior relevância, com a restauração deste Theatro, possam ser multiplicadas Brasil afora. A reforma da Lei Rouanet estenderá os benefícios da Lei às ações que têm valor artístico e cultural, mas que, às vezes, não dão retorno de *marketing*. Além disso, a definição de novos critérios imprimirá maior transparência à aplicação dos investimentos.

Nosso objetivo é fazer com que esse sentimento sublime que nos toca, diante de uma apresentação cultural, chegue ao maior número possível de corações e mentes. E, para isso, a cultura deve ser entendida como gênero de primeira necessidade, porque assistir a um espetáculo num local tão maravilhoso e singular como este Theatro realimenta tudo aquilo que nos é profundamente caro: nossos sonhos e nossas aspirações. Parabéns ao Rio de Janeiro. Parabéns, Sérgio Cabral. Parabéns, Prefeito. Parabéns ao povo do Rio de Janeiro.

Uma vez, uma vez eu vim... muito tempo atrás, eu vim ao Rio de Janeiro



e fui ter uma conversa com o doutor Roberto Marinho. Eu lembro – estava eu e o Aloizio Mercadante –, eu lembro que o doutor Roberto Marinho falava assim para mim: “Ô Lula, é preciso a capital voltar para o Rio de Janeiro. Não é justo que o Rio de Janeiro não seja a capital do Brasil. Acho que se tivesse um candidato que promettesse trazer a capital de volta, seria a glória para o Rio de Janeiro”. Obviamente que eu não queria me comprometer com uma promessa dessas.

Mas, o fato concreto é que além de o Rio de Janeiro ter perdido o privilégio de ser capital do nosso país, o Rio de Janeiro sofreu um processo de degradação, de falta de respeito. Quando eu fico olhando o Rio de Janeiro com o governador Sérgio Cabral, com o Prefeito e com o nosso companheiro Pezão, que nós subimos as favelas do Rio de Janeiro, a gente fica sabendo que, 40 anos atrás, onde é uma favela era uma fazenda. Eu digo para o Sérgio: Sérgio, os investimentos que nós estamos fazendo no Rio de Janeiro são um investimento de restauração da irresponsabilidade administrativa que este estado teve durante muito tempo, recuperar os lugares para as pessoas morarem condignamente.

Eu não sei quanto é que custa a manutenção de um teatro como este, não sei. O dado concreto é que um administrador eminentemente economista ou um economicista, pode dizer: “Ah, mas eu estou gastando dez, 12, cinco, dois mil reais ou milhões por ano”. A verdade, meu querido Prefeito do Rio de Janeiro e meu querido Governador, o orgulho que uma casa como esta dará ao carioca do Rio de Janeiro e aos cariocas de Pernambuco, do Maranhão, de São Paulo, aos cariocas do Paraná, do Rio Grande do Sul... porque todo brasileiro é um pouco carioca, todo brasileiro. Todo brasileiro, de qualquer lugar, até de Pernambuco, adoraria acordar todos os dias de manhã sob o barulho do rumorejar das águas de Copacabana, de Ipanema, quem é que não gostaria?

Então, vocês precisam ter dimensão de que vocês restauraram não



apenas um teatro. Vocês restauraram um patrimônio cultural que não tem preço, medido economicamente, financeiramente. O preço disto aqui é orgulho; o preço disto aqui é, eu diria, autoestima; o preço disto aqui é motivo de o povo do Rio de Janeiro, quando viajar o Brasil inteiro e o mundo inteiro, que viajar [e for] a qualquer teatro, ninguém vai se sentir mais um cidadão de segunda classe porque este Teatro voltou a ser uma casa extraordinariamente bonita, igual a qualquer outra, de qualquer país do mundo. Se é verdade que a partitura do Hino Nacional foi encontrada tal como feita originalmente, a verdade é que este Teatro, depois do desmazelo, depois das irresponsabilidades, encontrou um homem que foi capaz de pensar, junto com outros homens, junto com algumas mulheres, de dizer: o Rio de Janeiro merece não o mais ou menos, o Rio de Janeiro merece o melhor.

Um abraço, e parabéns ao Rio de Janeiro.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão de abertura do 3º Fórum Mundial da Aliança de Civilizações

Rio de Janeiro-RJ, 28 de maio de 2010

Senhor Secretário-Geral das Nações Unidas,
Senhores presidentes, chefes de Estado, convidados para participar do 3º Fórum da Aliança de Civilizações.

Primeiro, o governo brasileiro e o povo brasileiro, especialmente esta cidade maravilhosa, como é conhecido o Rio de Janeiro, dão as boas-vindas a todos os que nos honram com sua presença neste Fórum.

Esta Aliança foi a resposta de um expressivo grupo de nações à ofensiva obscurantista daqueles que pretenderam dividir a Humanidade a partir de um suposto choque de civilizações.

Nossa adesão a esse projeto está em sintonia com os princípios universalistas que regem o Estado brasileiro e sua política externa, mas também reflete o que foi a construção de nossa identidade nacional. Somos multiétnicos, acolhemos distintas religiões e culturas. A nação brasileira é formada por nossos povos originários, pelos milhões de africanos que para aqui vieram, forçados, para o trabalho escravo. Abriga sucessivas levas de imigrantes europeus e asiáticos. Aqui convivem pacificamente milhões de descendentes de árabes com centenas de milhares de judeus e descendentes de judeus.

O Brasil tem uma enorme dívida para com os povos de quase todo o mundo, que ajudaram a construir nossa riqueza material, mas, sobretudo, são responsáveis pela construção de nosso patrimônio cultural. Todos eles, sem exceção, fazem parte do que chamamos de civilização brasileira.

Aprendemos com nossa própria história que a tolerância e a igualdade



de oportunidades são fundamentais para um ambiente de concórdia e de paz. Ela nos ensinou que a exclusão, o preconceito e a pobreza alimentam cenários de tensão e de conflito, fomentam situações de dominação e de injustiça, que impedem povos e nações de construir um futuro digno e pacífico.

Não haverá encontro fraternal de civilizações enquanto não forem enfrentadas as raízes profundas dos conflitos, enquanto houver fome e desemprego, mas também enquanto persistir a intolerância étnica, religiosa, cultural e ideológica.

A promoção de uma cultura de paz deve ser um dos pilares centrais deste Fórum. Para tanto, precisamos renovar mentalidades. Para renová-las é necessário oferecer oportunidade de crescimento econômico com justiça social aos milhões de homens e mulheres que vivem nas margens da Humanidade, humilhados e ofendidos, sem esperança.

São absurdas as teses sobre uma suposta fratura de civilizações no mundo que conduziria, inexoravelmente, a conflitos. Essas teorias são criminosas quando utilizadas como pretexto para ações bélicas, ditas preventivas.

O Brasil aposta no entendimento que faz calar as armas, investe na esperança que supera o medo, faz da democracia política, econômica e social sua única e melhor arma. Minha experiência como líder sindical ensinou-me que posições inflexíveis só ajudam a confrontação e afastam a possibilidade de soluções de paz que a maioria aspira.

Com esses princípios, viajei a Tel Aviv e a Ramalá, tentando buscar a paz. Com esse propósito, o primeiro-ministro Erdogan e eu fomos a Teerã buscar, com o presidente Ahmadinejad, uma solução negociada para um conflito que ameaça muito mais do que a estabilidade de uma região importante do Planeta. O mundo precisa do Oriente Médio em paz e o Brasil não está alheio a essa necessidade.

Defendemos um planeta livre de armas nucleares e o pleno



cumprimento, por todos os países, das determinações do Tratado de Não Proliferação. Acreditamos que a energia nuclear deve ser um instrumento para a promoção do desenvolvimento, não uma ameaça. Temos sólidas credenciais para exigir o desarmamento. O Brasil é um dos poucos países a consagrar, em sua Constituição, a proibição de produzir e de usar armas nucleares. A América Latina e o Caribe formam a primeira zona desnuclearizada do Planeta. A existência de armas de destruição em massa tornam o mundo mais inseguro. Os arsenais nucleares são peças ultrapassadas e obsoletas de um tempo, já superado, de equilíbrio do terror.

Caros amigos,

A promoção da Aliança de Civilizações requer criatividade para forjar novos laços entre regiões e continentes. Reduzimos distâncias físicas, aproximando visões de mundo, integrando povos e culturas. Na América Latina e Caribe, estamos consolidando um projeto de integração regional que vai além da criação de um espaço econômico continental. Queremos que nossas diversidades sejam um fator de multiplicação de nossa força, não um pretexto para dissolver nossos objetivos comuns.

Foi a perspectiva de ampliação de um diálogo de civilizações que nos levou a realizar duas reuniões de Cúpula entre países da América do Sul com os países árabes, e outras duas com os países africanos. Estamos aprofundando nosso conhecimento mútuo, na certeza de que valores e heranças compartilhados nos farão mais fortes para enfrentar desafios como o aquecimento global, a insegurança energética e o terrorismo transnacional, mas, sobretudo, a fome e a miséria no mundo.

Amigas e amigos,

A crise financeira que se abateu sobre todos mostrou o quão necessário será contar com organizações multilaterais vigorosas, à altura de um mundo cada vez mais diverso e multipolar. Mas constatamos grande resistência à mudança. Incapazes de assumir os seus próprios erros, alguns governantes



buscam transferir o ônus da crise para os mais fracos. Adotam medidas protecionistas que oneram bens e serviços exportados por países em desenvolvimento. Ao mesmo tempo em que se mostram lenientes com os paraísos fiscais, responsabilizam imigrantes pela crise social.

A comunidade internacional precisa reagir. Combater as manifestações de xenofobia e de racismo é tarefa inadiável. O Brasil continua um país aberto e solidário para aqueles que vêm buscar aqui trabalho digno e vida melhor. No momento em que a recessão ceifava milhares de empregos em nossa economia, não hesitamos em regularizar a situação de dezenas de milhares de migrantes.

Senhoras e senhores,

Os jovens constituem um dos grupos mais vulneráveis às influências do fanatismo e da intolerância, além de serem as principais vítimas da violência. Mas são também a melhor promessa para o futuro, sempre que orientados para o conhecimento do outro e para o respeito às diferenças. A participação jovem em programa de promoção do diálogo e da cooperação intercultural tem que ser o objetivo central de nossa Aliança.

É imprescindível um forte investimento na educação. O conhecimento e a informação histórica e cultural sobre diferentes civilizações são essenciais para a promoção de um ambiente naturalmente tolerante. Por isso, estamos implementando o ensino da história e da cultura afro-brasileira nas escolas brasileiras. Povos sem conhecimento de sua história e de sua cultura não têm como avaliar o presente e serão incapazes de fazer as melhores opções para a construção do seu próprio futuro.

Os meios de comunicação também têm papel decisivo na formação de valores em qualquer sociedade. Sua atuação construtiva é indispensável para a promoção dos princípios de nossa Aliança.

Meus caros amigos,

Este 3º Fórum confirma que não nos deixamos vencer nem pela



distância, nem pelo ceticismo dos que duvidavam de nossa capacidade de trabalhar juntos. Aqui prevalece a determinação de romper paradigmas para aperfeiçoar um diálogo pioneiro entre Estados e sociedades que desejam construir um mundo à imagem de suas melhores tradições de entendimento e de solidariedade. É essa a mensagem que nossa Cúpula lança.

O Brasil ajudará a solidificar cada vez mais essa ponte de amizade e cooperação que estamos construindo entre nossos povos.

Muito obrigado.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração da Unidade de Pronto Atendimento (UPA) 24
horas da Cidade de Deus**

Rio de Janeiro-RJ, 31 de maio de 2010

Bem, primeiro cumprimentar... Podem ficar certos de que eu amo vocês também, podem ficar certos.

Bem, eu quero cumprimentar o meu companheiro, governador do estado do Rio de Janeiro, companheiro Sérgio Cabral,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro, prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Eduardo Paes,

Quero cumprimentar o nosso querido ministro da Saúde, Temporão,

Quero cumprimentar o Secretário da Saúde do estado do Rio e do município do Rio,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro, meu caro MV Bill,

Quero cumprimentar o Celso Athayde, presidente da Central Única das Favelas,

Quero cumprimentar o José Neves, presidente da Associação de Moradores da União Comunitária da Cidade de Deus,

Quero cumprimentar o Alexandre Ferramenta, presidente da Associação de Moradores,

Quero cumprimentar o companheiro Luiz Roberto de Souza, presidente da Associação dos Moradores Josué,

Quero cumprimentar a nossa querida companheira, senhora Georgina Marieta, presidente da Associação dos Moradores Josué II,

E quero cumprimentar os nossos queridos companheiros e companheiras moradores da comunidade chamada Cidade de Deus.



Uma coisa importante, e eu vou tentar falar menos de saúde, porque aqui já falaram vários companheiros: eu penso que a fotografia melhor do que nós estamos fazendo aqui será feita na hora em que terminar esse ato, se o nosso Secretário Municipal da Saúde, o Secretário Estadual e os organizadores abrirem a porta da UPA para vocês visitarem onde é que vocês vão ser encontrados se tiverem alguma doença. Mas, sobretudo, para vocês verem, com os olhos, o lugar em que vocês vão levar os filhos e as filhas de vocês se eles tiverem algum problema de saúde. Na hora em que a gente virar as costas a UPA vai ser inaugurada, às sete da noite. Deus queira que fiquem todas as nossas enfermeiras, todos os nossos dentistas e todos os nossos médicos sem receber um único cliente, porque ninguém vai ficar doente na Cidade de Deus hoje, ninguém. Mas eu queria que vocês fossem ver e, depois, a gente comparasse a qualidade do serviço que vocês vão ter aqui com a qualidade do serviço prestado pela saúde privada. Porque habitualmente se fala que tudo que é público não presta e tudo que é privado é extraordinário. Eu já vi gente fina, na televisão, dizendo que tem um plano de saúde legal, de boa qualidade, porque paga, e paga não sei quanto por mês. Então, eu queria dizer para vocês que não paga porque é descontado no Imposto de Renda, quem paga é o Estado brasileiro, que dá condições para eles terem assistência médica melhor do que os pobres, e é o Estado que paga.

É importante, Sérgio, a gente de vez em quando falar isso, porque, de vez em quando, a gente se confronta com esse debate. Outro dia eu fui, com o Temporão, buscar 1.600 ambulâncias, e agora vou buscar mais 1.600 em julho, do Samu, e lá estava discutindo a questão da saúde. Ora, companheiros, eu hoje sou Presidente da República, mas antes de ser Presidente da República, eu era torneiro mecânico; antes de ser torneiro mecânico, eu era um retirante nordestino em São Paulo; antes de eu virar Presidente da República, eu morei em lugares que enchia a minha casa um metro e meio de água dentro. Eu sei o que é sanguessuga grudada nas canelas da gente, com um metro de barro



para a gente tirar, e ter que jogar sal e cachaça na desgraçada para ela largar a canela da gente, eu sei o que é isso.

Mas eu também já fui muito em médico quando eu não era Presidente da República. Eu tenho cinco filhos, não foram poucas as vezes, Sérgio, que eu não tinha carro, que tinha que ir para o ponto do ônibus e ficar horas esperando o ônibus para entrar com o moleque com asma dentro do ônibus, quase morrendo, sem respirar, para levar em um médico e quando chegava lá o médico não estava, o médico não estava. Se a gente desse sorte, a gente encontrava uma pessoa na recepção do hospital, cheia de carinho para dar, mas, dependendo da hora em que a gente chegava, a gente poderia encontrar alguém de mau humor. Então, você imagina, você com o filho doente, chega ao balcão, em vez de encontrar alguém sorrindo e falar: “Pois não, senhor, como é que está o seu filhinho?”, a pessoa fala “o médico não está, o médico não está”. E, muitas vezes, vocês que são médicos sabem que, muitas vezes, no plantão, o médico estava dormindo e dava a orientação para a enfermeira não atender.

Bem, agora, eu, depois que virei Presidente da República, eu tenho plano médico, eu tenho plano médico. Então, o Lula, quando tem uma dor de barriga, ele corre para um hospital bom e faz exame daqui, exame de lá, passa em uma máquina, em outra máquina, em outra. O pobre não, o pobre só tem o SUS.

Eu lembro, eu lembro que mesmo aqui neste estado e nesta cidade, em 2007, a gente tinha distribuído não sei quantas ambulâncias e o prefeito, que eu não vou dizer o nome dele, porque não gostava de mim, deixou as ambulâncias guardadas e não utilizou nenhuma ambulância do Samu para atender o povo pobre.

Pois bem, então o plano, aquelas máquinas que eu passo – máquinas, tomografia, ultrassonografia –, vocês não imaginam a quantidade de máquinas, parece que é porque eu tenho um plano médico. Não, é porque eu pago um



plano médico, que depois eu desconto no Imposto de Renda e, portanto, é o Estado brasileiro que paga para eu ter um atendimento melhor do que a maioria do povo tem. Esse é o dado concreto e objetivo.

E a UPA que nós estamos fazendo aqui é para dizer que o povo pobre tem que ser tratado com respeito. Vocês vão ver as camas aqui, vocês vão ver as máquinas de tirar a pressão aqui, vocês vão ver a máquina de raios-x, vocês vão perceber o laboratório, que é tudo de primeira qualidade, não tem hospital privado no Rio que tenha as condições que vocês vão ter aqui, na Cidade de Deus.

E quando alguém ficar doente e que vier aqui, 24 horas por dia, se for detectado que a pessoa tem uma doença grave e tem que levar para um hospital, a ambulância não vai ficar rodando uma noite inteira para achar um leito, a ambulância vai sair daqui já com o leito definido, aonde é que a pessoa vai, ou seja, nós queremos que, independente da origem social, independente da religião, independente do time que a pessoa torce ou independente da cor, o que nós queremos é que todos os brasileiros sejam tratados com respeito e com dignidade, e a Cidade de Deus merece muito mais do que isso. Porque nós precisamos acabar com a imagem – eu assisti várias vezes o filme “Cidade de Deus” –, nós precisamos acabar com a imagem de que, primeiro, favela é violência; depois, que favela só tem bandido. Segundo, nós não gostaríamos de falar mais em favela, transformar tudo num bairro, isso aqui é um bairro, não uma favela.

Segundo, todo mundo tem que ter oportunidade. Eu vinha, com o Governador, andando ali, quando eu entrei aqui, tinha um conjunto de prédio aqui, verde, se não me falha a memória, verde. E eu falei: Sérgio, se não cuidar disso aqui, isso aqui vai virar uma favela, porque as pessoas... vai caindo aos pedaços, porque as pessoas vão fazendo “gato” na eletricidade, vão puxando um pedacinho para cá, um pedacinho para lá, daqui a pouco, em vez de uma casa, está um muquifo. E ele falou para mim: “Presidente, pois fique sabendo



que o governo do estado já está reformando esses prédios para não permitir que eles se deterioreem”.

Eu, quando subi de helicóptero, que eu ia lá no... que eu no Rio Centro, nós passamos ali, em Pavão-Pavãozinho, e eu vi um elevador, um elevador alto, bonito, um elevador fantástico para trazer o povo lá de cima para pegar o metrô, porque não tem como a pessoa descer naquela ribanceira. Certamente, alguém vai olhar e vai dizer: “Esse Sérgio Cabral, esse Lula e esse Eduardo Paes são uns babacas, porque em vez de gastar dinheiro fazendo um centro de música fino, para rico, fica fazendo elevador para pobre. Pobre tem mais é que engrossar a canela, pobre tem mais é que engrossar a canela, andar, amassar barro”.

Pois bem, vocês, logo, logo, a gente vai inaugurar um teleférico no Complexo do Alemão. Vai inaugurar, para quê? Para que a mulher que vem com uma compra, que vem do trabalho, ela possa chegar em casa em pouco tempo, não tenha que ficar subindo pirambeira para lá ou para cá.

Tem gente que não gosta que a gente gaste dinheiro com isso, tem gente que prefere que a gente invista apenas em Copacabana, apenas na Tijuca. Nós queremos manter Copacabana bonita porque Copacabana é a cara do Brasil no mundo. Mas o povo pobre tem que ser tratado com respeito, decência e dignidade, porque não adianta ter só um pedacinho da cidade bonita, aquela coisa que só quem vai à orla é que vê, e quando a gente olha para o fundo está o povo sendo tratado de forma degradante.

Eu quero dizer isso porque vir aqui, encontrar um centro de formação profissional, encontrar uma UPA. O que mais que tem aqui, Sérgio? UPA, o centro de formação... Não, e o que mais me agrada, Sérgio, é o engajamento da comunidade, participando das coisas. Porque tudo isso só dá certo se a comunidade estiver participando, tudo só dá certo se a comunidade achar que aquilo é dela e, portanto, ela tem que ajudar a cuidar para não estragar e fiscalizar o funcionamento disso.



Mas, uma coisa que eu considero importante é a parceria que nós construímos entre o estado, entre a prefeitura e o governo federal. Eu queria que vocês compreendessem isso. Se a gente tiver um desentendimento entre o prefeito, o governador e a Presidência da República, quem vai sofrer com isso é o povo desta cidade e é o povo deste estado.

Acho que aqui, no Rio de Janeiro, vocês têm experiência de sobra de saber quantas vezes vocês foram enganados, quantas vezes as pessoas vieram aqui e prometeram para vocês o paraíso, quantas e quantas vezes. E quantas vezes terminava o mandato das pessoas e vocês perguntavam: “Não foi feito nada do que ele prometeu aqui”.

Eu, eu fico feliz quando um companheiro como o MV Bill vem aqui para dizer o seguinte: “Presidente, eu não estou aqui para cobrar, porque tudo que nós reivindicamos foi feito”. Mas eu sei que tudo o que nós fizemos é pouco diante do que o povo precisa, é pouco. Portanto, cada vez, cada vez mais, Sérgio, nós temos que fazer mais, são 50 UPAs, são 100 UPAs, são 200 UPAs, não importa. O que nós precisamos, além de médico, é garantir a escola de boa qualidade aqui, é garantir centros culturais aqui.

Governador Sérgio Cabral: Eu esqueci de falar, Presidente, parceria nossa, também, governo federal, grana do senhor, grana nossa aqui, junto com a prefeitura, vamos inaugurar, se eu não me engano em agosto, mas não é “agosto de Deus” não, é agosto mesmo, um restaurante popular aqui, na Cidade de Deus.

Presidente: Então, companheiros, é isso, é isso que importa, vocês cobrando e a gente governando. Eu, na verdade, está faltando, está faltando apenas sete meses para eu terminar o meu mandato, faltam sete meses. Agora, a verdade é que o que eu e esse companheiro aqui fizemos, nesse segundo mandato, a gente só pôde fazer porque a gente estava muito unido e a gente trabalhou



junto. Não tem uma coisa que nós discutimos juntos que nós não concluímos aquilo que a gente acertou.

Por isso, meus companheiros e companheiras, companheiros da Cidade de Deus, é uma alegria, para mim, perceber que o Presidente da República vem à Cidade de Deus e pode olhar para a imprensa, pode olhar para a cara de vocês, pode olhar para o Governador e dizer: “Graças à eficiência da política de segurança deste governador, a gente pode ver a Cidade de Deus pacificada, tranquilamente pacificada, com as crianças voltando à escola e o povo andando na rua à noite”. Vocês viram ele próprio dizer que ainda tem muita coisa para fazer, e a gente vai fazendo na medida em que a gente for aprendendo com vocês.

No mais, eu queria pedir ao Secretário de Saúde que depois abra um pouquinho para esse povo visitar o que é uma UPA. Aí, o povo vai perceber a importância que a gente está tendo com a inauguração dessa UPA.

Querido Sérgio Cabral, um grande abraço, que Deus te abençoe, que Deus permita que você conclua todas as obras. Meu querido Eduardo Paes, que Deus te abençoe. E promessa cumprida: voltei à Cidade de Deus antes de terminar o meu mandato.

Um abraço, gente. Que Deus abençoe todos vocês.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura da 10ª Edição Michelin Challenge Bibendum no Brasil

Rio de Janeiro-RJ, 31 de maio de 2010

Meu caro companheiro e amigo, governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral,

Senhor Yves Saint-Geours, embaixador da França no Brasil,

Senhor Al (incompreensível), embaixador do Sultanato de Omã,

Senhor (incompreensível), ministro dos Recursos Naturais da Rússia,

Companheiros ministros brasileiros que me acompanham neste evento: Armando Meziat, interino do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; Marcio Fortes, das Cidades; Franklin Martins, da Secretaria de Comunicação Social; e Eloi Ferreira, da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial,

Nosso querido companheiro Luiz Fernando Pezão, vice-governador do estado do Rio de Janeiro,

Meu caro amigo e companheiro Eduardo Paes, prefeito da cidade do Rio de Janeiro,

Senhor Michel Rollier, presidente mundial da Michelin,

Senhor Jean-Philippe Ollier, presidente da Michelin da América do Sul,

Nosso companheiro Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira, presidente da Firjan,

Senhoras e senhores executivos e empresários participantes deste fórum,

Senhores jornalistas,

Meus amigos e minhas amigas,



Primeiro, o tema principal para este evento da Michelin – “Todos juntos por uma mobilidade rodoviária sustentável” – é um tema muito atual para o que está acontecendo no Brasil nesse momento. Em primeiro lugar, há algum tempo o Brasil tomou consciência de que precisava fazer uma renovação da sua frota. É importante dizer aos empresários aqui que ainda, muito tempo atrás, Sérgio Cabral, um sindicato de trabalhadores – o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC – propunha ao Sindicato da Indústria Automobilística, em São Paulo, a necessidade de começarmos a discutir a renovação da frota de automóveis no nosso país. Nós temos uma frota com a idade média muito velha, e era preciso a gente, então, para melhorar os níveis de emprego, mas sobretudo para melhorar e diminuir os níveis de emissão de gases de efeito estufa, era preciso que a gente renovasse a nossa frota.

“N” estudos foram feitos até que, depois de muito tempo, nós conseguimos implantar no Brasil, com a participação muito forte da indústria automobilística, o *flex-fuel*, que gerou uma pequena revolução na produção de automóveis no Brasil. Hoje, praticamente 100% dos carros produzidos no mercado brasileiro são *flex-fuel*, e eu penso que não existe mais hoje um brasileiro que não esteja satisfeito. O que é mais importante é que 60% dos usuários de carros *flex-fuel* têm uma preferência pelo etanol, na hora de encher o seu tanque. Significa que o etanol, definitivamente, virou uma parte importante da matriz energética brasileira.

Uma segunda coisa que nós estamos trabalhando já há alguns anos e estamos conseguindo aos poucos é a renovação da frota de caminhões no Brasil. Passamos meses discutindo o que nós iríamos fazer com os caminhões velhos. E aí, Sérgio, a gente descobre que se a gente não ficasse procurando “pelo em ovo” e a gente discutisse apenas aquilo que é mais simples, aquilo que nós poderemos chamar de óbvio, a gente já teria avançado muito na questão da renovação da frota de caminhões no Brasil. Primeiro, porque não é uma preocupação nossa querer vender carro velho. As pessoas que têm carro



velho é que têm que ter a preocupação de vender e elas vão ter que encontrar um comprador onde quer que seja, até que chegue a um desmanche, para ser desmanchado. O papel do governo era o de tentar criar as condições para que novos compradores ou, principalmente, micro e pequena empresa, ou os motoristas autônomos tivessem condições de entrar em uma loja e poder financiar um caminhão novo, que fosse possível de ser pago sem comprometer o orçamento da própria família. Nós conseguimos, em parte. No ano passado, nós reduzimos os juros de 13,5% para 4%, o que é uma coisa extremamente importante. Segundo, nós elevamos as mensalidades, as prestações, para 96 meses de financiamento, o que foi uma segunda coisa importante. Mas ainda falta uma coisa importante que nós não fizemos, e não é fácil de fazer, que é uma mudança na lei: é preciso criar a garantia para que a pessoa que quiser tomar dinheiro emprestado para comprar o caminhão dê a garantia. Hoje, por conta da lei, o caminhão não pode ser dado como garantia, porque é um instrumento... como diríamos na linguagem popular, ele é o ganha-pão do cidadão que tem o caminhão, e ele não pode dar o seu ganha-pão como garantia.

Ora, a lei parece que beneficia o caminhoneiro mas, no fundo, no fundo, na medida que a lei não permite que ele dê o caminhão como garantia, ele, simplesmente, não consegue o crédito para poder financiar o caminhão. Então, ele fica com todas as garantias da lei, mas sem o caminhão novo. Então, esse é um problema que nós ainda vamos ter que tentar resolver porque é necessário criar as condições para a renovação de frota. A indústria que produz o caminhão, ela precisa tentar vender o produto o mais acessível possível e o governo precisa criar as condições para que o caminhoneiro possa comprar, possa pagar, e a gente tenha, rodando nas rodovias brasileiras, caminhões novos e caminhões consumindo menos combustível e emitindo menos gases de efeito estufa.

Esse é um desejo que eu penso que não está longe de ser concluído.



Nós já tivemos uma reunião recente com os motoristas, tivemos uma reunião com o BNDES, levantamos as dificuldades e a quantidade de papéis que é exigida para que um caminhoneiro possa financiar o seu caminhão. No Brasil, ao longo da sua história, teve tanta coisa equivocada, teve tanto calote, teve tanta inadimplência que, hoje, para alguém pegar dinheiro emprestado, só pega quem não precisa de dinheiro emprestado. Quem precisa, tem muita dificuldade.

Então, nós já fizemos muitas mudanças, já... E vocês acompanham que quando nós chegamos ao governo, em 2003, o crédito total disponível no Brasil era de R\$ 380 bilhões, e hoje o crédito é de R\$ 1 trilhão e 500 bilhões. Portanto, o crédito aumentou cinco vezes neste país. Nós criamos o crédito consignado, que hoje já disponibiliza crédito, sobretudo para os trabalhadores e aposentados, mais de R\$ 120 bilhões, e isso tudo está fazendo com que a economia comece a funcionar bem.

Também melhoramos o Finame, que é para também melhorar a possibilidade de as prefeituras renovarem a sua frota de ônibus. Tem frota de ônibus que, na verdade, o ônibus já deveria ser depreciado com cinco anos de uso, e tem ônibus rodando com 20 anos, 18 anos, não só poluindo mais, mas colocando em risco a vida das pessoas. Nós, no ano passado, quando lançamos o Procaminhoneiro, lançamos também uma mudança na frota... no Finame, para facilitar a venda de ônibus para as cidades, e também para facilitar, Sérgio... para a gente vender para a América do Sul, América Latina e para o continente africano. Isso já foi decidido, agora falta encontrar os bancos que vão fazer o financiamento, tanto na África quanto na América Latina.

Uma coisa importante, que demonstra o acerto das políticas públicas, quando elas levam em conta o que as pessoas pensam e o que as pessoas querem. Todos vocês, e certamente o dono da Michelin também, acompanharam o que aconteceu com a crise dos alimentos, ainda em 2008. Sem ninguém explicar por que, o preço do petróleo salta de 60 ou de 30 para



200, a tonelada da soja vai para um preço, eu diria, exorbitante. Ninguém sabia por que, e somente depois é que nós fomos descobrir que o aumento das *commodities* já era resultado do *subprime*, em que as pessoas estavam fugindo da especulação imobiliária para aplicar no mercado futuro, tanto do petróleo quanto dos alimentos. A culpada era sempre a China. Mas, a verdade é que depois nós fomos descobrir que no mercado futuro já tinha uma venda de petróleo igual ao consumo chinês por ano.

Bom, veio a crise, que todo mundo sabe. Mas, como é que nós resolvemos no Brasil? Em julho de 2008, nós propusemos uma coisa chamada Mais Alimentos, e fizemos um programa especial para vender tratores – certamente, com aqueles pneus grandes que a Michelin produz aqui no Rio de Janeiro –, para vender tratores de 78 cavalos para o perfil do pequeno e médio agricultor brasileiro e para a agricultura familiar. Hoje, hoje 80% dos tratores vendidos no Brasil são vendidos por conta desse programa, e nós financiamos em dez anos, com três anos de carência e 2% de juros ao ano, coisa que era impensável no Brasil pouco tempo atrás. Esse programa já vendeu mais de 26 mil tratores e nós, agora, vamos renovar esse programa, porque um programa que teve sucesso como esse, nós não podemos parar. Obviamente que o dono da Michelin só tem que rir porque quanto mais tratores a gente vende, mais pneus a gente vende; quanto mais caminhões a gente vende, mais pneus a gente vende; quanto mais carros a gente vende, mais pneus a gente vende... Então, eu espero que as coisas continuem funcionando da forma como estão funcionando.

Mas não é apenas isso. Nós conquistamos a Copa do Mundo de 2014, nós conquistamos as Olimpíadas de 2016. Portanto, o Brasil terá uma política de mobilidade urbana como poucas vezes já teve na história do Brasil, não só porque as necessidades das Olimpíadas nos impõem, não só porque a Copa do Mundo nos impõe, mas porque a realidade nos impõe isso. Nós somos um país com quase 80% da população morando nos grandes centros urbanos e,



portanto, a questão da mobilidade urbana... Foi por isso que nós criamos o Ministério das Cidades, foi por isso que dentro do Ministério das Cidades nós criamos a Secretaria de Transporte, que era para pensar, nacionalmente, a questão urbana no nosso país.

Eu penso que nós vamos dar salto importante, porque nós não podemos parar mais. Os investimentos nessa área da mobilidade urbana é como se fosse uma carteira de investimentos, ou seja, começam fracos. Na medida que você faz uma carteira forte, a tendência natural é a gente não passar [parar] mais. Qualquer um de vocês, qualquer um de vocês, do dono da Michelin a qualquer jornalista, pode investigar para saber há quantas décadas não se investia neste país em rodovia, como nós estamos investindo agora. Há quantas décadas? Eu diria que nós só tivemos um momento próximo disso, que foi, possivelmente, nos anos 75, ainda no governo Geisel, que investiu tanto que endividou o Brasil e a gente passou 20 anos pagando a dívida, porque tomou dinheiro emprestado a juros de 3% e o Paul Volcker, para resolver o problema da economia americana, aumentou para 21% os juros. A gente, que pagava 3%, passou a pagar 21%, e todo mundo sabe o que aconteceu com as duas décadas perdidas, entre [19]80 e 2000.

Pois isso acabou, isso acabou. Eu posso olhar na cara dos empresários brasileiros, na cara do empresário francês e dizer: isso acabou. Este país aprendeu a tomar conta do seu nariz, este país aprendeu a gostar de si próprio, este país aprendeu a gostar de estabilidade econômica, este país aprendeu a gostar do controle da inflação, este país aprendeu a gostar de fazer distribuição de renda. Este país aprendeu a gostar de acabar com o PIB potencial, que era uma imbecilidade de alguns economistas, que achavam que a economia brasileira não poderia crescer acima de 3%, que a casa caía. Nós, agora, experimentamos que é gostoso crescer mais de 3%, é gostoso crescer 4%, é gostoso crescer 5%, é gostoso crescer 6%. Nós, também, não queremos crescer demais, porque nós não queremos ficar como se fosse uma sanfona:



vai a 10%, volta a 2%; vai a 10%, volta a 2%. Não. O que nós queremos é um crescimento sustentável, que possa durar dez anos, 15 anos, oito anos.

Agora, mais importante ainda, é que se o mundo desenvolvido tem dúvida do que fazer em função da crise econômica, poderia humildemente – eles, que tanto vieram aqui nos dar lição de moral –, vir aqui humildemente aprender como é que se faz política econômica com seriedade, aprender como é que se gerencia um país, combinando exportação com crescimento econômico, combinando controle da inflação com distribuição de renda, e, mais ainda, mostrando que é possível a gente cuidar dos pobres, e não esperar o bolo crescer como se dizia na década de 70: “Deixa o bolo crescer, quando o bolo estiver grande a gente reparte”. Sempre aparecia um engraçadinho para comer o bolo antes dos outros, e quando se pensava em repartir, o que tinha para repartir neste país era pobreza e era miséria. Isso mudou, mudou porque o povo brasileiro ficou mais sério, ficou mais esperto, está mais inteligente, não acredita na mentirada que ele ouve e que ele lê todo santo dia.

Teve um tempo em que no Brasil se criou o tal do formador de opinião pública, que ele cantava na televisão e o pobre lá embaixo fazia: “Agora não”. Agora o pobre pensa pela sua cabeça, anda pelos seus pés, enxerga pelos seus olhos e vê claramente o que está acontecendo neste país. E este país quer dizer a vocês que o que está acontecendo no mundo hoje é um pouco da irresponsabilidade daqueles que passaram a década de 80 e a década de 90 vendendo a ideia de que o mercado era um deus e que o Estado era o diabo. Passados todos esses anos, nem o mercado é deus e nem o Estado é o diabo. Se os dois funcionarem corretamente bem será muito melhor para todo mundo, porque na hora em que o mercado quebrou, o Estado, que estava preparado para entrar na dança, resolveu o problema. Nós, aqui no Brasil, não vacilamos.

Eu lembro do dia em que eu tive que tomar a decisão para comprar a Nossa Caixa, em São Paulo. Diziam: “Lula, você não compre, porque o governador de São Paulo vai ser candidato a Presidente. Você vai comprar a



Nossa Caixa, vai dar dinheiro para ele?”. Eu não estou preocupado se dá dinheiro para quem... eu estou preocupado é [com] o seguinte: o Banco do Brasil precisa voltar a ser o maior banco deste país. E voltou.

Eu lembro quando nós tivemos problema de financiamento de carros usados. Nós precisaríamos vender carro usado para poder comprar carro novo. Nós fomos atrás do Banco do Brasil, o Banco do Brasil me disse: “Olha, nós não temos *expertise*”. Eu fiquei pensando: bom, quando é que a gente vai fazer um curso para dar *expertise* para o Banco do Brasil? Vai levar um ano? Vai. Nesse [um] ano, quebrou tudo. Então, o que eu fiz? Em vez de ficar formando *expertise*, nós compramos o banco que tinha mais *expertise*, que era o Banco Votorantim, que tinha uma carteira de R\$ 90 bilhões de carros usados, de financiamento. Compramos 50%, colocamos *expertise* e nós conseguimos fazer com que a indústria automobilística brasileira saísse da crise de 2008 para bater recorde atrás de recorde em 2009.

Pois bem, essa situação em que nós estamos agora é uma situação que vem de encontro a um momento auspicioso em que eu fui ali ver carro elétrico. Carro elétrico para cá, carro elétrico para lá... ainda... obviamente que ainda não se produz em grande escala, não se sabe ainda se é possível, se alguém vai adotar para produzir em grande escala. Mas, de qualquer forma, é um sinal extraordinário. O mundo está começando a ficar preocupado com o que está acontecendo no planeta Terra. Nós já não sabemos de tudo. Tem chovido demais onde não chovia, tem feito seca demais onde chovia demais, o mar tem enchido mais do que se deveria imaginar, num curto prazo de tempo. As intempéries estão aí: é fumaça negra para lá, fazendo com que os aviões na Europa parem de voar; é o petróleo, nos Estados Unidos, fazendo o maior processo de poluição que a gente tem conhecimento, na história. E os grandes, que sabiam tudo, não sabem como fazer para parar aquele petróleo. Você sabe, Sérgio, que tem que chegar uma nova sonda, fazer um novo poço para poder implodir aquele e tamponá-lo, para poder parar de sair petróleo, senão



vão continuar saindo 5 mil barris de petróleo por dia. Eu acho engraçado como é que a imprensa trata esse negócio. Imagine se fosse a Petrobrás! Imagine se fosse aqui na Baía de Guanabara, o escândalo que o mundo desenvolvido teria feito contra nós! Imagine quantas matérias contra o Brasil, “que não sabe tomar conta do seu nariz”!

Bem, nós... Eu vou terminar dizendo ao presidente da Michelin que quando eu cheguei ao governo eu descobri que o biodiesel tinha sido patenteado pelo nosso querido professor Expedito Parente, na Universidade Federal de Fortaleza, em 1975. De [19]75 a 2003 dá quase 30 anos, 20 e poucos anos. Então, a minha pergunta é saber o seguinte: Por que de 1975 até 2003 não foi estabelecido que o biodiesel iria se transformar em uma matriz energética definitiva deste país? Por que não foi? É porque, na verdade, durante muito tempo se pensou muito pouco este país. Nós, que começamos com B3, atingimos B5 quatro anos [antes] do prazo determinado. E se a indústria automobilística quiser, nós vamos para o B7, vamos para o B8, vamos para o B10.

Eu fui agora ao estado do Pará lançar um programa da produção de palma do dendê, que produz quase 6 mil litros de óleo por hectare, Sérgio. E cada hectare de palma sequestra 26 toneladas de carbono. Ou seja, nós vamos fazer uma grande produção, com incentivo do governo para que a gente possa recuperar toda a área degradada no estado do Pará. Ao todo, são quase 30 e poucos milhões de hectares de terras em que nós poderemos plantar o dendê e fazer biodiesel para o consumo interno e para exportar. Eu acho que é isso que demarca... Eu vi, agora, um caminhão aqui, um caminhão praticamente com biodiesel feito da cana-de-açúcar.

Vocês estão lembrados que há pouco tempo a gente não sabia o que fazer com a cana-de-açúcar. Agora já estamos fazendo etanol de segunda geração, já estamos fazendo biodiesel, já estamos produzindo energia elétrica, já estamos produzindo roupa, já estamos produzindo banco de carro, já



estamos produzindo... graças ao avanço tecnológico a que o mundo está submetido e graças aos avanços da consciência política dos empresários do mundo inteiro, que estão tomando consciência de que se quiserem que as suas empresas cresçam, se quiserem continuar vendendo, se quiserem continuar produzindo, nós vamos ter que preservar o planeta Terra porque já se provou que na Lua não tem ninguém para comprar carro, já se provou que em Marte não tem ninguém para comprar carro. Então, ou nós cuidamos disto aqui e vendemos para nós mesmos, ou nós vamos quebrar a cara. Nos encontraremos, qualquer dia desses, aí, na galáxia, dando tchau um para o outro, e foi-se embora o nosso Planeta.

Por isso eu quero dar os parabéns à Michelin por este evento, e dar os parabéns por ter escolhido o Brasil como sede para fazer este evento, porque eu acho que o Brasil... não é que o Brasil ficou melhor, não é que o Brasil virou a bola da vez, é que o Brasil passou a gostar de si próprio, o Brasil passou a gostar de si próprio, o Brasil passou a entender... Aquele discurso que o Obama fazia na campanha “Nós podemos”, aquilo não é para eles, aquilo é para nós. Na verdade, nós podemos, basta que a gente queira. Não existe limite para a sabedoria humana, desde que a pessoa queira brigar, desde que a pessoa queira fazer.

Eu quero dizer para vocês o seguinte: o Brasil cansou de ser tratado como segunda classe, deixou... “A moda melhor é nos outros países, os outros países poderiam [podiam] tudo, nós não podíamos nada”. Nós cansamos, nós cansamos. Nós temos todas as condições de nos transformarmos numa nação extraordinária, competitiva como qualquer outra nação do mundo. É importante as pessoas saberem que nós queremos continuar sendo humildes, queremos respeitar e queremos ser respeitados. Peguem essa coisa do Irã aí, uma coisa... A divergência do Irã com os Estados Unidos perdura há 31 anos, perdura há 31 anos. Qual foi o mal que fizeram o Brasil e a Turquia? Foi o de convencer o Presidente do Irã a se sentar à mesa para negociar, que era o que



eles queriam que acontecesse. Aí, quando o Irã topa se sentar, eles falam: “Ah, não vale mais”. Então, não é possível fazer política internacional, não é possível fazer as coisas, Sérgio, se não houver um respeito mútuo nas nossas relações.

Eu acho que o Brasil deve muito ao jeito de ser do povo brasileiro. Eu lembro que eu estava vendo uma corrida de Fórmula Indy, esta semana, e o carro de um brasileiro quebrou, daqueles brasileiros que falam um pouco americanizado. O Jaime Lerner deve saber como é. Parece que ele tem uma bola, assim, na boca, que fala... nem português e nem inglês, mas dá para a gente entender. O carro dele quebrou e foram perguntar para ele o que ele... se ele estava feliz; ele tinha chegado muito atrasado, o carro tinha recuperado. Ele falou: “Olha, eu estou satisfeito porque eu sou brasileiro e não desisto nunca”. Vocês estão lembrados que esse foi um *slogan* que nós arrumamos, no começo do governo, que colocávamos o Ronaldo Nazário dizendo “Sou brasileiro e não desisto nunca”. Por que é que nós fizemos isso? Para a gente recuperar a autoestima deste país.

Portanto, a vocês empresários, aos trabalhadores deste país nós devemos muito, Sérgio, e devemos uma coisa extraordinária... Quem é que está morando no Rio hoje, que não percebe, visivelmente, que o Rio mudou de cara? Era impossível cuidar da segurança do Rio? Era impossível quando tinha governo que não queria cuidar da segurança. Vocês todos aqui poderiam – neste dia que vão ficar aqui – acertar com o Prefeito e dar uma subida na favela do Alemão, no complexo de Mangueiras, no Pavão-Pavãozinho, na Rocinha, para vocês verem que dentre todas as políticas que faz o Governador, de colocar mais polícia nas favelas, de ordenar a segurança pública, vocês vão ver a presença do Estado dentro da favela: é o Estado com escola, é o Estado com formação profissional, é o Estado com biblioteca, é o Estado com saúde, é o Estado com polícia, mas, sobretudo, é o Estado com esperança, trabalhando juntos – prefeito, governo estadual, governo federal –



porque não existe outro jeito de a gente tornar os lugares degradados mais humanizados, se as pessoas não sentirem que nós estamos fazendo as coisas por elas.

Quando a Michelin resolve fazer o seu encontro “Challenge Bibendum” aqui no Rio de Janeiro, eu queria agradecer porque vocês estão dando um voto de confiança a tudo que nós estamos fazendo neste país.

Um abraço e bom encontro.

(\$211A)